

FRANCISCO DE ASSIS MOREIRA

O DIALETO CAIPIRA DE AMADEU AMARAL

e suas reminiscências na linguagem
de regiões rurais da zona da mata mineira



***O DIALETO CAIPIRA DE AMADEU AMARAL E SUAS
REMINISCÊNCIAS NA LINGUAGEM DE REGIÕES
RURAS DA ZONA DA MATA MINEIRA***



Pedro & João
editores

FRANCISCO DE ASSIS MOREIRA

***O DIALETO CAIPIRA DE AMADEU AMARAL E SUAS
REMINISCÊNCIAS NA LINGUAGEM DE REGIÕES
RURAS DA ZONA DA MATA MINEIRA***



Pedro & João
editores

Copyright © Franciso de Assis Moreira

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Francisco de Assis Moreira

O dialeto caipira de Amadeu Amaral e suas reminiscências na linguagem de regiões rurais da zona da mata mineira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 194p.

ISBN 978-65-5869-126-6 1 [Digital]

1. Variedade linguística. 2. Sociolinguística. 3. Dialetoлогия. 4. Produção intelectual. I. Título.

CDD – 410

Capa: Andersen Bianchi

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, por introduzir-me no mundo da leitura, sendo minha primeira professora, pelo apego aos livros e à valorização dos estudos que despertou em mim. Dedico também a minha família, abrigo, suporte e motivação dessa empreitada.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, trago o meu agradecimento a todos que participaram desta importante etapa de minha vida e àqueles que em qualquer momento desta trajetória contribuíram para sua realização.

Agradeço a Deus, pela força nos muitos momentos de desânimo

Com um carinho muito grande, agradeço a minha esposa, Lenice Alves, companheira e porto seguro em todos os momentos desta trajetória e os meus queridos Júnior, Thales e Letícia, filhos muito amados, pela compreensão das minhas ausências e angústias ao longo do trabalho.

A minha Mãe, Dona Francisca (*in memorian*) e meu Pai, Sr Francisco (*in memorian*), por me criarem no caminho do respeito ao próximo. A minha Mãe, minha professora primária até a terceira série, por inculcar em mim o gosto pela leitura.

Um agradecimento especial a minha professora e orientadora, Edila Vianna da Silva, pela dedicação e compromisso na orientação desta pesquisa, o acompanhamento de maneira efetiva deste percurso, sua paciência com minhas dificuldades e pela confiança depositada em mim

À Universidade Federal Fluminense, aos docentes e funcionários da área de Estudos de Linguagem, pela oportunidade de realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo suporte financeiro ao programa DINTER, que possibilitou a realização desta pesquisa.

Ao Campus Rio Pomba, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, na pessoa de seu Diretor, por não medir esforços na qualificação dos servidores, docentes e técnicos.

Aos participantes da pesquisa, pela boa vontade e paciência em responder à longa entrevista, a acolhida educada e afetuosa ao pesquisador, pelas informações prestadas e o interesse em participar deste trabalho.

À Pró-Reitoria de Pesquisa do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, na pessoa do pró-reitor à época, Professor Frederico Souzalima, pelo empenho na parceria com a Universidade Federal Fluminense, tornando possível a concretização do sonho de cursar o doutorado em uma instituição tão conceituada.

Aos amigos do doutorado com os quais compartilhei experiências, preocupações e alegrias. E a tantos outros amigos que sabem da importância e da força que me deram nessa caminhada.

Um agradecimento especial a três amigos: Roderta Vecchi, Gilson Toledo e João Paulo. À Roberta, por dividir comigo preocupações referentes à pesquisa, por sugestões ao trabalho, pela conversa amigável no longo trajeto entre Rio Pomba e Niterói e Rio Pomba a Juiz de Fora. Ao amigo Gilson, também pela companhia, por compartilhar as dúvidas e preocupações e por sua ajuda na reprodução do material de estudo. Ao João Paulo, por sua inestimável ajuda na formatação e diagramação deste trabalho. Agradeço imensamente aos três!

Obrigado!

PREFÁCIO

CONSERVAÇÃO DE ASPECTOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS EM REGIÕES DA ZONA DA MATA MINEIRA

Edila Vianna da Silva¹

Foi com grande satisfação que recebi o convite do Professor Francisco de Assis Moreira, para prefaciar a presente obra, que constituirá, sem dúvida, importante contribuição para o enriquecimento das noções sobre o português do Brasil.

Nos capítulos, que comprovam a permanência do assim chamado “dialeto caipira” na linguagem de regiões da zona rural da mata mineira, especificamente nos municípios de Silveirânia e Dores do Turvo, o autor da tese ora publicada parte de itens lexicais registrados em *O dialeto caipira*, que completou 100 anos de publicação em 2020. A obra, escrita por Amadeu Amaral, nas palavras do seu autor, pretendia “caracterizar o dialeto “caipira””, mas foi muito além, pois desencadeou um movimento científico que está longe de esgotar-se. Refiro-me aos estudos dialetológicos do Português, nos quais a presente tese se insere.

Partindo de concepções teóricas modernas, O professor Francisco comprova que o referido dialeto está presente em uma área geográfica bem maior do que supunha Amadeu Amaral, que o considerava um aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo.

Com o suporte teórico da Sociolinguística, cujo tema central é o estudo da variação linguística e os fatores socioculturais e linguísticos que a condicionam, a pesquisa aprofundou a análise dos dialetos das localidades objeto da investigação. Esse mergulho nas comunidades propiciou não só o registro de variados usos linguísticos referentes à cultura da região, mas, como

¹ UFF. Email: edilavianna@gmail.com

consequência, permitiu delinear a identidade dessas comunidades isoladas durante longo tempo, com suas peculiaridades, que se manifestam no léxico empregado.

Para essa tarefa, uma vez que trata do registro e da sistematização dos traços linguísticos dos dialetos bem como procura interpretá-los, a tese recorreu igualmente aos princípios da Dialectologia, que lhe propiciou o desenvolvimento de generalizações e conclusões.

Partindo do léxico coligido na obra de Amadeu Amaral, a pesquisa se ocupou da descrição e posterior interpretação do vocabulário falado pelas comunidades linguísticas dos municípios mineiros referidos, não só por meio da leitura de material teórico sobre o método da pesquisa mas também pelo trabalho de campo, levado a cabo nas comunidades de fala em estudo.

Muitos conceitos essenciais das teorias abraçadas foram discutidos e notas sobre a história dos estudos dialectológicos no Brasil foram apresentados, o que faz da presente obra uma referência bibliográfica importante para outros estudos de natureza semelhante, especialmente porque a Dialectologia, apesar de sua relevância para o conhecimento do português do Brasil, hoje parece não atrair tanto os jovens cientistas da linguagem.

A metodologia do trabalho teve como suporte bibliografia farta e atualizada e seguiu os procedimentos adotados na elaboração do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Dessa forma, aplicaram-se questionários compostos de 200 vocábulos, dentre os compilados por Amadeu Amaral, a 30 informantes, distribuídos por três faixas etárias com dez entrevistados, divididos equitativamente entre homens e mulheres, com a finalidade de verificar a permanência das palavras e expressões ditas “caipiras” no falar das regiões selecionadas para a pesquisa.

Após a recolha das 6000 respostas, devidamente analisadas, a pesquisa demonstrou que o dialeto caipira ainda resiste, embora sofra, como é natural, a influência das mudanças culturais e econômicas, que ocasionam a perda de muitos aspectos da cultura local e conseqüentemente o desaparecimento do léxico que os designa.

Trata-se de um trabalho de fôlego, importante entre os estudos das falares brasileiros, que a par de rigorosa pesquisa é vazado em texto de leitura agradável, que recomendo.

Finalizando essas palavras de apresentação da tese que tive o privilégio de orientar, peço emprestadas as palavras de seu autor que enfatizam a relevância não só linguística, mas também cultural de trabalhos desta natureza, ao afirmar a “necessidade do aprofundamento de pesquisas de cunho sociodialetoal ou geosociolinguístico sobre o léxico, pois nos permite a documentação e o registro da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil”.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. ABORDAGEM TEÓRICA	19
1.1 Sociolinguística	21
1.2 Dialetologia	35
1.2.1 Conceitos	37
1.2.2 Periodização dos estudos dialetológicos no Brasil	41
1.2.3 Dialeto, falar, linguajar	47
1.2.4 Dialeto caipira	52
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	67
2.1 Coleta dos dados	80
2.2 Análise dos dados do pré-teste	82
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	85
4. CONCLUSÕES	113
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
6. REFERÊNCIAS	119
7. ANEXOS	127
7.1 Termo de consentimento livre e esclarecido	127
7.2 Entrevista	129
7.3 Mapas	142
7.4 Transcrição das entrevistas	145

INTRODUÇÃO

O forte instinto de sociabilidade humana dificilmente se expressaria sem o recurso da linguagem. Através dela é que firmamos o nosso contrato social, regulando nossa vida em sociedade e também, de uma maneira geral, por sua função primária, organizamos o mundo ao nosso redor, cognitiva e discursivamente. Estes processos de categorização, permitindo a organização discursiva de nossa experiência, se instituem de forma arbitrária por meio de convenções e adaptações a uma realidade cultural e social, específicas de um determinado tempo e espaço. O estabelecimento dos limites entre língua, sociedade e cultura pode apresentar dificuldades devido a sua intrínseca inter-relação, e, além disso, o fator diatópico contribui também para a diluição desses limites ao favorecer o surgimento de variedades utilizadas por determinados grupos socioculturais, que diferem da norma mais prestigiada. Na visão de Aragão (2013), ao estudarmos as variedades regionais, ou diatópicas, deveremos incluir, a priori, o grupo social que detém aquela variedade. Isso significa que deverão ser também objeto de estudo as variações sociais ou diastráticas bem como as estilísticas, ou diafásicas, posição corroborada por Hudson:

A língua tem uma função social, quer como meio de comunicação e também como um meio de identificação de grupos sociais e estudar a fala sem referência à sociedade que a usa é excluir a possibilidade de encontrar explicações sociais para as estruturas que estão sendo usadas. (1980, p. 43²).

Quando estudamos língua e sociedade em um grupo de fala, ou em determinada comunidade ou região sob a perspectiva do uso e não como um sistema linguístico percebemos a variação

² Language has a social function, both as a means of communication and also as a means of identifying social groups and to study speech without reference to the society that uses it is to exclude the possibility of finding social explanations for the structures that are being used.

linguística, que pode ocorrer nos níveis fonológico, morfossintático ou semântico, sob a influência de aspectos sociais, estilísticos, pragmáticos e culturais nesse recorte em estudo. Os sujeitos usuários destas variedades ocupam espaços sociais específicos num dado contexto sócio-histórico e transitam em diferentes situações comunicativas, não só expressando e traduzindo pensamentos e sentimentos, compartilhando informações, mas principalmente atuando uns sobre os outros através da linguagem. Estas variantes linguísticas detectadas podem estar estabilizadas no sistema ou, ao contrário, em processo de mudança.

Uma vez que nossos traços linguísticos e socioculturais guardam a nossa história, os nossos costumes, nossos sentimentos e, principalmente, delineiam a nossa identidade nacional através da linguagem, procurou-se-se nesta obra conhecer parte do universo bastante variado que é a língua falada no Brasil. Tendo como base a obra de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, pretende-se verificar a ocorrência, principalmente, de características lexicais coincidentes entre a linguagem retratada na obra e a linguagem ainda falada em partes da Zona da Mata de Minas Gerais, especificamente nos municípios de Silveirânia e Dores do Turvo, devido ao isolamento geográfico a que essa região foi submetida durante muito tempo.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que trabalhou-se em direção oposta à hipótese aventada por Amaral de que o dialeto caipira estava fadado à extinção, uma vez que, de acordo com suas palavras

[...] Mas essa evolução já não será a do dialeto caipira. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares. (1982, p. 6).

No mundo globalizado, onde há uma tendência de padronização cultural em todas as sociedades e a cultura do descartável é institucionalizada, cumpre-se uma pequena pausa para pesquisar termos linguísticos que remetem às nossas origens, termos estes que se

encontram espalhados pelo território brasileiro e trazem características originais de nossa língua. O uso dessas palavras, expressões, formas de se construir frases e também o que alguns consideram corrupções da língua, encontra-se hoje, em sua maioria, enclausurado em rincões, empregado por pessoas de faixa etária mais elevada.

Estariam esses termos em seus últimos momentos? Na possibilidade de esses termos desaparecerem da língua, quais as consequências do fato? Haveria um empobrecimento linguístico ou poderíamos considerar apenas como um fato corriqueiro na evolução da língua?

Quaisquer que sejam as respostas a estas indagações, entende-se o desenvolvimento da pesquisa ora apresentada como fator auxiliar na ampliação do entendimento dos processos linguísticos que regem a evolução de uma língua, os mecanismos que favorecem a preservação ou a extinção de termos da linguagem, procurando-se compreender a expansão e manutenção de variantes da linguagem e seu território de abrangência, num mundo onde barreiras que tiveram grande significância no passado não mais existem.

A estruturação do texto foi construída sobre a fundamentação teórica da Sociolinguística e da Dialetoлогия, uma vez que tratam de variação da linguagem: regionalismos, dialetos e falares e dos elementos conceituais que as compõem. Serão consideradas especialmente as contribuições de Labov (2008), bem como as contribuições de Mollica & Braga (2003), Cardoso (2006, 2010), entre outros.

Devido o seu caráter abstrato/teórico, a argumentatividade textual desenvolveu-se sob a forma descritiva e qualitativa e alicerçou-se sobre a pesquisa bibliográfica em livros, dissertações, teses, artigos, revistas e outras fontes que contribuíram para referenciar teoricamente o objeto de estudo. Cumprida a fase de lastreamento teórico, a pesquisa foi direcionada para a fase de campo, contactando-se as comunidades cujos falares foram objeto de análise.

Resumidamente, o trabalho seguiu o seguinte roteiro: no primeiro capítulo, trabalhou-se a abordagem teórica, com ênfase na Sociolinguística, seu surgimento como ciência e seu conceito

fundamental, a variação linguística. Da Dialetologia, após um breve histórico, teceram-se observações sobre os estudos dialetológicos no Brasil e sua periodização, o entendimento do que possa ser regionalismo, os conceitos de dialeto, falar, linguajar, que às vezes se sobrepõem, bem como o que pode ser considerado e definido como a identidade e o dialeto caipira. No segundo capítulo, apresentam-se os aspectos metodológicos, a seleção dos informantes, a elaboração da entrevista e a coleta dos dados. No terceiro capítulo encontram-se descritos e analisados os dados coligidos; no quarto capítulo, temos as conclusões. No quinto capítulo, expõem-se breves considerações finais.

Como o objetivo central dessa pesquisa é verificar características lexicais coincidentes entre o falar dos habitantes da Zona da Mata de Minas Gerais, especificamente de comunidades dos municípios de Silveirânia e Dores do Turvo, e a linguagem retratada na obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, o material de análise é primordialmente a fala, transcrita após a realização de entrevistas semiestruturadas com os habitantes dessas comunidades, selecionados com base em critérios definidos, conduzidas pelo pesquisador e também gravadas. De posse desse material, foram feitas as filtragens e as análises pertinentes, de acordo com os objetivos do trabalho, tabulando-se os resultados e elaborando-se as conclusões.

Buscou-se nessa pesquisa um conhecimento maior sobre os dialetos rurais mineiros e, por consequência, sobre a realidade linguística do Brasil, bem como assinalar possíveis coincidências entre o falar das comunidades citadas e o falar caipira retratado na obra de Amadeu Amaral, com a finalidade de se registrarem características lexicais coincidentes. Outro aspecto que se procurou averiguar é a suposição de que o dialeto caipira retratado por Amadeu Amaral possui área de abrangência maior do que supunha o autor, alcançando partes de Minas Gerais, além de verificar a hipótese aventada por ele de que o dialeto caipira estava condenado ao desaparecimento.

1. ABORDAGEM TEÓRICA

Neste capítulo são abordados os dois referenciais teóricos nos quais se alicerça o trabalho, a Sociolinguística e a Dialetoлогия. A eleição desses dois ramos da ciência linguística como lastro da pesquisa ocorre principalmente por, entre outros aspectos que abordam, a primeira conceituar a indissociabilidade entre os fenômenos da linguagem e o contexto social e a segunda, em especial por sua capacidade de delimitar geograficamente uma dialeção linguística. A contribuição de cada uma dessas vertentes amplia o nosso entendimento sobre a variação linguística, em seus aspectos cronológicos, espaciais, coletivos e também individuais.

Quando se estuda a língua dentro de um parâmetro social, tem-se numerosas oportunidades de observar a variação linguística, encontrada em diversas composições socioculturais e nos distintos aspectos constitutivos da língua, sejam eles fonológicos, semânticos, sintáticos ou lexicais. Observa-se a variação também referente em regiões ou espaços geográficos, relacionada aos falantes e ao estilo de fala. É perceptível em acontecimentos comunicativos, nos variados tipos de texto e no espaço sociolinguístico em que se produz o fenômeno da linguagem. Assim, faz-se necessária a contribuição da Sociolinguística, com informações a respeito dos utentes da língua e de seu comportamento.

Essa ciência toma como ponto de partida um agrupamento de pessoas que compartilham o mesmo conjunto de normas referentes ao uso do sistema linguístico e interagem verbalmente, compondo uma comunidade de fala. A visão sociolinguística integra, de forma indissociável, a natureza e a função social da linguagem aos estudos linguísticos, elegendo a atuação do indivíduo no uso da linguagem e dos condicionamentos próprios ao seu posicionamento social (classe social, sexo, educação, idade e ocupação) como determinantes das variações linguísticas

existentes dentro da língua. Isso posto, pode-se entender que, em qualquer língua em uso por determinada comunidade, a variação estará sempre presente.

As línguas não se apresentam como entidades homogêneas, sempre se constituem por um conjunto de variedades e a análise dessa heterogeneidade é que a Sociolinguística procura sistematizar, por isso, os objetivos fundamentais da pesquisa sociolinguística se concentram na análise e sistematização de variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala. Dessa forma, a Sociolinguística configura-se como o ramo da linguística que se ocupa do encadeamento entre a língua e a sociedade, que passa a ser trabalhado com maior profundidade e acurácia a partir dos anos de 1960, por William Labov.

Na segunda parte deste capítulo são tecidas algumas considerações a respeito da Dialetoлогия, outra ciência fundamental no suporte teórico a este trabalho. Trata-se de uma segmentação da linguística amparada por longa tradição e metodologia sólida, necessária para se definir e mapear os espaços geográficos nos quais se encontram presentes determinados usos de formas linguísticas, que podem se mostrar em sua forma léxica, fonológica, sintática ou morfológica. A pesquisa dialetológica ocupa-se então da identificação, descrição, interpretação e análise de fenômenos linguísticos circunscritos em um espaço geográfico limitado. E, nessa pesquisa, aspectos que atraem sobremaneira a atenção da Dialetoлогия são as diferenças entre os falares regionais, ditas diatópicas e, em uma fase mais recente dos estudos dialetológicos, as diferenças entre os falares sociais, que podem ser ocasionadas por fatores como a idade, gênero e nível sociocultural, entre outros. Pode-se identificar alguns aspectos que se destacam nos estudos dialetológicos, como por exemplo a origem dos indícios diferenciadores em uma língua, o fracionamento de uma língua e a padronização da língua em regiões de contato bilíngue.

No âmbito geográfico, a Dialetoлогия caracteriza a variedade apresentada por uma língua em seu domínio espacial, ao demonstrar que seus usos delimitam diferenças regionais

demarcando uma área pelo contraste a outra, ou, por outro lado, pelas similaridades existentes entre elas, quer coexistam geograficamente em um mesmo país, quer sejam cortadas por fronteiras geopolíticas. A Dialectologia tem como principal objetivo o estudo da dialeção de uma língua através dos espaços geográficos, mas sem se esquecer que outros fatores influem nessa variação, como a geografia humana, a economia e a cultura, como plano de fundo das ações sociais, nas quais se delineiam os comportamentos linguísticos dos falantes. A Dialectologia, mediante suas pesquisas sobre variações geolinguísticas e com suas novas perspectivas relacionados à variação social, traz informações essenciais da língua na sociedade.

1.1 Sociolinguística

Os estudos linguísticos, em sua maioria, preocuparam-se por longo tempo com os métodos formais de descrição e concentraram-se nas relações internas dos fenômenos linguísticos, desconsiderando os fatores extralinguísticos. Tal posicionamento deve ser considerado dentro de razões de natureza histórica, contextualizado no ambiente acadêmico situado por aqueles que se propuseram a pensar o fenômeno linguístico. Desta forma, há a necessidade de se levar em conta que os estudiosos do fenômeno linguístico se postularam teoricamente em paralelo ao espaço temporal e o fazer científico da tradição cultural em que estavam imersos. Analisados sob este prisma, os estudos sobre a linguagem, contemporâneos ou pretéritos, são reflexos de conceitos particulares do acontecer linguístico, mediados pelo entender distinto de seu papel na vida social. De uma forma menos abstrata, significa dizer que as teorias a respeito da linguagem definem a cada época e a sua maneira própria, a natureza e as principais características do fenômeno linguístico, bem como o modo de descrevê-lo e analisá-lo (ALKMIM, 2004, p. 22).

Muito embora ligada intrinsecamente à questão de se determinar o objeto de estudo da Linguística, a relação entre

linguagem e sociedade nem sempre foi protagonista nesse papel. Saussure, mesmo considerando a língua como um fato social, na forma de um sistema convencional que os indivíduos dominam através do convívio social, imprime à Linguística do século XX, através de seu *Curso de Linguística Geral*, em 1916, o viés estruturalista, excludente de “toda consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico” (ALKMIM, 2004, p.23).

Para Saussure, a etnologia, história e política são fatores importantes a se considerar, mas prioriza as características formais e estruturais do fenômeno linguístico e instaura uma oposição entre Linguística Interna e Linguística Externa ao afirmar que o estudo das características externas do fenômeno linguístico é produtivo, mas não é indispensável ao conhecimento do organismo linguístico interno. Essa dicotomia cindirá, de uma forma marcante, os estudos linguísticos modernos, onde teorias linguísticas apoiadas na estrutura do organismo linguístico divergem de teorias linguísticas apoiadas no contexto sociocultural.

A rigidez paradigmática da abordagem saussuriana provocou aos poucos releituras entre os linguistas. As frestas teóricas ou os espaços não cobertos pela teoria estruturante de Saussure tornaram-se bastante atraentes a outros estudiosos da linguagem e possibilitaram o surgimento de novos pontos de vista. O tratamento dado à fala pela proposição saussuriana, não teve o apoio de alguns estudiosos que viam nesse aspecto marginal a sua abordagem, um componente essencial na construção do fenômeno linguístico.

Tais reações se materializaram em diversas correntes linguísticas, como o Funcionalismo, a Sociolinguística, o Sociocognitismo, a Análise do Discurso, a Linguística Textual, entre outras formas de abordagem. Uma característica comum a essas correntes é a divergência, mais ou menos áspera, a alguns aspectos do Estruturalismo.

Na virada do século XIX para o século XX, o linguista alemão Hugo Schuchardt chamou a atenção para aspectos que viriam a ser abordados pela sociolinguística, como a grande variedade de fala

observada em qualquer comunidade. Essa diversidade seria condicionada por fatores tais como gênero, nível de escolaridade, idade, classe social, dentre outros e Schuchardt já percebia a influência recíproca desses fatores. (*apud* FARACO, 1991, p. 96).

Os estudos de natureza formal de certa forma predominaram no século XX, mas tal fato não impediu que estudos apoiados em uma perspectiva social surgissem aqui e acolá, capitaneados por outros linguistas, como por exemplo Meillet, que mesmo discípulo de Saussure, considera a história das línguas indissociável da história da cultura e da sociedade, como se vê em um excerto de sua aula inaugural no *Colège de France*, em 1906:

Ora, a linguagem é, eminentemente, um fato social. Tem-se, frequentemente, repetido que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhes atribuir uma existência autônoma, um ser particular. Esta é uma constatação óbvia, mas sem força, como a maior parte das proposições evidentes. (*Apud* ALKMIM, 2004, p.24).

Bakhtin, em 1929, acrescenta a noção de comunicação social aos estudos linguísticos, opondo-se de maneira veemente ao posicionamento de Saussure ao afirmar que “A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticasmas pelo fenômeno social da interação verbal” (1990, p. 123).

Jakobson apresenta seu ponto de vista a respeito da relação entre linguagem e sociedade, no qual a comunicação destaca-se em importância, ligada aos fatores componentes do ato verbal, composição essa que pode ser representada por qualquer um dos elementos do processo comunicativo, sejam o emissor, o destinatário, a mensagem, o contexto, o canal, o código (2008, p.123.) É também um firme opositor ao princípio da homogeneidade advogado por Saussure e adotado pela linguística.

A postura saussureana de que é necessária a separação de aspectos internos e aspectos externos no estudo das línguas é assumida pelo francês Marcel Cohen, em 1956, na publicação de *Pour une sociologie du langage*, republicado em 1971 sob o título

Matériaux pour une sociologie du langage. Nessa obra afirma a realização dos fenômenos linguísticos no ambiente variável dos acontecimentos sociais. Embora concorde com Saussure a respeito da necessidade da separação de aspectos internos e aspectos externos na análise do fenômeno linguístico, Cohen se debruça sobre os fatores externos ao estudar a relação entre linguagem e sociedade e estabelece uma gama variada de tópicos interessantes a uma abordagem sociológica da linguagem como:

O estudo das relações entre as divisões sociais e as variedades de linguagem, que permite abordar temas como a distinção entre variedades rurais, urbanas e de classes sociais, os estilos de linguagem (variedades formais e informais), as formas de tratamento, a linguagem de grupos segregados (jargão de estudantes, de marginais, de profissionais, etc.) (ALKMIM, 2004, p.26).

Uma breve menção (em extensão, não em importância) deve ser feita ao renomado linguista francês Émile Benveniste, outro nome presente no cenário dos estudos de linguagem a destacar o caráter social do fenômeno linguístico. Sua forma de pensar a linguagem teve profunda influência na Linguística francesa contemporânea, notadamente no campo da Análise do Discurso. Para o autor, a língua, o indivíduo e a sociedade são inseparáveis uma vez que “[...] é dentro da e pela língua, que indivíduo e sociedade se determinam mutuamente.” (Apud ALKMIM, 2004, p. 26). Há ainda, na visão de Benveniste, a dimensão privativa da linguagem, situando-a “num plano especial: seu poder coercitivo, que transforma um agregado de indivíduos em uma comunidade, criando a possibilidade da produção e da subsistência coletiva.” (Idem, op.cit. p.27). A forma de abordagem dos estudos de linguagem para o referido autor implica que tais estudos devem se inserir no contexto social, refutando, assim, a característica abordagem imanente dos formalistas.

A Sociolinguística anuncia sua origem ao longo do século XX, embora a princípio como uma voz dissonante ao panorama linguístico que se apoiava teoricamente na inflexibilidade do sistema estrutural da linguagem. Tal rigidez paradigmática

possibilitou o reavivamento do interesse em temas tidos como periféricos; a semântica tornou-se mais uma vez um assunto legítimo e diversos questionamentos foram apresentados à sintaxe sobre o status das frases como atos de fala (AUSTIN,1990)³, bem como a relevância de alguns problemas teóricos básicos da natureza da gramática e sua participação na competência verbal dos falantes. Mais recentemente, com o advento da informática, tentou-se aplicar na prática o conceito de equivalência gramatical, uma vez que, nos moldes do estruturalismo, imaginava-se que a tradução pudesse ser realizada mecanicamente através da substituição de uma estrutura gramatical em uma determinada língua por uma forma gramatical equivalente em outra língua, uma vez que teriam, todas elas, uma base comum na estrutura biológica da mente humana. Tal concepção revelou-se ineficaz em sistemas informatizados de tradução, ainda bastante distantes de sua finalidade (FERRAREZI JUNIOR, 2018).

A partir da década de 1960, verifica-se um crescimento exponencial de conferências, simpósios interdisciplinares, estudos e monografias que procuram abordar a diversidade de relações entre língua e sociedade, o que traz um aprofundamento sobre as pesquisas orientadas às atitudes em relação à linguagem, política e política linguística e outras disciplinas tangenciadas até o momento. (HYMES, 1972, p.35). Tal interesse na análise de aspectos sociais da linguagem mostrou-se promissor, com dados abertamente linguísticos trazidos por cientistas sociais quanto ao estudo do comportamento e atitudes expressadas. Por outro lado, os linguistas começaram a notar que muitas questões a respeito de mudança de idioma, educação e política

³ O Grupo de Oxford, composto principalmente por Gilbert Ryle (1900-1976), Peter Frederick Strawson, Willard van Orman Quine (1908-2000), incluindo o próprio Austin, voltou-se exclusivamente para o campo linguístico, com toda interpretação filosófica filtrada pelo prisma da análise da linguagem. Os críticos dessa posição chegaram a denunciar que esses autores, estavam reduzindo a filosofia a uma ciência da linguagem ou a transformando em lexicografia Disponível em (http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=60)

não poderiam ser resolvidas a contento sem informações sobre os fatores sociais que afetam a fala.

Assim, nesse ambiente acadêmico em que a preocupação com a relação entre os fatores sociais e a linguagem se materializava em diversos estudos, surge uma nova forma de abordagem linguística, a Sociolinguística. Essa nova ciência tomou substância a partir de 1964, após a realização de um congresso organizado por William Bright, tendo como participantes vários pesquisadores que se dedicavam ao estudo da relação entre linguagem e sociedade, como John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fischer e José Pedro Rona, entre outros. Nesse congresso foram apresentados estudos que se pautavam pela hipótese de que a Sociolinguística deve demonstrar a relação sistemática entre variações linguísticas e estratificação social, ou seja, relacionar as variações linguísticas perceptíveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura dessa mesma sociedade.

Muito embora corporificando-se como um ramo da Linguística a partir do congresso citado, a Sociolinguística constituiu-se graças ao retorno de estudiosos e pesquisadores a uma vertente de estudos inaugurada no início do século XX por Franz Boas (1911), sendo sequenciada por Edward Sapir (1921) e Benjamin L. Whorf (1941), seus seguidores mais destacados. Essa vertente, conhecida como Antropologia Linguística, colocava como inseparáveis linguagem, cultura e sociedade, integrando em um mesmo trabalho linguistas e antropólogos (ALKMIM, 2004, p.29).

Dessa forma, o que se tem de novo é um campo que delimita especificamente o fenômeno linguístico no contexto social que se revela de uma forma mais completa através da análise conjunta de linguistas e estudiosos das ciências sociais.

A denominação “sociolinguística” associou em seu surgimento estudiosos de diversos campos do saber, voltados para aplicações pragmáticas derivadas do fenômeno linguístico na sociedade norte-americana. Surgem, então, estudos linguísticos voltados para a questão dos imigrantes, bem como estudos sobre

as causas do baixo desempenho escolar de grupos situados desfavoravelmente na escala social.

Ao se estabelecer que a Sociolinguística é um campo distinto, torna-se explícita a afirmação de que existem problemas e tipos de dados linguísticos que não foram adequadamente considerados anteriormente. A linguagem se faz presente em todos os espaços sociais e sua tentativa de descrição é uma das mais antigas empresas científicas do homem. Mas o que seria descrever um sistema sociolinguístico e em que proporção isso se diferencia da construção da gramática de um idioma ou dialeto, estabelecer o alcance geográfico de dialetos, analisar relações históricas, ou estudar as múltiplas variedades de fala particulares a grupos étnicos ou classes sociais pertencentes a determinada região? Da variedade do comportamento verbal, em quais a atenção deve ser concentrada, e, nos dados observados, quais conceitos utilizar para sua classificação?

Priorizar grupos humanos, ao invés da gramática por si só, não implica descuidar-se de uma análise linguística criteriosa, mas implica diferentes abordagens do fenômeno linguístico por linguistas e sociolinguistas. Os linguistas consideram que relação entre a forma linguística e o valor linguístico resulta em um signo linguístico; os sociolinguistas percebem que da relação entre uma forma e um valor sociolinguístico resulta uma característica sociolinguística (HYMES, 1972). Enquanto a linguística tem-se ocupado principalmente com o desenvolvimento de análises da estrutura da linguagem como um código referencial, não se concentrando no significado social, a diversidade e o uso, sociolinguistas relacionam a linguagem à categorias sociais ou como mediação entre a linguística e ciências sociais como um todo.

Visto que a Sociolinguística procura demonstrar a relação sistemática entre variações linguísticas e estratificação social, conforme já se mencionou anteriormente, uma de suas preocupações é determinar em que nível uma variante linguística de uma sociedade, comunidade ou de um grupo de fala é estável ou está em mutação, interpretando seu comportamento descritivamente. Desta forma, a análise sociolinguística envolve a

língua em uso. Vista externamente à dinâmica do discurso, que abrange falante, ouvinte e ambiente comunicativo, transforma-se em abstração. Essa visão externa torna difícil (ou mesmo impossível) quaisquer análises que levem a resultados adequados a esclarecer as relações entre a língua e seus usos sociais.

O estudo da variação linguística tem sido bastante desenvolvido no Brasil, dada a sua heterogeneidade linguística e cultural, fato que constitui um ponto de partida básico para um número expressivo de estudos sociolinguísticos presentes no contexto acadêmico atual, embora se perceba um tratamento diferenciado dispensado às variações regionais e sociais, às vezes desprestigiadas ou tratadas em suas características pitorescas ou exóticas. Deve-se sublinhar o papel relevante das pesquisas empíricas que objetivam descrever a língua portuguesa nas suas variantes diatópicas, diastráticas e diafásicas, abrangendo seus aspectos fonéticos, sintáticos e lexicais e que procuram definir como de fato se constitui o português do Brasil.

Sabemos que a língua apresenta especificidades próprias de acordo com a região, com determinados estratos sociais, particularidades estilísticas, além das diferenças individuais, o que mostra toda a sua complexidade variacional. Para Cunha e Cintra, a língua é um

[...] sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Meio através do qual uma coletividade se expressa, concebe o mundo e age sobre ele. É a utilização social da faculdade da linguagem (2001, p.1).

Os autores reconhecem a grande variabilidade da língua ao percebê-la como um conjunto de sistemas linguísticos, ou diassistema⁴, o que torna de mais fácil compreensão a inter-relação dos fatores geográficos, históricos, sociais e psicológicos, os casos de

⁴ Entende-se diassistema como diferentes subsistemas que constituem cada língua, considerando-se as diferenças regionais como, por exemplo, dialetos, as distinções que surgem a partir de fatores sócio-culturais e ainda as diferenças entre as formas como a língua se manifesta (oral, escrita)

poliformismo e a pluralidade de normas que atuam no complexo materializar de uma língua e orientam sua deriva. Afirmam ainda que “essa multiplicidade de realizações do sistema em nada prejudica as suas condições funcionais” (CUNHA E CINTRA, 2001, p.3).

Aparentemente, pareceria uma contradição, contudo temos aqui um princípio básico dos estudos desses sistemas linguísticos, que é o da variedade na unidade, isto é, a língua é um todo heterogêneo formado por uma série de variedades. Na busca por aclarar a pressuposição, a princípio contraditória, de que a língua é um sistema composto de partes heterogêneas que, reunidas, constituem a estrutura desse todo, o meio acadêmico se apoia sobremaneira na Sociolinguística, definida elementarmente como um estudo científico que se pauta pela relação entre língua e sociedade. O objeto primário da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos.

Podemos considerar que a base da Sociolinguística Laboviana foi construída sobre a obra de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, publicada em 1968 e traduzida para o português por Marcos Bagno em 2006. Nessa obra, os autores abordam criticamente as tradições neogramáticas, estruturalistas e gerativistas e sistematizam um conjunto de princípios para o estudo da mudança linguística, tomando como ponto de partida a ideia de língua como um sistema heterogêneo ordenado, que passou a ser considerada um pilar no estudo da mudança linguística sob uma perspectiva sociolinguística, diferenciando-se nesse aspecto da abordagem racionalista que procura encontrar os arquétipos gerais da língua e entende as variações como ordinárias manifestações superficiais.

Em direção contrária aos estudos de caráter estruturalista ou gerativista, Labov (2008) ambienta o estudo da língua no espaço

social, indissociando sua análise dos contextos reais de produção. Afirmar ainda que numa língua, analisada no contexto de uso, dentro da realidade de uma comunidade, a ausência de uma multiplicidade de usos é que causaria estranhamento, assumindo que a língua não deve ser vista como uma estrutura autônoma, independente.

Muito embora sendo o principal mentor da Sociolinguística, a princípio refutava o nome. A língua vista sob a ótica de Labov possui íntima relação com a sociedade, é sujeita a mudanças causadas não somente por fatores linguísticos internos, intrínsecos à língua, mas também por fatores extralinguísticos. Considerar a Sociolinguística como uma nova disciplina a princípio era desnecessário a Labov, desde que a Linguística, estruturada sobre os preceitos de Saussure, incluísse em seu escopo as influências socioculturais, com todas suas implicações, e levasse em consideração as dimensões linguísticas na ciência social. Conforme seu posicionamento, era difícil conceber uma teoria ou prática linguística que não fosse social.

A visão estruturante sobre a qual foi construída a Linguística e sua recusa em aceitar o que há de social na linguagem levou as duas ciências – Sociolinguística e Linguística – a se constituírem como tal, tomando como objeto de estudo aspectos diversos da linguagem. Essa segmentação era desnecessária aos olhos de Calvet, desde que a Linguística reconhecesse o que há de social na linguagem.

O conflito entre essas duas abordagens da língua começa muito cedo, imediatamente depois da publicação do Curso de Linguística Geral, e nós veremos que, até bem recentemente, as duas correntes vão se desenvolver de modo independente [...]. Será preciso na prática esperar por William Labov para encontrar a afirmação de que, se a língua é um fato social, a linguística então só pode ser uma ciência social, isto significa dizer que a sociolinguística é a linguística. [...] (2002, p. 12)

Submetidas à análise linguística, verifica-se em qualquer comunidade linguística a existência de diversidade ou variação. Em outras palavras, toda comunidade se particulariza ao empregar maneiras diversas de falar. A Sociolinguística nomeia essas diferentes

possibilidades comunicativas de *variedades linguísticas* e o conjunto de variedades linguísticas em uso por uma comunidade é chamado *repertório verbal*. (ALKMIM, 2004, p. 32)

Segundo Mollica e Braga (2003), a variação linguística é o tema central de estudo da Sociolinguística. Sob essa abordagem, a língua possui um caráter heterogêneo; possui uma finalidade social, comunicativa e é fator distintivo na identificação dos grupos e na demarcação de espaços sociais na comunidade. Por causa dessa dinamicidade inerente à língua podem ocorrer em uma mesma variedade formas variantes, ou seja, o mesmo significado pode ser expresso por duas ou mais estruturas linguísticas. A forma como é organizada a diversidade de fala em uma determinada comunidade traz como consequência a organização dos meios linguísticos e nessa organização é espelhada a originalidade do uso da língua. Assim, temos em paralelo, no dizer de Costa (1989. p.13)

a organização da diversidade social de uma dada comunidade ou grupo social implica a organização dos meios socioculturais e que é através dessa organização que se reflete o uso criativo dos meios sociais.

Nessa lógica, a Sociolinguística proporciona uma ampla gama investigativa apta a convergir visões diversas sobre o fenômeno linguístico, o que demonstra ser a variação seu principal foco de pesquisa. A detecção dessa variação no léxico de um idioma traz a possibilidade de se referenciar a um mesmo objeto, fruta, planta, etc., através de distintos vocábulos (BELINE, 2014).

Tal proposição não deixa ao largo a exclusão e mobilidade sociais, bem como o preconceito linguístico, que também são temas de seu interesse. Isso posto porque considera a heterogeneidade da língua, que se condiciona a estruturas possíveis de serem quantificadas e explicadas (MOLLICA, 2003).

Essa variabilidade pode manifestar-se internamente à língua, em seus níveis fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais. A variabilidade externa ao sistema linguístico diz respeito aos fatores indissociáveis ao sujeito da língua, como etnia, faixa etária e gênero; aos aspectos sociais e geográficos, como classe

social, profissão, níveis de renda, de escolaridade, região e também ao contexto do evento de fala, bem como a tensão discursiva e o grau de formalidade. Desse modo, a heterogeneidade que aflora no uso linguístico cotidiano, se faz presente não só nos fatores internos à língua, mas em fatores externos ao sistema linguístico. Assim, Mollica (2003, p.10) afirma: “(...) Ela parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível”. Mollica (2003, p.11) assevera ainda que à Sociolinguística importa:

investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático.

A variedade do discurso tem sido particularizada como uma característica peculiar da investigação sociolinguística e a partir dessa constatação podemos estabelecer que existem relações sistemáticas entre a variação linguística e o comportamento social dos indivíduos no interior de uma comunidade de fala, além de que essas relações podem ser inquiridas qualitativamente apenas se consideradas como estruturas sociais e linguísticas. Visto sob o prisma sociolinguístico, o ser humano para comunicar-se utiliza-se de diversas formas linguísticas, é naturalmente plurilíngue. A cada ambiente comunicativo, adequa-se determinada forma de linguagem. Assim, o âmbito doméstico, a escola, o trabalho, as reuniões sociais, formais ou informais e inúmeros outros espaços apresentam formas de linguagem apropriadas ou pertinentes ao uso.

A situação relatada no parágrafo anterior é comum a todas as línguas, que, a pensar dessa forma, tornam-se unidades compostas por variadas formas de se expressar, fato a evidenciar que, do ponto de vista linguístico, nenhuma comunidade apresenta-se homogênea. Essa unidade, linguisticamente heterogênea, constitui-se dessa maneira por ser, cada emissor, simultaneamente, usuário e agente transformador de sua língua, de sorte que novos traços nela são impressos de acordo com situações que se surgem. A diversidade dos falares conforme a situação

comunicativa, em cada pessoa ou comunidade, exclui a linguagem monolítica, dissipadora dos indicativos que designam sua função em cada contexto social. Nessa perspectiva, “...a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional” (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p.101).

Ao estudarmos a língua e sociedade sob a ótica do uso em um grupo de fala ou em determinada comunidade ou região, ao invés de apenas um sistema linguístico, encontram-se várias formas de manifestação do fenômeno linguístico, que podem ser percebidas nos níveis fonológico, morfossintático ou semântico, influenciadas pelos aspectos sociais, estilísticos, pragmáticos e culturais delineados no espaço em estudo. Estas manifestações, ou melhor, variantes linguísticas detectadas podem estar estabilizadas no sistema ou, ao contrário, em processo de mudança. Esta afirmação deriva de um dos princípios apontados na obra clássica *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, 2006 (1968), de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin I. Herzog: o de que nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

De acordo com Labov (1982), a pesquisa sobre mudança considera o seu fluir, evidenciando variantes linguísticas que coexistem e competem no interior de uma dada comunidade e a prevalência de uma sobre a outra através do espaço temporal. A situação de coexistência e competição entre variantes linguísticas pode se tornar estável e a convivência entre as formas variantes não levar a um predomínio de uma sobre a outra. Em tal situação, quando uma variante inovadora não consegue sobrepujar-se a uma variante conservadora, ocorre o que chamamos de *manutenção linguística*.

A Sociolinguística vale-se de metodologias capazes de possibilitar a observação, descrição e sistematização das variações. Para uma conveniente explicação dessas variações, a base teórica conecta aspectos linguísticos e sociais para dar conta de explicar tais fenômenos, da forma como ocorrem na sociedade. Assim, o dinamismo é inerente às línguas naturais do mundo e a

característica heterogênea da língua é entendida como um princípio universal regulado, o que viabiliza um estudo científico

À análise sociolinguística que procura aferir as variantes linguísticas em determinada comunidade convencionou-se chamar de Teoria da Variação definida por Silva (2011, p. 51) como um

modelo teórico-metodológico que tem por princípio a existência de uma ciência da linguagem social, que assume a coexistência de variantes no meio social e que procura analisar a probabilidade do uso dessas variantes.

Dessa forma, a Teoria da Variação estuda como se conduzem duas ou mais formas variantes e que coocorrem em uma dada língua até que em determinado momento, se for o caso, uma forma se sobrepõe e substitui a outra. Mollica (2003, p. 10) assevera a sistematicidade da variação e sua posição de destaque na pesquisa sociolinguística ao afirmar que:

A Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente.

A Sociolinguística amadurece como ciência na segunda metade do século XX e traz consigo posicionamento teórico proveniente tanto da Dialetoлогия quanto da Antropologia Linguística. Por ser uma ciência da linguagem fortemente imiscuída de seus aspectos sociais, ancora-se em três pressupostos básicos: a relação com a cultura⁵, a heterogeneidade inerente à língua e o liame dialético entre forma e função linguísticas. O primeiro pressuposto defende a equivalência funcional entre as línguas. O segundo diverge da tradição saussureana, visto opor-se ao estruturalismo homogeneizante e, com a terceira proposição,

⁵ É um conceito de alta complexidade e sempre em construção. Aqui trazemos a visão de Edward B. Tylor, corrente nos meios antropológicos, segundo a qual cultura é "todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade" (*apud* Laraia, 2006, p.25)

desvia o foco antes centrado apenas na estrutura da língua para sua função e usos linguísticos. (COSTA, 2012).

Por essa trilha caminha a Sociolinguística; materializa-se teoricamente sobre a possibilidade de se conhecer a língua a partir de seus usos efetivos e entende que tais usos, embora múltiplos, podem ser sistematizados, o que possibilita a apreensão do sentido e funções dessa multiplicidade de usos linguísticos. Compreende também a amplitude desses usos linguísticos como parte integrante dos processos sociais e da cultura na qual estão inseridos seus falantes. A pesquisa sociolinguística, ao buscar o entendimento deste processo de intrincada complexidade, ou ao buscar explicações para suas diversas materializações, aprofunda-se cada vez mais na natureza da língua falada, seu objeto de investigação prioritário. Em decorrência da natureza do objeto inquirido, da sua abordagem no interior das relações sociais, em situações reais de interação, entendido como um fato universal, comum a todos os homens, todos os grupos sociais, acaba por analisar o próprio homem, naquilo que é sua principal distinção, a linguagem, em sua manifestação primária, a oralidade.

1.2 Dialetoлогия

A datação da origem de uma ciência é quase sempre uma convenção arbitrária, pois nenhuma ciência “surge” em uma data específica, seus pressupostos, objetivos e fundamentos estão subjacentes ao ambiente em que se produziu, de uma forma difusa, tanto no espaço geográfico quanto temporal. Por necessidade de classificação e sistematização, arbitra-se uma data específica, marcada pela publicação de determinado trabalho, manifesto, congresso científico ou outros quaisquer que demonstrem de uma maneira mais firme um novo posicionamento. Assim se deu com a Dialetoлогия, que inicia sua trajetória como ciência no final do século XIX, e vem a materializar-se nos princípios do século XX com a publicação do *Atlas linguistique de la France*, de Jules Gilliéron e Edmond Edmont, em treze volumes, no período de 1902 a 1910.

O interesse nas particularidades linguísticas delimitadas em um determinado espaço fortaleceu-se na Europa a partir do século XIX, devido, entre outros condicionantes, ao nacionalismo em voga. Assim, surgiram publicações de dicionários ou glossários dialetais, dentre os quais o *Dictionnaire étymologique de la langue wallone* (1845-1880) de Grandgagnage, o *Dictionnaire du patois normand* (1849) de E. e A. Duméril, o *Vocabulaire du Berry*, o *Glossaire du Centre de la France* (1856-1858) de Joubert, etc. (MALMBERG, 1971, p. 81). Acrescente-se ainda o *Tresor dou Felibrige* ou *Dictionnaire provençal-français embrassant les divers dialectes de la langue d'oc moderne* (1878), de F. Mistral.

A partir da década de 1880, os dialetos passaram a ser objeto de estudo com uma frequência maior e sob duas abordagens distintas. A primeira tinha por objetivo elucidar fenômenos do presente através da investigação de formas já pretéritas de falar e, devido ao seu foco investigativo, consistia basicamente de uma descrição do dialeto em monografias dialetais. Já a segunda forma de abordagem nas pesquisas dialetológicas integra-se à geografia por sua instrumentalização cartográfica e desvela aspectos intrínsecos dos vínculos entre vida social e cultural do homem em seu espaço natural. Essa forma de se estudar os dialetos recebeu o nome de geografia linguística ou dialetal (RECTOR, 1975, p. 18).

1.2.1 Conceitos

Esta ciência, uma ramificação da Linguística, concentrada a princípio em analisar as diferenças geográficas de uma determinada língua, numa postura notadamente monodimensional, aglutina ao seu escopo a complexidade dos fatores sociais implicados aos diferentes usos linguísticos no estudo da variação diatópica, o que vem a acrescentar uma perspectiva pluridimensional a sua forma de abordar os fatos em pesquisa. A Dialetoлогия ocupa-se em identificar e descrever os diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, a natureza sociocultural e temporal. Inicialmente voltada para a

análise destas diferenças em um espaço geográfico limitado, numa visão eminentemente monodimensional, vem a assumir uma perspectiva pluridimensional na abordagem dos fatos, incorporando ao confronto da variação diatópica a correlação entre fatores sociais e os diferentes usos registrados.

Para Silva Neto (1955), a dialetologia estabelece uma relação dialógica com a etnografia, visto que, para esta ciência, a cultura de um povo é objeto intrínseco de seu interesse. Afirma ainda o autor que as comunidades rurais são particularmente interessantes à etnografia, uma vez que estas mantêm um perfil mais conservador no que se refere a fenômenos relacionados à linguagem, de certa forma se contrapondo ao ambiente urbano, no qual a influência da escola e do próprio ambiente citadino influenciam mais fortemente a aquisição de uma pronúncia relativamente padronizada por parte dos indivíduos, além do fracionamento do legado linguístico.

No que se refere à dimensão tradicional, a pesquisa dialetológica apoia-se principalmente em polos que concentram a rede de pontos distribuída na área rural, em locais de povoação antiga e prefere informantes homens, adultos, rurícolas, analfabetos, sedentários (HARAS), como o identifica Zágari (1998, p. 36) e/ou de NORMs (nonmobile, older, rural, males), de acordo com Chambers e Trudgill (1994, p. 33⁶). A escolha principalmente de informantes masculinos resulta da crença, entre as nações do ocidente, de que eles utilizariam mais o vernacular do que as mulheres.

Desta forma, percebe-se que a dialetologia tradicional ou monodimensional privilegia a diatopia e cumpre a importante função de preservar, através do estudo e documentação, os dialetos locais mais antigos, resgatando-os do esquecimento ou de sua extinção. Assim, Trudgill (1981, p. 139), refere-se ao seu tradicional campo de atuação:

⁶ ...the majority of informants has in all cases consisted of nonmobile, older, rural males. For want of an established term to characterize this population, here and elsewhere throughout this book we refer to them as NORMs, an acronym based on the description given in the preceding sentence

Como os estudos de dialetos cresceram a partir dos estudos históricos de idiomas, também não deveria surpreender que eles se concentrassem quase exclusivamente nas áreas rurais. As áreas rurais eram consideradas "conservadoras" no sentido de preservar as formas "mais antigas" dos idiomas sob investigação⁷. (Tradução nossa)

Diversos pesquisadores trazem suas definições de Dialectologia de uma forma mais abrangente, procurando não vinculá-la especificamente a espaços rurais, e aqui são apresentadas algumas dessas definições. Rector (1975, p. 17) define a dialectologia por sua finalidade, que seria "estudar os dialetos, detectando formas específicas de uma zona linguística, sistematizando-as e interpretando os traços distintivos". Essas formas específicas, localizadas em um espaço geograficamente delimitado, definem-se para Vendryes (1921, p. 292) como "um sentimento real que os habitantes de uma região têm de falar de certa maneira, que não é a maneira da região vizinha"

Borba (1976, p. 31) entende a Dialectologia como "o estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais". Sob a ótica de Câmara Jr. (1978:94), Dialectologia "é o estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos". Lope-Blanch (1978, p. 42), por outro lado, afirma que "se a Dialectologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical". Além disso, o autor ainda ressalta que o fato de a Dialectologia "haver dedicado o melhor de seu esforço ao estudo das falas regionais, especialmente rurais, isso não pode ser interpretado como um fato definidor, mas uma circunstância transitória".

As mudanças que ocorrem em uma língua não derivam simplesmente de características próprias do espaço geográfico limitante do fenômeno linguístico em questão. Como percebe

⁷ Because dialect studies grew out of historical studies of languages, it should also come as no surprise that they have focused almost exclusively on rural areas. Rural areas were regarded as "conservative" in the sense that they were seen to preserve "older" forms of the languages under investigation.

Coseriu, é necessário levar o fator tempo em consideração, uma vez que a perspectiva diacrônica é importante fator na diferenciação linguística. Em sua definição, nomeia funções para a Dialetoлогия, Sociolinguística e Estilística, (1982, p. 12), ao afirmar que:

A Dialetoлогия tem como centro de interesse estudar as unidades sintópicas e sobretudo a diversidade diatópica, enquanto caberia à Sociolinguística o estudo das unidades sinstráticas e a diversidade diastrática, ficando com a Estilística as unidades sinfásicas e a diversidade diafásica.

Cardoso (2010, p. 26), reforça a afirmação de Coseriu ao dizer que “consideradas até certo ponto sinônimas”, a dialetoлогия arquiteta sua descrição tendo como base a localização espacial, assumindo um formato eminentemente diatópico. A sociolinguística, por outro lado, converge seus estudos na correspondência entre os fenômenos linguísticos e os fatores sociais. Sublinha ainda o fato de a Dialetoлогия ter sido gestada como o estudo da variação linguística num panorama eminentemente diatópico, com uma índole sociolinguística na seleção e estruturação de dados, em seus sistemas de análise e na exposição de resultados. Cardoso (op.cit. p.100) assevera que a Dialetoлогия

busca estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diversas áreas.

Silva-Corvalán (1988, p. 8) também reafirma a proximidade entre a Dialetoлогия e a Sociolinguística, ao dizer que a primeira, pelo fato de possuir uma longa e bem estabelecida tradição, apresenta uma metodologia já estratificada e, com uma literatura sólida e volumosa, contribuiu grandemente para o desenvolvimento da Sociolinguística (e também da Linguística Geral).

Na visão de Dubois (1993, p.185) a Dialetoлогия define-se como uma

[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família.

Muito embora alguns estudiosos da área entendam a Dialetoologia principalmente sob a perspectiva diatópica, boa parte procura novas abordagens que, por sua vez, tornam necessária a adoção de novas metodologias, ampliando o escopo monodimensional da Dialetoologia para uma atuação pluridimensional. As possibilidades de abordagem atuais não se submetem a nenhuma escala de valor que coloque uma em posição superior no momento da escolha como linha de trabalho. A eleição de uma ou outra das possibilidades de abordagem é definida pelo propósito do trabalho e por características particulares dos dados a serem analisados. Ao trilhar por uma dessas alternativas de se trabalhar o fenômeno linguístico, o fluir da pesquisa pode priorizar um nível de abordagem da língua ou investigar vários deles. Temos dessa forma uma convivência pacífica entre a visão monodimensional e a visão bidimensional ou pluridimensional da linguagem. Esse momento é definido por Cardoso (2006, p. 97) como:

A dialetologia atual, ao delimitar espaços, do ponto de vista linguístico e, caracterizados e definidos, vem buscando estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diagenéricas, diastráticas ou diafásicas, com vistas a entender o processo de variação, tomado na sua plenitude, o que conduz a uma melhor compreensão da realidade e à busca de caminhos de maior embasamento para o aprendizado sistemático da língua.

Brandão entende a Dialetoologia sob uma ótica um pouco diferenciada:

Em sentido amplo, é a disciplina que tem por objeto de estudo os dialetos, estes considerados como quaisquer variedades de uma língua. Sendo assim, pode-se falar em dialetologia horizontal e dialetologia vertical. A primeira ocupar-se-ia, basicamente, das variações diatópicas ou de natureza espacial. A segunda, das variações diastráticas ou de cunho sociocultural (1991, p.79).

Seguindo o pensamento de Coseriu (1982), a análise pretendida pela geografia linguística não se prende a uma relação literal entre a geografia natural e a linguagem, mas deve ser

entendida como a relação entre a dispersão e disposição das formas linguísticas em um determinado espaço e o meio geográfico. Também não devem ser pensadas puramente como relações determinantes, pelo contrário, como relações determinadas (ou sujeitas a condições) política, cultural e socialmente.

1.2.2 Periodização dos estudos dialetológicos no Brasil

A variação apresentada pelas línguas há muito se faz presente em trabalhos surgidos bem antes da consolidação dos estudos de natureza dialetal, o que demonstra o interesse dos estudiosos de outras épocas pela multiplicidade de usos possíveis da língua. Um exemplo que atesta esse tipo de interesse é encontrado no capítulo XXXVIII da *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536), que, a sua maneira, reconhece a variedade diatópica, diastrática e diageracional. (CARDOSO, 1999, p. 233).

A natureza dialetológica do português no Brasil colônia era motivo de interesse literário conforme afirma Cardoso ao relatar as referências de D. Jerônimo Contador de Argote que, dentre os dialetos ultramarinos caracterizava o léxico brasileiro como possuidor de *“muytos termos das linguas barbaras, e muytos vocabulos do Portuquez antigo* e também as observações de Frei Luís do Monte Carmelo sobre a pronúncia da vogal *a*, que soava indistintamente entre as pretônicas abertas, como em *“pàdeiro, prègar, còrar”* e as fechadas, como em *“cadeira, pregar, morar”*. Essa característica fonética também é descrita em Jerónimo Soares Barbosa na sua *Grammatica philosophica da língua portugueza*, na qual ressalta ainda a pronúncia brasileira *‘minino’, ‘mi deu’,* além de que o *s* implosivo não é chiado. Encontram-se ainda as referências de Teyssier ao modo como são retratadas as falas de personagens brasileiros no teatro português do século XVIII e parte do século XIX, o que evidencia o reconhecimento da diversidade de usos da língua portuguesa no Brasil e do interesse que tal fato despertava. (CARDOSO, 1999, p.233).

Considera-se, dentro de uma visão geral, que pertence a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, a primeira manifestação característica sobre a natureza dialetal do português do Brasil, no ano de 1826, como contribuição ao *Atlas Ethnographique du Globe* do geógrafo vêneta Adrien Balbi. A partir deste fato, iniciam-se os estudos dialetais no Brasil, divididos por Nascentes (1952, 1953) em duas fases; caracterizados por Cardoso e Ferreira (1994) em três distintas etapas e por Mota e Cardoso (2006), em quatro, ao acrescentar uma etapa às três pré-existentes.

Quadro 1 - Propostas de periodização dos estudos dialetológicos no Brasil.

		1ª fase	2ª fase	3ª fase	4ª fase
Propostas de periodização dos estudos dialetológicos: autores	Antenor Nascentes (1952, 1953)	compreen de o período de 1826 a 1920;	compreende o período de 1921 a 1952	----- --	----- -
	Cardoso e Ferreira (1994)	Compreen -de o período de 1826 a 1920;	Compreen -de o período de 1921 a 1952	Compreen -de o período de 1953 a 1994	-----
	Mota e Cardoso (2006)	Compreen -de o período de 1826 a 1920;	Compreen -de o período de 1921 a 1952	compreen de o período de 1953 a 1996	compreend e o período de 1996 aos dias atuais
Característica principal	-----	Caráter lexicográfico	Caráter monográfico	Trabalhos geolinguísticos: atlas de diversos estados	trabalhos influenciados pelo Projeto ALiB

A publicação da periodização proposta por Nascentes se deu em dois números na revista *Orbis*, de 1952 e 1953, que caracterizou cada período pela natureza dos trabalhos produzidos. Assim, divide em duas fases a produção dialetológica brasileira. A primeira, de 1826, ano da contribuição de Domingos Borges de Barros ao livro de Adrien Balbi, até a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, em 1920. Os estudos dialetais que se

desenvolveram no Brasil nessa primeira fase, eram notadamente de cunho lexical e se materializavam na forma de dicionários, vocabulários e léxicos, de brasileirismos e de regionalismos. Temos como obras representativas dessa fase inicial dos estudos dialetológicos no Brasil o *Dicionário da língua brasileira*, 1832, de Luís Maria Silva Pinto, *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, 1853, de Brás da Costa Rubim, *Glossário de vocábulos brasileiros*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan na *Gazeta Literária*, de 1883 a 1884, que foi transformado no *Dicionário de vocábulos brasileiros* em 1889; *A linguagem popular amazônica*, 1884, de Macedo Soares, *O tupi na geografia nacional*, 1901, *Glossário paraense*, 1905, de Vicente Chermont de Miranda; *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros*, 1912, de P. Carlos Teschauer; *Dicionário de brasileirismos*, 1912, de Rodolfo Garcia. Entre tais publicações, diferenciando por sua abordagem temática aparece um primeiro estudo de natureza gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, de José Jorge Paranhos da Silva (1879).

O início da segunda fase tem como baliza a publicação da obra de Amadeu Amaral *O dialeto caipira* em 1920 e como marco final o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952. Essa fase reflete uma abordagem temática dos estudos dialetais voltada à produção monográfica, pois os trabalhos característicos deste período estruturaram-se com mais profundidade em áreas específicas do panorama linguístico brasileiro. Além da já citada obra de Amadeu Amaral seguem-se como obras de destaque no período *O linguajar carioca*, de Antenor Nascentes (1922/1953), *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (1933), *A língua do Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1934), *A língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934) e os trabalhos de Teixeira - *O falar mineiro* (1938) e *Estudos de dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás* (1944), dentre outras. Tais publicações acrescentaram novas características ao estudo dialetal no Brasil, ao incluir, além do usual enfoque lexical, em variados níveis de estudo, a fonética, morfologia, sintaxe e semântica.

Cardoso e Ferreira (1994) consideram válidas as duas fases dos estudos dialetológicos proposta por Nascentes e acrescentam uma terceira fase a partir do ponto em que o referido autor finaliza sua divisão. O fato estante que delimita a proposta de Nascentes e o acréscimo sugerido por Cardoso e Ferreira é um ato do governo brasileiro:

o Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas lingüístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do atlas lingüístico do Brasil.

Nessa fase, que se caracteriza em especial pela pesquisa dialetológica aliada ao método da Geografia Linguística, destacam-se diversos autores e seus trabalhos: Serafim da Silva Neto reforça em sua obra *Guia para Estudos Dialectológicos no Brasil*, de 1957, a importância e a premência de se pesquisar o português falado no Brasil, obra precedida por sua publicação em 1950 de *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*; Antenor Nascentes em 1953 propõe a divisão do falar brasileiro em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o fluminense; o mineiro; o sulista e publica as *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*, em 1958; Celso Cunha em sua obra *Língua portuguesa e realidade brasileira*, também de 1958, afirma que a língua portuguesa, em seus quatrocentos anos de Brasil, derivou de forma diversa em relação ao português europeu, mas que os atlas lingüísticos poderiam mapear tal fato de forma esclarecedora; Nelson Rossi, o primeiro a publicar um atlas regional brasileiro, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, em 1963. Após essa data, seguem-se a publicação de outros atlas regionais, solidificando os estudos de cunho dialetológico e geolinguístico. Percebe-se que os projetos dos atlas foram delineados em consonância às orientações propostas por Nascentes e de alguma forma referenciados nos atlas já publicados. Dessa forma,

cada projeto procura adequar-se à realidade regional da área coberta, tanto no que se refere à definição do número de pontos quanto na incorporação de elementos de natureza regional na elaboração do questionário linguístico. (ISQUERDO, 2013, p. 341).

Mota e Cardoso (2006, p.17) retomam a periodização dos estudos dialetológicos no Brasil ao acrescentar uma quarta fase, que inicia-se em 1996, com a retomada do projeto de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, o ALiB, após aproximadamente meio século do decreto que instituiu sua criação. As características principais dessa fase são a pesquisa de campo do Projeto ALiB e a divulgação dos resultados obtidos até o momento. Os trabalhos iniciados a partir de 1996 apresentam uma permeabilidade aos ditames metodológicos do ALiB, ao assumirem, em maior ou menor profundidade, uma abordagem pluridimensional do fenômeno linguístico, fato observado ao se delinear a rede de pontos, a seleção dos informantes ou nas metodologias adotadas na coleta ou geração de dados. São atlas representativos de diversas unidades da federação, podendo variar em relação a perspectivas metodológicas, mas como ponto unitário, englobam aspectos pluridimensionais da variação linguística ao integrar à análise diatópica outras dimensões que influenciam fortemente o fenômeno linguístico, a saber, por exemplo, a diagenérica, diageracional, diafásica, entre outras. Tais aspectos metodológicos, antes marginais, passam a ombrear a tradicional postura diatópica usual.

Dada a profusão de trabalhos que refletem a influência do Projeto ALiB, as obras aqui citadas são apenas a título de exemplo:⁸ *Atlas Geo-sociolinguístico do Pará* (2004), *Atlas Linguístico do Amazonas* (2004) *Atlas Linguístico de Sergipe – II* (2005), *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (2007), *Micro Atlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* (2008), *Atlas Linguístico do Estado do Ceará*

⁸ Vale consultar o artigo de Valter Pereira Romano, Balanço crítico da Geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão (Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 203 - 242, jul./dez. 2013)

(2010), *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil II* (2011) e o *Atlas Semântico-lexical do Estado de Goiás* (2012).

Sob as influências linguísticas que culminaram no Projeto ALiB, vale ressaltar aqui o Projeto NURC – Norma Linguística Urbana Oral Culta – como passou a ser chamado no Brasil. O projeto teve, desde o seu início em 1970, o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada em cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, adotando-se, para isso, critérios rigorosos que assegurassem o controle de variáveis e permitissem o confronto de dados. Esse projeto visa ao estudo da fala culta, média, habitual, através de uma documentação sonora capaz de fornecer dados precisos sobre a nossa língua, respeitadas as diferenças culturais de cada região. Procurou-se, desde o início, deixar claro que não se tratava de estudar uma norma imposta segundo critérios externos de correção e de valoração subjetiva, mas sim de estudar uma pluralidade de normas objetivamente comprovadas no uso oral, admitindo variações externas, sociais ou regionais, e internas, combinatórias e distribucionais.

1.2.3 Dialeto, falar, linguajar

Uma primeira explicação para a diferenciação regional de uma língua deve-se à natureza original de sua colonização, embora outras causas possam vir a contribuir para o mesmo efeito, como rotas migracionais e a possibilidade (ou não) de intercâmbio comunicativo. Originam também este processo interesses políticos, econômicos e educacionais. Essa diferenciação de uma língua, sob dadas condições, recebe o nome de dialeto, cuja definição aproxima-se e confunde-se com os conceitos de falar e linguajar. Visto que tais conceitos são essenciais para este trabalho, tenta-se aqui o entendimento das ideias a que remetem.

Entende-se com mais facilidade o significado de dialeto, na visão de Aragão, tomando a definição de língua como ponto de partida. A autora define língua como “um sistema de oposições

funcionais”, com finalidade de dar substância ao pensamento e forma de comunicação entre os indivíduos de um determinado grupo social. Afirma também sua condição heterogênea, “composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais”, as quais podem ser analisadas nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico. Completa seu pensamento ao dizer que cada sistema linguístico constitui-se por subsistemas, que podem se apresentar ora em pontos de junção, ora em pontos de afastamento. “Estes subsistemas são os dialetos”. (1990, p. 124)

Pela sobreposição nas definições, é bastante complexo para a dialetologia conceituar distintamente língua e dialeto. Diversos autores não identificam esta diferença, bem como há os que a veem apenas como um caso de poder político, social e/ou econômico. De acordo com Coseriu (1982:11), a diferença entre língua e dialeto se resume a uma questão de *status* histórico:

Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma).

Antenor Nascentes prefere definir dialeto pelo contraste em relação a outras maneiras de falar:

(...) é a forma especial tomada por uma língua num dado domínio. Define-se por um conjunto de particularidades tais que seu agrupamento dá impressão de fala distinta das falas vizinhas, a despeito do parentesco que as une. (1953, p. 16).

Heye (1986, p. 206) considera que as variedades regionais podem ser dialetos quando, em seu desenvolvimento histórico, são encontradas em espaços geográficos distintos. Sua maior incumbência está na comunicação verbal, por não serem tão solidamente regulados como o são as variedades padrão. Em sua evolução, entendendo-se aí a influência de fatores políticos, econômicos e sociais, podem ser

elevados ao nível de variedade padrão, mas, ao contrário, podem também entrar em declínio e até mesmo desaparecerem, sob a atuação dos meios de comunicação de massa ou como consequência de processos econômicos, conflitos armados e até mesmo mudanças climáticas que forcem a migração da população para outras áreas de diferentes domínios linguísticos.

Geralmente entre as áreas dialetais percebe-se um contínuo, no qual se pode encontrar um limite dialetal mais ou menos definido por um feixe de isoglossas⁹ que demarcam um aspecto gramatical, léxico, fonológico ou fonético, diferenciando-a de outra região que, para a mesma manifestação linguística, varia o repertório de recursos comunicativos. Esta fronteira dialetal demonstra a existência de inúmeros fenômenos linguísticos pelos quais os dialetos se diferenciam, a despeito dos quais o contínuo não é interrompido.

Nesta linha, o dialeto seria uma variedade linguística regional ou social, mais ou menos discernível. A acentuação das diferenças regionais manifestadas na linguagem pode ocorrer devido à amplidão do espaço geográfico coberto por uma determinada língua, o que pode produzir alterações no sistema linguístico. (Trask, 2004, p. 79). Esse tipo de variação definida territorialmente Trask designa dialeto regional, em contraste à diferenciação provocada na linguagem por diferentes grupos da sociedade, os dialetos sociais.

Em função do sentido difusamente negativo que o termo dialeto assume perante o conceito de língua, há os que preferem a utilização da locução “variedades linguísticas”. Borba (1998:55), por exemplo, que diferencia “Registro para a variação social num mesmo local e dialeto para a diversificação ligada principalmente aos fatores

⁹ Uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas ou expressões linguísticas. As isoglossas podem delinear contrastes e conseqüentemente apontar semelhanças em espaços geográficos (isoglossas diatópicas), podem mostrar contrastes e semelhanças linguísticas sócio-culturais (isoglossas diastráticas) ou ainda podem configurar diferenças de estilo (isoglossas diafásicas) (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 13).

geográficos” e Preti (2003:24), que generaliza o nome de *variedades* indistintamente aos dialetos, originados geográfica ou socialmente.

A utilização do fundamento geográfico traz como consequência para alguns autores a diferença e a identificação de dialeto e falar. Entendem que dialetos podem ser a feição que a língua assume em uma região e os falares uma subdivisão mais localizada dentro da mesma região. Assim, na visão de Nascentes (1953, p. 17), falares seriam “o conjunto de meios de expressão empregados por um grupo no interior de um domínio linguístico, enquanto o dialeto é definido como a forma especial tomada por uma língua num domínio”. Acrescenta que os conceitos são muito próximos e de difícil diferenciação.

Dubois (1993, p. 265, 266) também distingue dialeto e falar com base na extensão geográfica do alcance de cada um.

Por oposição a dialeto, considerado como relativamente coeso sobre uma área muita extensa e delimitada por critérios linguísticos da dialetologia e da geografia linguística, o falar é um sistema de signos e de regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia,) no qual, de saída, o status social é indeterminado. Uma língua ou dialeto estudados num ponto preciso, o são, estudados como falares.

Câmara Júnior (1968, p. 151), por sua vez, define falares por “línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado, que se distinguem umas das outras por oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum” e dialetos como um “conjunto de falares que concordam entre si por traços essenciais”

Brandão aborda concisamente os conceitos de língua, dialeto e falar em seu livro *Geografia Linguística do Brasil*, e, baseada nas distinções de Manuel Alvar¹⁰ reconhece a dificuldade na distinção conceitual entre os termos

Embora Alvar tenha procurado definir, com rigor, tais variantes diatópicas, na prática se torna difícil estabelecer uma precisa diferença entre dialeto e

¹⁰ Alvar, Manoel. Hacia los conceptos de lengua, dialeto e hablas. Nueva Revista de Filología Hispánica. Mexico, D. F & Austin, Texas, 15, jan./ jun. 1961.

falar [...] Nota-se, no entanto, forte tendência a empregar-se o termo “dialeto” no sentido mais amplo, ou seja, o de considerar-se dialeto como sendo qualquer variedade linguística – quer de natureza geográfica, quer de cunho social – que constitua um subsistema singular, unitário. (1991, p. 13)

Observa-se, *grosso modo*, quanto aos conceitos sobre dialeto e falar elaborados pelos linguistas, que a tendência de definição sob o aspecto do domínio espacial considera o primeiro como aquele que está em uso numa área geográfica mais ampla, enquanto o segundo é percebido em uma área geográfica mais restrita. Entende-se *dialeto* como a presença de um sistema de sinais, marcados regionalmente, em uma língua comum, mas sem grandes diferenças do todo linguístico do qual faz parte. Já *falar* seria manifestado oralmente, em um pequeno domínio, não alcançando o grau de coerência apresentado por um dialeto.

Linguajar é referido em estudos acadêmicos quase sempre com a mesma conotação de *falar*. De modo geral, traz como significado a fala característica de uma pessoa ou um grupo pequeno de pessoas, mas esta conotação normalmente é inferida do texto no qual se encontra. Dessa forma, apresenta-se aqui, a título de exemplo de sua significação no uso, devidamente grifado, três excertos de artigos acadêmicos sobre linguagem, iniciando por Silva Neto:

O grau desse falar criouliizado varia de lugar para lugar: depende da percentagem de brancos e do status cultural. Onde menor for o número de brancos, onde a população consistir, quase exclusivamente, de índios, negros ou mestiços, maior será o grau de **linguajar** criouliizante (1951 [1963, p.89]).

No segundo parágrafo da introdução de *O dialeto caipira*, encontramos o termo, aqui com uma conotação claramente pejorativa:

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios vícios de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se proposto São Paulo para sede de um deles, houve quem alegasse contra isto o **linguajar** dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bacharéis, oriundos de diferentes circunscrições do país... (AMARAL, 1982, p. 5)

De Dante de Moraes, extraímos a transcrição na qual *linguajar* assume uma significação folclórica, um pouco exótica,

Quem abre o ciclo regionalista é o seu mais acabado, mais perfeito representante: João Simões Lopes Neto. Êle resume todo o nosso regionalismo típico ou ortodoxo, isto é, aquele que visiona exclusivamente o homem campeiro, dentro do ambiente em que nasceu e vive, levando em conta, como elemento essencial, o seu pitoresco **linguajar**. (1954, p. 11)

Não obstante a dificuldade de se encontrar o termo *linguajar* em manuais de estudos específicos de linguagem, o mesmo é entendido notoriamente como modo de falar e, nos dias atuais, ainda apresenta uma tonalidade pejorativa, visto que as pessoas, como pontua Silvana Ferreira dos Anjos,

...de um modo geral, ao pronunciarem tal palavra, sugerem, em sua enunciação, definições ligadas ao uso de gírias, de termos grosseiros, de linguagem de determinados grupos normalmente vítimas de preconceito linguístico (2009, p. 33).

1.2.4 Dialeto caipira

A língua portuguesa falada no Brasil abrange um espaço geográfico de aproximados 8 milhões de quilômetros quadrados e, nesta vastidão territorial, exhibe variações em relação ao português europeu e também regionalmente, dentro do próprio território. Quando retratadas em contraste ao português falado em Portugal, essas variações da língua recebem o nome de *brasileirismos*, e manifestam-se em vários aspectos da linguagem, mas apresentam-se com mais nitidez quando da designação dos elementos da natureza, dada a especificidade da fauna, flora e da toponímia nacional. Também são bastante aparentes quando relacionadas aos usos e costumes que retratam nossa realidade sociocultural.

Muito embora bastante evidentes quando se contrastam o português falado no Brasil e o português europeu, essas variações da linguagem são presentes e abundantes dentro do território nacional, caracterizando diferentes regiões dialetais. Neste caso, a

partir do contraste dialetal entre as regiões brasileiras encontramos os *regionalismos*, que podem refletir, em boa parte das vezes, variações sociais, trazendo ainda marcas diageracionais¹¹, diagenéricas¹² ou mesmo diafásicas. O surgimento dessas variações seria uma característica própria da língua, acrescida do fator social e refletiria em sua composição a marca cultural de determinada região? Esta indagação surge frequentemente quando se trabalha a íntima relação entre língua, sociedade e cultura, mais ainda quando se pretende, comparativamente, verificar a presença e o alcance geográfico dessa variação.

Esta questão se torna pertinente devido às inúmeras possibilidades de realização lexical da língua portuguesa falada no Brasil, possibilidades estas consequentes dos processos históricos e sociais que particularizam as regiões brasileiras, advindas da forma como foram colonizadas, os grupos étnicos que entraram em sua formação, de condições ambientais que diferenciam geograficamente o espaço. Considerando-se desta forma, torna-se bastante sólida a percepção de que estudos que abordem a diversidade lexical do português brasileiro não devem se distanciar dos processos históricos relacionados à gênese do povo brasileiro. Isso porque o delineamento linguístico foi se traçando de maneira muito própria na amplidão geográfica brasileira, condicionado por fatores externos à língua, como características físico-geográficas, o lastreamento étnico de sua povoação, explorações econômicas propícias a diferentes espaços e a formação social e cultural do Brasil no decorrer de sua história.

A multiplicidade de contatos entre etnias e línguas variadas havidos no Brasil colonial amalgamou-se em uma sociedade híbrida, tanto do ponto de vista étnico quanto linguístico, multifracionada e bastante diversa da sociedade portuguesa. Essa diversidade, um fato individualizador e, na visão de Darcy Ribeiro

¹¹ Variação da linguagem conforme a idade dos falantes.

¹² Variação da linguagem conforme o gênero dos falantes.

“um implante ultramarino da expansão europeia” no entanto, não a separa de sua origem portuguesa. Nessa perspectiva, conclui:

A sociedade e a cultura brasileiras são conformadas como variantes da versão lusitana da tradição civilizatória europeia ocidental, diferenciadas por coloridos herdados dos índios americanos e dos negros africanos. O Brasil emerge, assim, como um renovo mutante, remarcado de características próprias, mas atado genesicamente à matriz portuguesa, cujas potencialidades insuspeitadas de ser e de crescer só aqui se realizam plenamente (RIBEIRO, 1995, p. 20).

Um dos aspectos que caracterizam essa diversificação em relação à sociedade portuguesa é a maneira bastante própria do português falado no Brasil, com uma forma peculiar de falar inúmeros vocábulos. Esse hibridismo etnolinguístico encontra-se expresso no léxico, nível linguístico mais permeável às mudanças e às variações linguísticas, devido a sua natureza de nomear, reconhecer, classificar, individualizar objetos, ocupações, seres, sentimentos e emoções. Estas funções tornam possível ao léxico reverberar as mudanças que se operam social e culturalmente em uma sociedade e também permitem que esse nível linguístico seja aberto a novas concepções e transformações do vocabulário, em variados registros linguísticos.

Especificamente em relação ao léxico, esta afirmação é ainda mais verdadeira, pois nele se reflete a visão de mundo, a ideologia, os sistemas de valores e as práticas socioculturais das comunidades. Na visão de Barbosa (1993, p. 1): “[...] o léxico representa, por certo, o espaço privilegiado desse processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação desses sistemas de valores”.

Para Biderman, (2001) a função do léxico seria nomear, classificar e categorizar o mundo a nossa volta, a forma que temos de dar nome à realidade. Ao dar nomes ao que nos rodeia, criamos a primeira condição para que qualquer coisa, animada ou não, seja categorizada. Ao estabelecermos categorias, lançamos mão do nosso universo

lexical, organizado através de nossa função cognitiva, apresentando a realidade simbolicamente através dos nomes.

Um entendimento da concepção lexical (Graça Rio-Torto, 2014) assume que o léxico é composto por unidades que devem ser entendidas e analisadas dentro do contexto cultural e conceitual formatado pela comunidade em que são produzidas. Entende também que não se desvinculam as unidades do nosso léxico mental das propriedades gramaticais envolvidas no seu uso. A constituição lexical não seria somente estrutural, orientada por regras e procedimentos; em outras palavras, o léxico não se constitui simplesmente como uma gramática; nem como um arquivo, uma coletânea de unidades lexicais e não deve ser pensado apenas sob a forma de uma ferramenta ou um instrumento de comunicação e interação. De acordo com afirmação de Graça Rio-Torto,

Não podemos alienar o léxico da realidade social e mental em que é usado, pelo que esse conjunto aberto de unidades e de produções sociocognitivas de sujeitos historicamente e culturalmente situados, há de necessariamente refletir-se na análise das competências e das práticas lexicais daqueles (2014, p.1).

Necessário se torna lembrar que a variedade do português falado na Brasil não se manifesta de forma homogênea. Especialmente no nível lexical, encontram-se especificidades características de determinada região, que podem ser definidas como “marcas” regionais, surgidas principalmente devido à dimensão geográfica do país e às dificuldades de algumas regiões se integrarem aos centros irradiadores de cultura. As dificuldades em se classificar os regionalismos no português brasileiro derivam de fatores tais como a extensão territorial do país, a migração interna e a descrição ainda fragmentada da variante brasileira da língua portuguesa, além de que, segundo Isquierdo (2007, p.196), as produções lexicográficas regionais no Brasil ainda que tragam “[...] recortes significativos do vocabulário regional, em sua maioria, pecam pela falta de rigor científico [...]” , comumente são apoiadas em metodologias heterogêneas, o que dificulta a representatividade e comparabilidade de dados.

Percebemos que a delimitação dialetal é uma tarefa bastante complexa, pois compreende diversos fatores que influenciam a estruturação linguística de determinado espaço, como por exemplo, os processos migratórios. Restringir construções lexicais, o seu significado ou sentido como exclusivas de uma comunidade específica necessita que se delimite um espaço no qual se espera que possam ocorrer (e ser registradas) essas particularidades linguísticas. Além disso, é necessário que se tenha clareza do que pode ser conceituado como regional.

Pode-se entender o regionalismo, *grosso modo*, como elementos linguísticos que não se enquadram à norma padrão, portanto uma definição que se apoia no contraste. Dessa forma, Biderman (2001, p. 136), assim se refere:

[...] qualquer fato linguístico (palavra, expressão, ou seu sentido) peculiar a uma ou outra variedade regional do português falado no Brasil, excetuando a variedade empregada no eixo linguístico Rio/São Paulo, considerada a variedade de referência, ou seja, o português brasileiro padrão, e excluindo também as variedades usadas em outros territórios lusófonos.

O regionalismo pode ser entendido como formas de apreensão do conjunto de particularidades de determinado lugar/região/estado do território brasileiro, decorrentes da cultura existente ali e de fatores históricos que a originaram, sendo o dialeto uma de suas principais formas de expressão. Há uma fluidez ao se tentar estabelecer limites, mas entende-se que essas formas peculiares de expressão são mais abundantes e comuns quanto mais nos aprofundamos nos rincões do sertão brasileiro.

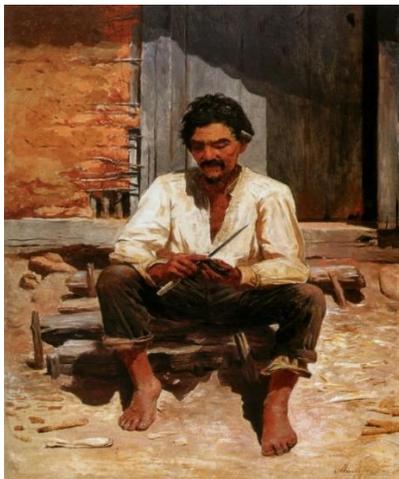
O conceito de regionalismo apresenta a ideia de especificidades linguísticas pertencentes a uma região geográfica em particular, como resultado de fatores culturais e históricos que ali tiveram lugar e tem no dialeto sua expressão mais evidente. Por envolver a cultura própria a pessoas circunscritas a um espaço geográfico determinado, pode-se dizer que o regionalismo personaliza sujeitos pertencentes a uma região em recorte, pois tais fatores, reunidos, criam diferentes modos de vida e de expressão,

identificando sujeitos habitantes de um ou outro lugar, ainda que nativos do mesmo país.

A personalização de determinados tipos humanos característicos de um espaço geográfica ou socialmente delimitado acaba por lhes definir uma identidade própria, atinente a seu modo de viver. Assim, a conformação do que se pode chamar de *identidade caipira* territorializou-se na área desbravada pelas bandeiras e entradas paulistas, expandindo-se a partir da Capitania de São Vicente e seus núcleos iniciais da colonização, as pequenas povoações do planalto de Piratininga. O alargamento dos limites geográficos pela colonização paulista, entre os séculos XVI, XVII e XVIII, trouxe como resultado não somente a inclusão de novas terras para o reino de Portugal, mas o surgimento de um tipo característico de cultura e sociedade, influenciado fortemente pela mobilidade, distinção particular do processo de exploração e colonização dos novos territórios. Não se objetiva aqui discutir o seu significado em termos históricos, mas sublinhar que, em grande parte da área explorada/colonizada pelas entradas e bandeiras, especialmente a região que Antônio Candido e, antes dele, Alfredo Ellis Jr., denominaram “Paulistânia”¹³, “as características iniciais do vicentino se desdobraram numa variedade subcultural do tronco português, que se pode chamar de *cultura caipira*” (CÂNDIDO, 2010, p. 43), ilustrada na figura 1 a seguir.

¹³ Região de formação histórica e cultural similar, integrada por São Paulo e Minas Gerais.

Figura 1 - Caipira picando fumo.



Fonte: Almeida Júnior, 1893, disponível em <https://www.historiadasartes.com/sala-dos-professores/caipira-picando-fumo-almeida-junior/>

Essa *cultura caipira* se apresenta de forma primitiva, eivada de rusticidade, uma mescla de tradições mestiças, de perfil conservador, sem ambições, carente de recursos e um nível mínimo de organização, se vista em paralelo ao modo de viver das populações urbanas economicamente estáveis.

Uma manifestação muito própria desta cultura é uma maneira bastante particular no uso da linguagem, com um frasear “lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa” (AMARAL, 1982, p. 9). A expressão caipira forjou-se neste dialeto peculiar, repleto de modismos e traços característicos e, de acordo com Amaral, sobrepunha-se geograficamente no estado de São Paulo, (excluindo, segundo ele, entretanto, o oeste do estado), e de Minas, em especial a região sul do estado, por toda a região da Mantiqueira.

O ponto de partida para a compreensão dessa *identidade caipira* é a forma como foi colonizado o território que apresenta este dialeto, objeto de interesse aos estudos encabeçados por Amaral. As entradas e bandeiras, em seu afã de encontrar riquezas ou

apresar indígenas para o trabalho nas incipientes lavouras, foram semeando pequenos núcleos populacionais em seu locais de parada para o cultivo dos produtos necessários ao seu sustento. Tais núcleos, deixados em isolamento devido à extensão geográfica e a baixa densidade populacional, desenvolveram um modo de vida baseado em uma agricultura mínima, de sobrevivência, com baixa ou nenhuma geração de excedentes, complementado com o que a natureza podia oferecer. A sua formação “condicionada pela atividade nômade e predatória das bandeiras”, determinou um

...tipo de sociabilidade, com suas formas próprias de ocupação do solo e determinação de relações intergrupais e intragrúpicos. A linha geral do processo foi determinada pelos tipos de ajustamento do grupo ao meio, com a fusão entre a herança portuguesa e a do primitivo habitante da terra.” (CÂNDIDO, 2010, p. 44).

A situação não era muito diferente para os habitantes do interior paulista no início do século XX, quando Amaral procedeu aos seus estudos e observações, receoso do desaparecimento de sua linguagem característica. Uma ampla área geográfica, mas não uniforme, de São Paulo, Minas, Goiás e Mato Grosso, coberta com o que se pode definir por uma *cultura caipira*, alicerçada em “formas de sociabilidade que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros”¹⁴. (Idem, p.93). A partir do momento que o caipira conseguiu estabelecer formas de equilíbrio social e ecológico, estas se tornaram sua própria razão de ser, a essência de sua cultura e sociabilidade, daí resultando estereótipos fixados magistralmente de forma caricatural (mas nem sempre justa) como o Jeca Tatu de Monteiro Lobato.

A definição do homem radicado nesse espaço geográfico e cultural, conhecido como *caipira*, apresenta algumas singularidades. Antônio Cândido, em *Os parceiros do Rio Bonito*, utiliza-se da definição

¹⁴ Entende-se aqui por “bairros” como agrupamentos, mais ou menos esparsos de moradores da zona rural, e não a conotação urbana atual.

no sentido de “modo de ser, um tipo de vida, nunca um tipo racial” (2010, p.27), mas realça que tal conceito deva ser restrito historicamente à área de influência da colonização paulista. Para Serafim da Silva Neto, o caipira, assim como o caboclo, seria a continuação e descendência do mameluco, resultado da união do homem branco e da mulher indígena e supõe que o registro gráfico mais antiga da palavra caipira cabe ao viajante Saint-Hilaire, ao descrever sua viagem a São Paulo e à Santa Catarina, mas com uma tonalidade fortemente pejorativa associada ao termo e que ainda hoje se faz presente em certos espaços sociais. No interior de São Paulo e Minas, geralmente as populações não se sentem representadas pelo termo caipira, dada a alusão negativa que ele evoca. Contudo, em regiões com elevada condição econômica derivada da agropecuária, o termo pode assumir uma identidade estilizada de sucesso, na qual as pessoas se reconhecem.

O termo caipira solidificou-se naturalmente no vocabulário português do Brasil no século XIX, mas apresenta ainda uma significação opaca, semanticamente plural. O tipo humano que o termo designa, em uníssono ao seu significante, não se revela a um primeiro olhar. Embora possa se apresentar como uma figura rasa, monodimensional, se deslinda em aspectos complexos e suscita férteis expressões literárias ou afigura-se como personagem de nossa história e da cultura. Faz-se presente e vivo na sociedade brasileira atual como um componente básico de sua estrutura, contrapondo-se à previsão de Euclides da Cunha, ao afirmar que “O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo, e o caipira simplório, serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas. [...] Retardatários hoje, amanhã se extinguirão de todo” (1984, p. 1) . Como tema de interesse a estudos sociológicos, antropológicos e culturais, além de ser fonte para a inspiração literária, o caipira surge, incidentalmente ou como protagonista, em obras diversas, como as de Afonso Arinos, Valdomiro Silveira, Cornélio Pires, Sérgio Buarque de Holanda, Monteiro Lobato, Alberto Faria, Antônio Cândido, isso citando apenas alguns autores cronologicamente próximos a Amadeu Amaral.

A fusão na cultura caipira de componentes heterogêneos, tanto do ponto de vista econômico e étnico, embora com primazia do branco e do índio, não se estratificou em classes sociais, fato que sofreu alterações a partir do momento que o afluxo de escravos negros e seus descendentes provocou desníveis em uma sociedade pouco hierarquizada. O surgimento de grandes proprietários de escravos e seus latifúndios provoca uma reorganização na sociedade caipira, e, no espaço latifundiário, o homem livre encontra pouco espaço para acomodação de sua cultura. Esta passa a sofrer os impactos de sua não incorporação a formas mais desenvolvidas de produção e paulatinamente passa a um sistema de vida marginal, apesar de, quando as condições o permitiam, enquistar-se, conservando o caráter autárquico. (CÂNDIDO, 2010, p. 80,81)

O desenho da sociedade rural brasileira, arquitetada em latifúndios mantidos pela mão de obra escrava e posteriormente com os imigrantes europeus, continuou tangendo o caipira cada vez mais a uma posição de pouca ou nenhuma visibilidade no sistema social, fato agravado pela urbanização e industrialização de meados do século XX. A relação de confronto frente à urbanização e ao latifúndio leva o caipira a buscar a unidade familiar como unidade social e acentua sua característica de mobilidade territorial, recorrendo ao nomadismo como forma de não se subjugar aos ditames econômicos que o afligem. Assim, entra em rotas migratórias, na busca por regiões pioneiras no norte do Paraná, oeste de São Paulo e as divisas de Mato Grosso e Goiás, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970. Este êxodo foi um acontecimento recorrente nas populações rurais do sul de Minas e de certas áreas de São Paulo, que procuraram, além das referidas áreas, as cidades, em um regresso a sua capacidade de adaptação ao ambiente.

A capacidade adaptativa demonstra a força da tradição caipira, seus latentes aspectos sociais e culturais, seu agreste modo de vida, elaborado através da supressão gradual e parcial dos padrões colonizadores europeus e a adesão aos padrões das sociedades nativas, embora Antônio Cândido cite a reorganização

do espaço geográfico e social ocupado pelo caipira como uma causa de seu evanescer na sociedade:

Graças aos recursos modernos de comunicação, ao aumento da densidade demográfica e à generalização das necessidades complementares, acham-se agora frente a frente homens do campo e da cidade, sitiantes e fazendeiros, assalariados agrícolas e operários – bruscamente reaproximados no espaço geográfico e social, participando de um universo que desvenda dolorosamente as discrepâncias econômicas e culturais. Nesse diálogo, em que se empenham todas as vozes, a mais fraca e menos ouvida é certamente a do caipira que permanece no seu torrão. (2010, p. 223)

Pode-se afirmar que a cultura caipira se sujeita a circunstâncias muito adversas nesse processo de enfrentamento. O processo de industrialização do país, notadamente de São Paulo, impactou fortemente a cultura e a configuração econômica e social, o que ajuda a esclarecer muitos processos presentes e modificadores da linguagem, alteradores do alcance, substância e trajeto do dialeto caipira. Porém este confronto colabora para solidificar uma tradição de resistência na preservação do que permanece de sua história. Espoliado do espaço geográfico onde podia manifestar seu estilo de vida, resta ao caipira resistir através da linguagem. Sua expressão traduz o pensamento, a produção cultural e a capacidade de integrar-se e atuar no meio social, apesar de depender do ambiente, de condições e de sua inserção em um grupo estável. Do cuidado com esta linguagem é que tratou Amadeu Amaral, na década de 1920, em sua obra mais conhecida.

Amaral era muito cético quanto à sobrevivência do estilo de vida do caipira, dadas as mudanças pelas quais a sociedade de seu tempo passava e isso fica claro no quarto parágrafo da introdução de sua obra:

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sensível, o Caipirismo não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos

fatores da diferenciação dialetal. Os genuínos caipiras, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram também a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida coletiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem das coisas. (AMARAL, 1982, p. 5)

Justifica sua posição em função do crescimento demográfico, a melhora nas vias de comunicação, o aumento do intercâmbio entre o interior e regiões mais desenvolvidas, a chegada e interiorização dos imigrantes, o desbravamento de novas regiões sem a presença do caipira, a presença mais forte do sistema educacional, influenciando na diferenciação do falar entre as gerações e o distanciamento do cenário linguístico do elemento negro após a abolição da escravatura. A conjugação de tais fatores, no ponto de vista do autor, daria um novo rumo evolutivo ao português em uso. “Mas essa evolução já não será a do dialeto caipira”. (1982 p. 6))

Este dialeto do qual se ocupa Amaral encontra-se, de acordo com suas palavras

... acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu domínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições. (1982, p. 6)

A preocupação maior de Amaral em sua obra foi “caracterizar esse dialeto ‘caipira’ ou, se acham melhor, esse aspecto da dialeção portuguesa em São Paulo.” (1982, p. 7)

Assim, para melhor visualizar como se processou essa caracterização dialetal, procede-se aqui a uma análise sintética de sua obra.

O dialeto caipira foi estruturado em partes, semelhante a uma gramática. A parte I trata da Fonética, a II discorre sobre a Lexicologia, a III, fala da Morfologia, a IV aborda a Sintaxe, e a V, a mais extensa, apresenta o Vocabulário. As partes III e IV, que tratam da Morfologia e da Sintaxe, apesar de comparativamente reduzidas em relação às demais, não perdem no entanto, a qualidade do conteúdo, pelas

interessantes observações ali transcritas. Percebe-se que o autor valoriza sobremaneira o léxico, exposto distintamente na parte II – Lexicologia, e na parte V - Vocabulário, embora intrinsecamente relacionadas (CESCHIN, 1999).

Os estudos dialetais e os estudos de geografia linguística têm suas bases delineadas na introdução que Amaral faz ao seu livro, na qual reitera a necessidade de colaboração e dedicação de observadores “imparciais, pacientes e metódicos”, representantes de todas as regiões do país. O rigor na condução de seu trabalho, a forma criteriosa na coleta de dados, seleção e organização pavimentaram o caminho a ser trilhado por aqueles que o seguiram. Uma inovação de seu legado é o objeto de estudo escolhido, o dialeto caipira, até então relegado a uma literatura leve, de interesse recreativo.

Em comparação com a prosódia lusitana, visto que Amaral não envereda pela questão de “um português brasileiro”, ele destaca, como pronúncia característica do dialeto caipira, “o frasear lento, plano e igual’ (1982, p. 9), associado à maior duração das vogais e à ocorrência de mais pausas na realização do grupo de palavras” e instrui outros estudiosos e colaboradores quanto ao registro da pronúncia: deve-se “grafá-la sempre tal qual for ouvida”. (1982, p. 8).

De acordo com Amaral, a formação do vocabulário do dialeto constituiu-se de quatro bases principais: a) o português usado pelo primitivo colonizador, evidenciado pelos numerosos arcaísmos presentes no dialeto, como sojigá (subjugar), saluço (soluço), dona (senhora); b) termos provenientes das línguas nativas, em especial o tupi ,demonstrado em inúmeros topônimos, nomes de animais, plantas, utensílios, costumes, etc como Butantan, Carapicuíba, guará, anu, jaborandi, pitanga, jacá, tipiti, catira, tapera; c) vocábulos importados de outra língua por via indireta, como do castelhano, aragano (cavalo difícil de se pegar), cincha (cinto ou cilha com que se fixa o lombinho sobre a cavalgadura), pelichar (quando o cavalo muda de pelo); d) e as formações do próprio dialeto, de que são exemplos

inquisilar (irritar, importunar), passarinhar (quando o cavalo se assusta e salta de lado), prosear (conversar).

O texto de Amadeu Amaral, especialmente no capítulo do vocabulário, apesar de construído rigorosamente segundo critérios formalizados e explicitados com clareza, traz muitos comentários de cunho enciclopédico, comuns em dicionários temáticos, mas não em dicionários de língua. O capítulo V, “Vocabulário”, traz 1.714 vocábulos, escritos tal como foram pronunciados. Após a apresentação do verbete segue-se abreviada a sua classe gramatical, (semelhante a dicionários), a sua definição e, em alguns, abonações, exemplos, além de comparações e notas explicativas relacionadas ao uso em outras regiões, do Brasil e em Portugal. A variabilidade e abertura a novos vocábulos é pequena, porque segundo Amaral, a

receptividade do dialeto em relação a termos de origem estranha é muito limitada, porque as necessidades de expressão, para o caipira, raramente vão além dos recursos ordinários.” (1982, p. 29).

Na materialização da vida caipira prevaleceriam ainda os mesmos hábitos, costumes e fundo de ideias Sua cultura, sua produção, sua capacidade de integração e atuação social são relativas ao domínio de sua expressão (CARMO, 2008). Isso justificaria a presença de tantos arcaísmos e a ausência de necessidade de termos novos que “pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou ideias abstratas que não atinge” (AMARAL, 1982, p. 29).

São abundantes no vocabulário coligido por Amaral termos relacionados à fauna e flora, devido à necessidade de se designar os componentes do ambiente em que vive o caipira. Surgem também termos que se referem aos utensílios e objetos presentes no seu cotidiano, como diversas acepções para o termo *espingarda* ou suas peças: *lazarina* (espingarda de cano comprido), *porva*, *pica-pau*, *reúna* (carabina de soldado), *trabuco*, *trochado*, *ascançadera* (feminino de alcançador), *cartuche* (variante de cartucho), *cravina* (variante de carabina), *cravinote*. Os termos relacionados às atividades

agropecuárias aparecem em grande número, relacionados a equinos e bovinos, notadamente a animais de sela e a animais de tração (bois). Também encontramos inúmeros verbetes relacionados a utensílios domésticos, de trabalho na roça, de caça, de pesca. Com a evolução e modernização das atividades agropecuárias e introdução de novos hábitos e costumes, a utilização desses objetos para as práticas cotidianas ou mesmo os próprios objetos tendem a desaparecer, o termo que os designa vai caindo em desuso (CARMO, 2008), processo linguístico natural.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Um estudo que objetiva o entendimento de processos linguísticos capazes de permitir (ou não) a permanência de marcas dialetais, especificamente neste caso, marcas lexicais retratadas na obra *O dialeto caipira* e que podem também estar presentes nas regiões da Zona da Mata de Minas Gerais abordadas pela pesquisa, torna necessária a adoção de metodologias tais como as da Sociolinguística e da Dialetoologia, capazes de favorecer o afloramento dos aspectos buscados no trabalho. A Sociolinguística traz a oportunidade de se compreender, de uma forma bastante elaborada, os processos linguísticos em um contínuo histórico, resultado das interações ou do isolamento de falantes maduros e/ou novatos. Em seu arcabouço teórico, é possível divisar um conjunto de argumentos e de perspectivas metodológicas, capazes de descrever e explicar os processos socioantropológicos e sociocognitivos da linguagem.

Da Dialetoologia torna-se prudente sublinhar dois construtos basilares dos estudos dialetais. Primeiro, a afirmação das coincidências e das distinções que a língua reflete e a indicação do encadeamento entre as diferentes manifestações linguísticas registradas. Segundo, o contraste entre a existência e a inexistência de elementos linguísticos inventariados, delimitados a uma área específica, isso porque, no intuito de alcançar seus objetivos, tanto a presença de elementos linguísticos associados a uma área como o espaço vazio desses registros se traduzem em informações sobre o fenômeno linguístico em pesquisa.

Para a coleta dos dados necessários à verificação da proposta da pesquisa, faz-se mister a escolha de um método que forneça dados aptos às análises apropriadas ao tipo de trabalho. Esta escolha pode ser julgada como um dos momentos de maior peso na realização de uma pesquisa, pois no decorrer da coleta de dados é que são coligidas as informações essenciais para o enriquecimento de seu estudo. O

êxito da pesquisa e a confiabilidade de seus resultados, estão ligados, em grande parte, à forma como o pesquisador faz a coleta dos dados e, para isto, é um grande desafio escolher os instrumentos de coleta que satisfaçam aos seus objetivos.

Vale ressaltar que alguns autores preferem o termo “geração de dados” em lugar de “coleta de dados”, devido ao entendimento de que os aspectos que se busca retratar possuem, em sua maioria, alto grau de complexidade, o que dificulta sua captação integral pela forma escolhida para se fazerem os registros. Na realidade o objeto da análise são os registros gerados pelo pesquisador, a partir de uma série de escolhas que deverão ser feitas, como no caso de nosso trabalho, a opção pela gravação em áudio e a transcrição das respostas dos entrevistados simultaneamente, o teor das perguntas propostas, a seleção do vocabulário utilizado nas perguntas e, uma vez que nosso propósito é verificar a existência e permanência de itens lexicais idênticos ou assemelhados aos apresentados por Amadeu Amaral em sua obra *O dialeto caipira*, a seleção dos vocábulos que são a resposta pretendida às perguntas da entrevista. Assim, os registros gerados são sujeitos a grandes interferências até que se chegue à análise propriamente dita. Mesmo havendo divergências se o termo mais adequado à situação da pesquisa seja geração ou coleta de dados, optamos por utilizar o termo coleta de dados, deixando registradas as ressalvas que tal opção encerra.

Como instrumento de coleta de dados optou-se neste trabalho pela realização de entrevistas, muito apropriadas, quando se deseja mapear atividades, crenças, usos, valores e esquemas classificatórios de agrupamentos sociais típicos, delimitadas por fatores de ordem diversa (geográficos, sociais, culturais etc.). Realizadas de forma cuidadosa, elas fornecem indicativos da forma como cada um daqueles sujeitos apreende e dá significação ao seu ambiente cotidiano, trazendo informações adequadas à compreensão de como se dá a organização de seu espaço, de suas relações sociais e de produção, bem como a organização das formas de expressão de sua realidade.

Um dos cuidados a se observar quando da adoção de entrevistas como instrumento metodológico de coleta de dados é a possibilidade de o pesquisador procurar, mesmo inconscientemente, conduzir o material empírico de maneira a encontrar ali elementos que justifiquem a suposição de sua pesquisa e as inferências das teorias nas quais apoia seu trabalho. Disso se deduz a necessidade de atenção e consciência de nossa parcialidade, mesmo que manifestada subjetivamente, e, assim, reconhecê-la como integrante do processo de investigação. A partir deste reconhecimento, nos dizeres de Geraldo Romanelli (1998, p.128, *apud* Duarte, 2004, p. 216-217):

A subjetividade, elemento constitutivo da alteridade presente na relação entre sujeitos, não pode ser expulsa, nem evitada, mas deve ser admitida e explicitada e, assim, controlada pelos recursos teóricos e metodológicos do pesquisador, vale dizer, da experiência que ele, lentamente, vai adquirindo no trabalho de campo.

Alguns pesquisadores podem se sentir desconfortáveis quando realizam entrevistas, pois supõem uma relação de exploração, onde se recebe algo caro a alguém sem lhe dar nada em troca (Duarte, 2004, p. 220). Deve-se ter em mente que, de alguma maneira, a entrevista é uma troca, pois ao mesmo tempo que recolhe informações, dá ao entrevistado a possibilidade de reflexão sobre si próprio, de percorrer novamente seu caminho biográfico, refletir sobre sua cultura, história, seus valores, as características peculiares ao grupo social do qual faz parte, as tradições de sua comunidade e de seu povo.

Embora os registros coletados possam gerar falseamento da realidade linguística devido às opções metodológicas adotadas, há que se registrar também o cuidado para que tais opções não comprometam o resultado que se busca ou venham a direcionar a pesquisa para rumos não pretendidos. Assim, tal atenção iniciou-se na estruturação das entrevistas que foram submetidas aos informantes, montadas após consulta ao Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALiB.

O Projeto ALiB, como é comumente conhecido, foi concebido como um projeto nacional, tanto pela sua abrangência como pela distribuição geográfica de seus dirigentes, espalhados por todo o país. Entre os vários objetivos do projeto, destaca-se a descrição da realidade linguística do país, no tocante à língua portuguesa, com a finalidade de identificarem-se variedades diatópicas, consideradas na perspectiva da Geolinguística. Também possibilita o fornecimento de um grande volume de dados para que estudiosos da língua portuguesa possam utilizá-los para diversas finalidades, como por exemplo a confecção de material didático e uma melhor compreensão do caráter multidialetal do Brasil. Objetiva ainda contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil, que embora dotada de unidade sistêmica, é um instrumento de comunicação social diversificado e com várias normas de uso.

Os questionários do Projeto ALiB dividem-se em questionário fonético-fonológico, composto por 159 perguntas de resposta direta e mais 11 perguntas de prosódia, o questionário semântico-lexical, dividido em 14 áreas ou temas e com 202 perguntas e o questionário morfossintático, abrangendo 6 categorias com um total de 49 questões. O conjunto dos questionários do Projeto ALiB apresenta ainda 4 perguntas de Pragmática e 6 perguntas de Metalinguística, além de um texto, *Parábola dos sete vimes*, para leitura.

Após o estudo da metodologia adotada no Projeto ALiB, procedeu-se à elaboração dos questionários aplicados aos entrevistados. Dentre os 1714 vocábulos coletados por Amaral, foram selecionados 200, para que seja verificada sua existência/permanência no falar das regiões definidas pela pesquisa. A seleção foi feita aleatoriamente, seguindo a ordem alfabética em que os vocábulos se apresentam na obra e contemplando palavras iniciadas com todas as letras do alfabeto (exceção da letra x). Também foram incluídos itens lexicais referentes a nomes de plantas, embora atentos ao fato de que possam ser endêmicas às regiões onde Amadeu Amaral procedeu a sua coleta. Após a seleção, apenas para efeito prático, houve um

agrupamento dos itens selecionados em 5 temas, sem a preocupação de uma divisão equitativa das questões entre os temas.

Das 200 questões propostas, de 1 a 20 foram enquadradas em “Atividades Rurais”, de 21 a 65 “Animais”, de 66 a 74 relativas a “Alimentos”, de 75 a 90 sobre “Vegetais”¹⁵ e de 91 a 200, por abrangerem uma temática variada, “Diversos”. Na elaboração das questões procurou-se ser o mais simples e direto possível. Em algumas perguntas, para maior entendimento por parte dos informantes, além da definição do item lexical que se busca coletar, o que muitas vezes pode não evocar sua lembrança, há uma pequena frase a ser completada com o uso de tal item. A resposta pretendida se resume a uma única palavra e será válida a primeira escolha lexical do entrevistado, mesmo que posteriormente ele venha a acrescentar outras respostas à questão. Salientamos aqui que a alternância entre os termos “informante” e “entrevistado” não reflete nenhuma implicação semântica.

A escolha de informantes representativos de universos culturais distintos é importante, porque fatores como sexo, idade, classe social (entre outros) podem exercer influência nas características da fala de um indivíduo. Embora o objetivo principal da pesquisa seja verificar a existência e permanência, nas comunidades rurais analisadas, de itens lexicais coincidentes aos encontrados na obra *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral, a possibilidade de análise dos dados coletados sob o prisma diagenérico ou diageracional é bastante adequada. O interesse na análise de outras dimensões, além da diatópica, se apresenta há muito no âmbito da dialetologia. Cardoso (2010, p. 19) assevera que:

... idade, gênero, grau de escolaridade, profissão, inserção social constituem variáveis que, na perseguição de aspectos socioculturais, a dialetologia busca controlar e identificar.

15 Não se referem exclusivamente a nomes de plantas, mas também a produtos, objetos ou utensílios feitos a partir de vegetais.

Convencionou-se, em consequência, o número de trinta entrevistados, divididos equitativamente por gênero e em três faixas etárias, com dez informantes cada uma: faixa “A”, composta de informantes com idades entre dezoito a trinta e três anos; faixa “B”, de idade entre trinta e quatro a quarenta e nove anos e a faixa “C”, iniciando-se com cinquenta anos e sem um limite máximo de idade. O limite mínimo de dezoito anos é devido à dificuldade em se encontrar informantes com idade abaixo deste limite que se enquadrem na exigência de escolaridade máxima¹⁶, além da questão de se trabalhar com menores de idade, que deverão ser autorizados pelos pais ou responsáveis.

As exigências básicas na seleção dos informantes foram o nível de escolaridade até a quarta série primária (atualmente o quinto ano) e nascimento e permanência no meio rural¹⁷. A localização dos informantes que se enquadrassem nos critérios acima seria de três maneiras distintas:

- Por meio de informações obtidas nas Secretarias de Educação dos municípios, visto supor que tais órgãos possuíssem registros sobre a escolaridade dos habitantes;

- Por meio de órgãos de assistência social, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), que tem a finalidade de tornar acessíveis serviços de proteção social, que vão de assistência financeira ao planejamento familiar;

- Por meio de informações nas próprias comunidades pesquisadas;

As secretarias de educação dos municípios foram contactadas e as informações obtidas não se basearam em registros arquivados, mas, como são municípios com reduzido número de habitantes –

16 “O ensino fundamental obrigatório, com duração de 9 anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos 6 anos de idade...” (Lei 11.274 de 06/02/2006). Atualmente, o art. 4º da Lei nº 12.796 de 04/04/2013, prevê “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade”.

17 A não existência de fronteiras claras e a visão cristalizada do rural como sinônimo de “atraso, de escassez ou de falta” (CARNEIRO, 2008, p. 10) fadado a ser englobado pelo urbano tem tido prevalência nos meios educacionais.

Silveirânia possui 2.192 habitantes e Dores do Turvo 4.439 habitantes (IBGE, 2010) – no conhecimento pessoal de seus funcionários. As informações foram um tanto vagas com relação à escolaridade e à idade, mas relativamente precisas quanto à localização dos informantes. A localização e o contato com os informantes ficaram a cargo do pesquisador, não havendo nenhum tipo de apresentação ou acompanhamento por parte das secretarias de educação. De maneira informal, houve a autorização para se utilizar como referência na apresentação do pesquisador aos possíveis informantes, o nome de alguns funcionários, principalmente os mais antigos e mais conhecidos.

A partir das informações fornecidas iniciou-se o contato com os prováveis informantes e, quebradas a surpresa, a timidez e um natural acanhamento, a recepção ao pesquisador e aos propósitos da pesquisa foi muito positiva. Em muitos dos casos, os informantes contactados não se enquadravam nos critérios da pesquisa, mas, sempre de uma forma muito solícita, indicavam novos prováveis informantes e autorizavam o uso do próprio nome quando da apresentação do pesquisador.

Visto que o pesquisador é oriundo da região, embora há muito não seja residente, não houve nenhuma dificuldade no acesso aos entrevistados, inclusive, algumas das pessoas contactadas conheciam, mesmo que de forma vaga, a família ou a localidade de nascimento do pesquisador. Contactados os informantes, procedia-se à apresentação do entrevistador, a apresentação da pesquisa, seus objetivos e propósitos. Percebeu-se nos informantes um misto de surpresa em saber de uma pesquisa que procurava “palavras antigas” e satisfação pelo convite à participação, muito embora ficassem receosos a princípio com o teor das perguntas. Foi unânime entre os entrevistados a dúvida sobre se saberiam responder corretamente às questões. Entre as orientações, procurou-se ser o mais claro possível aos entrevistados sobre sua forma de responder às perguntas. Enfatizou-se que as respostas deveriam ser dadas sem nenhuma preocupação com qualquer espécie de correção e proferidas como sua fala natural, em situações cotidianas.

Outro ponto importante abordado neste primeiro momento foi o esclarecimento sobre as condições de participação na pesquisa, a informação ao entrevistado de que sua participação seria voluntária, sem qualquer ônus tanto por parte do participante quanto do pesquisador, a condição de anonimato ao se divulgar os dados coletados e a necessidade de sua autorização através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido¹⁸, para inclusão na pesquisa. Também era explicado de que forma se daria a entrevista, o tempo previsto de duração e que as respostas seriam escritas e gravadas.

Havendo concordância na participação, eram anotados o nome, a idade e a ocupação, além de contato telefônico se houvesse. Interessante que, apesar de ser uma região rural, o sinal de telefonia celular atinge praticamente toda a região, sendo o telefone uma presença bastante comum. Se os informantes estivessem com tempo disponível, a entrevista era realizada naquele primeiro contato, evitando um novo deslocamento do pesquisador. Caso contrário, era agendada uma data posterior para a realização da entrevista.

Foi bastante tranquila a localização dos informantes das faixas etárias de trinta e quatro a quarenta e nove anos e de cinquenta anos ou mais. Já a localização de informantes da faixa etária mais jovem, de dezoito a trinta e três anos, apresentou um grau maior de dificuldade, pois quase sempre se enquadravam em um dos critérios e não em outro. Ora haviam nascido e sempre residido na zona rural, mas possuíam nível de escolaridade acima dos critérios da pesquisa, ora a escolaridade era adequada aos objetivos da pesquisa, mas haviam residido em um momento ou outro na zona urbana. A residência urbana em algum período foi um fato bastante comum entre os informantes da faixa que agrupa os mais jovens,

¹⁸ O termo de consentimento livre e esclarecido, muitas vezes, devido à sua complexidade ou seu nível de detalhamento, pode produzir um documento assinado do qual os participantes não se sintam tão “esclarecidos”, portanto, uma vez que ainda não há uma regulamentação padronizadora desse tipo de documento, sugere-se simplicidade e bom senso ao redigi-lo (Garcez, Bulla e Loder, 2014).

sendo este fato ainda mais acentuado quando da localização dos informantes femininos.

Dada esta dificuldade, a pesquisa acabou adentrando no município de Mercês, que a princípio não fazia parte da pesquisa, na região limítrofe ao município de Silveirânia, onde, com base na orientação de uma informante, foram localizadas duas informantes que completaram as cinco mulheres desta faixa etária. A região onde residem estas duas informantes, por ser no limite do município de Silveirânia, apresenta as mesmas características geográficas, sociais e econômicas do restante da área pesquisada.

A locomoção do pesquisador nas regiões rurais dos municípios onde se situa o espaço delimitado para a pesquisa foi feita de motocicleta, devido ao fato de as estradas serem em grande parte bastante precárias, mas a paisagem da região compensou qualquer dificuldade de acesso, com belas montanhas, cachoeiras e bolsões de mata atlântica.

Figura 2 - Cabeça de ponte esburacada por enchente.



Apesar de a pesquisa prever de início que seriam contactados órgãos de assistência social, tal fato não ocorreu, uma vez que, partindo das indicações relativamente genéricas das secretarias de educação, as informações obtidas nas comunidades com as pessoas abordadas pelo pesquisador se revelaram mais eficazes.

As entrevistas foram feitas quase em sua totalidade na casa dos entrevistados, com exceção de dois informantes que preferiram responder as perguntas no curral, onde estavam trabalhando com o gado quando foram contactados. A entrevista feita no ambiente onde o informante se sente mais à vontade colabora para propiciar uma fala mais espontânea e garantir a maior precisão dos dados.

Além da gravação em áudio, necessária para se registrar o desenrolar da entrevista, as dúvidas do entrevistado, as explicações do entrevistador, coletando eventuais vocábulos que possam surgir dessa interação e que sejam do interesse da pesquisa, foi feito o registro das respostas por escrito, pelo pesquisador, respeitando um dos parâmetros definidos por Amadeu Amaral sobre tal procedimento. O autor era categórico a respeito da condição de grafar-se a palavra tal como ela foi pronunciada.

Uma vez que os itens lexicais coletados foram registrados em uma folha de respostas como foram ouvidos pelo pesquisador, a gravação foi um recurso auxiliar para dirimir eventuais dúvidas sobre a pronúncia das palavras e coletar algum vocábulo não previsto e que pudesse ser de interesse do pesquisador. O equipamento utilizado para tal propósito, embora simples – um celular Moto G5 – apresenta todos os recursos para que se proceda a uma eficiente análise do material registrado em áudio, em especial a capacidade de transferência dos registros para um computador, onde os mesmos podem ser submetidos a programas específicos de análise vocal.

No formulário da entrevista apresentado nos anexos, para cada pergunta ficou registrada em letras maiúsculas a resposta pretendida, tal qual ela é encontrada na obra *O dialeto caipira* e, em alguns casos, como Amadeu Amaral coletou mais de uma forma para o mesmo item lexical, também mantiveram-se essas variantes

como prováveis respostas. Na maioria das questões, grafou-se logo após um travessão (–), também em caixa alta, a forma do vocábulo como é preconizada pelo dicionário, e, se não houve este tipo de registro, é porque o vocábulo possui esta mesma forma.

Elaborada a entrevista e selecionados os informantes, convém agora trazer algumas informações sobre os mesmos, uma vez que são eles os responsáveis pelo fornecimento dos dados que podem confirmar ou não a hipótese de trabalho da pesquisa. Como já se afirmou anteriormente, foram trinta entrevistados, distribuídos igualmente por gênero e em três faixas etárias – faixa A, com dez informantes e idades que podem variar de dezoito a trinta e três anos, faixa B, também dez informantes com idade entre trinta e quatro a quarenta e nove anos e faixa C, dez informantes com idades a partir de cinquenta anos. Os critérios da pesquisa em relação ao nível de instrução foram que os entrevistados poderiam ter concluído, no máximo, a antiga quarta série primária, atual quinto ano. Para se situar a influência do ambiente onde residiam os informantes, era exigido que houvessem nascido e residido no meio rural em toda sua vida.

Os critérios da pesquisa eram explicados aos informantes e, com base em suas respostas, era verificado se enquadravam ou não aos parâmetros definidos para a pesquisa. Não foi exigido nenhum tipo de comprovação documental para a satisfação dos critérios.

Dos trinta entrevistados, ao serem indagados sobre profissão/ocupação, vinte e oito se declararam agricultores e dois declararam-se funcionários públicos, pois, apesar de também lidarem com ocupações agrícolas em seu tempo livre, trabalhavam para a Prefeitura Municipal com a função de fazerem reparos nas estradas rurais. Percebeu-se, pelo ambiente de trabalho dos informantes, que a maioria tinha como fonte de renda a criação de gado leiteiro e que as atividades agrícolas se relacionavam à pecuária, pois o milho e a cana de açúcar plantados destinavam-se ao trato dos animais. Uma observação interessante é que, embora todas as mulheres entrevistadas se declarassem lavradoras, apenas uma das informantes foi contactada no trabalho com gado; as

demais estavam ocupadas com afazeres domésticos por ocasião da entrevista. A impressão da existência de uma divisão de trabalho por gênero foi bastante forte durante o processo de entrevistas, tanto pelo fato de as mulheres entrevistadas estarem realizando trabalhos culturalmente atribuídos ao gênero feminino quanto, ao responderem as questões da entrevista, se referirem muitas vezes aos maridos, pais ou irmãos como maiores conhecedores do assunto ou terem mais prática nessa área.

O nível econômico dos participantes da pesquisa variou um pouco, pois havia pequenos proprietários de terra, como é comum na estrutura fundiária da região, assalariados e meeiros. Dentre as propriedades, havia as bem estruturadas para a produção leiteira, com equipamentos modernos e outras que se baseavam em sistemas de produção mais tradicionais, conforme mostram as fotos abaixo. Mesmo entre as propriedades de baixo nível tecnológico de produção, é possível perceber a penetração de elementos “modernos” como no caso da foto do carro de bois carregado de capim destinado às vacas leiteiras, em que o tradicional balaio usado como focinheira foi substituído por cestas plásticas.

Figura 3- Carro de bois .



A foto seguinte traz um burro com cangalha para o transporte de latões de leite, usado por um dos entrevistados cuja propriedade era inacessível por outros meios de transporte, uma vez que a região em que ela se encontrava era montanhosa. Percebe-se, no entanto, o toque “moderno” do plástico protegendo a cangalha.

Figura 4 - Burro arriado com cangalha.



A duração da entrevista variou de uma hora e meia a duas horas e meia, isso porque alguns entrevistados pediam uma pausa na entrevista para um cafezinho e outros preferiam responder sem interrupções. Em quase todas as casas, o pesquisador foi convidado a tomar café ou a almoçar, conforme fosse a hora, o que reflete a hospitalidade interiorana.

Durante a procura dos informantes, um homem e uma mulher, ambos da faixa etária mais jovem, apesar de se enquadrarem em todos os critérios da pesquisa, não quiseram ser entrevistados. Por outro lado, era visível a frustração de alguns que gostariam de

participar, mas não se enquadravam aos critérios da pesquisa por uma ou outra razão.

2.1 Coleta dos dados

Uma vez que o objetivo da pesquisa é verificar a existência e permanência de itens lexicais que já foram registrados por Amadeu Amaral em sua obra *O dialeto caipira*, publicado em 1920, foi realizado um pré-teste, uma tentativa de identificação da situação que julgamos existir. A realização deste pré-teste também teve como finalidade proceder aos ajustes na entrevista, reformulando questões para que se tornassem de mais fácil entendimento aos entrevistados, e assim, propiciarem respostas adequadas à pesquisa. Neste pré-teste, foram selecionados seis informantes, divididos equitativamente entre as três faixas etárias já definidas, com um representante masculino e outro feminino para cada faixa. Os informantes foram selecionados nas localidades de São José da Soledade, no município de Silveirânia, e na comunidade de Águas Claras, no município de Dores do Turvo, ambas na Zona da Mata mineira. Apesar de serem comunidades em municípios diferentes, elas se distanciam por aproximadamente dez quilômetros, sendo semelhantes em características geográficas, climáticas e de povoação.

A primeira comunidade, um pequeno arraial tipicamente rural, com aproximadamente três dezenas de casas que ladeiam uma igreja dedicada à São José, com altitude de 800 metros e atividade econômica baseada principalmente na pecuária leiteira explorada em pequenas propriedades, esteve bastante isolada do restante do município por longo tempo devido às estradas que lhe davam acesso, já que está situado nos contrafortes da Serra da Mantiqueira. A história suposta da criação do povoado de São José da Soledade tem origem na época da conjuração mineira de 1789, quando pessoas de alguma forma ligadas a José Ignácio de Alvarenga Peixoto e Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira se refugiaram na região, a fim de se livrar de perseguições da Coroa devido as suas participações na Inconfidência Mineira, fato que carece de melhor apreciação e comprovação

histórica, mas ao menos fortalece a noção de isolamento e dificuldade de acesso à região.

A segunda comunidade selecionada, Águas Claras, no município de Dores do Turvo, composta de casas próximas umas às outras, mas um pouco esparsas, sem constituírem um arraial, também apresenta as mesmas características geográficas e de exploração econômica, além de seu isolamento geográfico. Outra característica da região são invernos rigorosos, com ocorrência bastante comum de geadas, com as estações seca e chuvosa bem definidas. Até a década de 1980 a cultura do café era o carro-chefe da exploração econômica da região, entrando em declínio principalmente pelo êxodo rural, a ponto de ser somente uma lembrança nas pessoas com mais de trinta anos.

O êxodo rural (e urbano), conforme já se mencionou na página 46 e a título de informação, foi uma realidade vivida pelos municípios nos quais se realizou a pesquisa, em especial Silveirânia, com perda acentuada da população rural. Em Dores do Turvo, apesar de ser menos marcante esse fluxo migratório, tal condição também se encontra presente, conforme os quadros 2 e 3 a seguir.

Quadro 2 - Evolução populacional em Silveirânia

Ano	Total	Urbana	Rural
1991	2.047	655	1.392
2000	2.138	1.021	1.117
2010	2.192	1.429	763

Fonte – IBGE 2010.

Quadro 3 - Evolução populacional em Dores do Turvo

Ano	Total	Urbana	Rural
1991	5.043	1.542	3.501
2000	4.799	1.877	2.922
2010	4.462	2.030	2.432

Fonte – IBGE 2010.

2.2 Análise dos dados do pré-teste

Realizadas as entrevistas no pré-teste, cujos objetivos, conforme se relatou anteriormente, foram verificar a existência e permanência de itens lexicais já registrados por Amadeu Amaral em sua obra *O dialeto caipira* e realizar as correções necessárias nas perguntas aplicadas, percebeu-se que algumas perguntas trouxeram respostas muito diversas das coletadas por Amadeu Amaral. Subentendeu-se que isso se deve ao fato de, na região pesquisada, a denominação trazida por Amaral não ser conhecida ou a pergunta não ter sido clara o suficiente, suscitando outra compreensão. Ainda assim, visto que nenhuma pergunta ficou sem resposta ao menos por um informante, optou-se por mantê-las sem modificações até o fim da pesquisa.

Coletados os dados nesta fase do pré-teste, verificou-se que 134 perguntas trouxeram como resposta a palavra que se pretendia coletar, o que representa 67% do total, conforme o gráfico 1, apresentado abaixo.

Gráfico 1 - Número de palavras coletadas no pré-teste



A realização do pré-teste sugeriu que, embora ainda apoiado em uma base de dados restrita, a presença de 134 itens lexicais dentre os 200 procurados, atesta a ideia de que o dialeto descrito por Amaral se faz presente nos dias atuais e cobre uma área geográfica mais ampla que supunha o autor.

A realização do pré-teste com 6 informantes, um masculino e outro feminino para cada faixa etária possibilitou o vislumbre do panorama linguístico buscado pelo trabalho, com situações que poderiam ou não ser confirmadas quando da conclusão do total das entrevistas previstas. Tal panorama é demonstrado no quadro 4 a seguir.

Quadro 4 - Palavras coletadas no pré-teste, constantes em O dialeto caipira, por faixa etária e gênero

Faixa	Número de palavras encontradas		Total
	Masculino	Feminino	
A	55	38	93
B	82	56	138
C	98	96	194

Na primeira faixa, A, dos informantes mais jovens, coletou-se o menor percentual de palavras coincidentes com as encontradas na obra *O dialeto caipira*, usada como referência comparativa. A diferença entre o número de palavras coletadas com o informante masculino e o informante feminino, embora não tão díspar, traz um indicativo de variação de gênero

Na segunda faixa, B, encontrou-se uma grande variação entre as palavras coletadas na fala dos informantes, o que pode indicar que nesta faixa há uma diferenciação entre o falar masculino e o falar feminino. Esta variação pode estar relacionada ao fato de boa parte das perguntas da entrevista se referir ao universo masculino, visto que no meio rural encontra-se ainda uma atribuição de papéis a homens e mulheres com delimitações mais definidas.

Na terceira faixa, C, ao contrário da segunda, estão praticamente idênticos os números de palavras coletadas e que se encontram na obra *O dialeto caipira*, usada como comparativo.

Nesta faixa, e com o número limitado de entrevistas do pré-teste, subentendeu-se que não havia significativa variação de gênero, o que poderá ser ou não comprovado quando se dispuser de uma maior base de dados.

Após a conclusão das trinta entrevistas, sua transcrição e tabulação dos dados coligidos, procedeu-se a sua análise para verificação se os indícios apontados no pré-teste seriam ou não confirmados, o que se apresenta no próximo capítulo.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

De início convém recordar que a entrevista compunha-se de duzentas perguntas cuja resposta pretendida se resume a uma palavra ou expressão registrada por Amadeu Amaral em sua obra *O dialeto caipira* e que foram previstas e realizadas trinta entrevistas, compondo um corpus de seis mil respostas para análise. Nestas respostas coletadas incluem-se para análise, naturalmente, aquelas perguntas que não foram respondidas e ficaram registradas nas entrevistas como “Não sabe”.

A finalidade da construção deste *corpus* foi subsidiar as análises necessárias para verificar se as proposições iniciais da pesquisa foram satisfeitas. As proposições foram, a título de lembrança, assinalar possíveis correspondências entre o falar dos entrevistados nas comunidades selecionadas e o falar caipira retratado na obra de Amadeu Amaral, por meio do registro de características lexicais coincidentes. Buscou-se verificar também a suposição de que o dialeto caipira retratado por Amadeu Amaral abarcava área maior do que supunha o autor, alcançando partes de Minas Gerais. Por último, procurou-se verificar a hipótese aventada por ele de que o dialeto caipira estava condenado ao desaparecimento. Por meio desta pesquisa, buscou-se um conhecimento maior sobre os dialetos rurais mineiros e, por consequência, a realidade linguística do Brasil.

Completadas as entrevistas e após a transcrição das respostas, houve a tabulação e a quantificação dos dados para as análises necessárias, iniciando-se de um panorama geral para pormenores mais específicos. Assim, o primeiro dado que chamou a atenção foi a presença de 179 palavras das duzentas pesquisadas, presentes na obra de Amaral. Este quantitativo corresponde ao percentual de 89,5%, indicativo bastante sólido da presença do dialeto caipira na região pesquisada. Percebe-se, porém, no detalhamento dos dados que a

presença dos itens lexicais coincidentes não é bem distribuída entre as faixas etárias pesquisadas, fato a ser pormenorizado mais adiante.

A transcrição dos dados foi feita em forma de tabela apresentada nos anexos da pesquisa (página 125), com 8 perguntas em cada página e um total de 25 páginas. Cada página comporta as transcrições das 30 respostas dos informantes para as 8 perguntas. A diagramação da tabela 1, um excerto das transcrições, é exemplificada esquematicamente a seguir para mais fácil identificação dos dados.

Tabela 1 – Identificação dos dados da tabela de transcrição

info r.	Perguntas							
	1	2	3	4	5	6	7	8
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	acoc ha	agregado	cava- dêra	coiva- ra	coroá	capi na	cuitel o	mun- jolo
1	não sabe	companh eiro	cava- dêra	não sabe	não sabe	lim- peza	ara- do	pilão
2	rosca	não sabe	cava- dêra	coiva- ra	bacia	capi- na	réfi	mun- jolo
3	não sabe	ajudante	cava- dêra	não sabe	não sabe	capi- na	não sabe	mijo- lo
4	não sabe	não sabe	cava- dêra	colva- ra	não sabe	capi- na	serra	mun- jolo
5	não sabe	não sabe	cava- dêra	galho	croá	capi- na	raste- lo	mun- jolo
6	pé de porc o	não sabe	cava- dêra	gaia- da	varrid a	capi- na	não sabe	não sabe
7	arroc ho	casêro	cava- dêra	corva- ra	não sabe	capi- na	gan- cho	canoa
8	não sabe	não sabe	cava- dêra	não sabe	coroa ção	capi- na	cute- lo	não sabe
9	rabo de por- co	braçal	cava- dêra	coiva- ra	coroá	capi- na	cute- lo	mun- jolo

10	Aper-to	não sabe	cava-dêra	grave-to	coroa-ção	lim-peza	cute-lo	minj-ólo
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	não sabe	não sabe	cavadêra	não sabe	não sabe	capi-na	cutel-o	man-jolo
12	não sabe	não sabe	cavadêra	tiço	croá	capi-na	cute-lo	mijo-lo
13	não sabe	não sabe	cavadêra	não sabe	não sabe	capi-na	não sabe	mun-joli
14	arroc-ha	não sabe	cavadêra	coiva-ra	não sabe	capi-na	cute-lo	mun-jol
15	estica	não sabe	cavadêra	que-mada	embac-ia	capi-na	cute-lo	mun-jolo
16	não sabe	não sabe	cavadêra	lenha	bacia	capi-na	cute-lo	minj-olo
17	pé de cabri-to	voluntári-o	cavadêra	corva-ra	coroá	capi-na	cute-lo	mun-jolo
18	pé de porc-o	Ambula-n-te	cavadêra	corva-ra	bacia	capi-na	cute-lo	minj-olo
19	torcê	diarista	cavadêra	coiva-ra	embac-ia	capi-na	cute-lo	mun-jolo
20	cabri-to	trabaia-dô ambulante	cavadêra	corva-ra	bacia	capi-na	cute-lo	mun-joli
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	arro-cha	não sabe	cavadêra	fêxe	bacia	capi-na	ancin-ho	mun-jolo
22	arro-cha	diarista	cavadêra	coivar-a	embac-ia	capi-na	cute-lo	mon-jolo
23	arro-cho	diarista	cavadêra	tição	bacia	capi-na	cute-lo	mun-jolo
24	arro-cho	não sabe	cavadêra	lenha	coroá	capi-na	cute-lo	mun-jolo
25	marr-ô	não sabe	cavadêra	tição	limpo-u	capi-na	não sabe	mijó-lo

26	arrocho	colono	cavadeira	coivara	embacia	capi na	gancho	minj ólo
27	torricolo	companheiro	cavadêra	coivara	bacia	capi na	cute lo	mijo lo
28	travou	ambulante	cavadêra	coivara	bacia	capi na	cute lo	minj olo
29	dá uma cabrita	bóia-fria	cavadêra	lenhera	bacia	capi na	cute lo	mun jolo
30	dar um "s"	bóia fria	cavadêra	quema da	embacia	capi na	cute lo	mun jólo

A primeira coluna – *Infor.* – numerada de 1 a 30, são os 30 informantes da pesquisa, identificados numericamente por faixa etária e gênero. Do informante 1 ao 10 são os componentes da faixa A, sendo do 1 ao 5 os informantes femininos e do 6 ao 10 os informantes masculinos. A faixa B, do 11 ao 20, dividida do 11 ao 15 para os informantes femininos e do 16 ao 20 para os masculinos. Na faixa C, do 21 ao 30, encontram-se os informantes femininos no intervalo de 21 ao 25 e os masculinos no intervalo de 26 ao 30.

A primeira linha – *Perguntas* – delimita o espaço para 8 perguntas por página, cuja numeração vem na segunda linha. Na terceira, décima quinta e vigésima sexta linhas estão identificadas respectivamente as faixas A, B e C. Na quarta linha em letras maiúsculas, estão as palavras retiradas da obra de Amaral, que são as respostas pretendidas das perguntas. No corpo da tabela estão transcritas as respostas, grafadas como foram ouvidas pelo pesquisador. As palavras que estão em negrito foram aquelas consideradas para a pesquisa e computadas para as análises devidas.

Para melhor visualização dos dados numéricos, eles são apresentados em forma de gráfico para ilustrar a situação descrita. Dessa forma, o gráfico 2, a seguir, traz o número de palavras encontradas nas entrevistas, dentro do total esperado:

Gráfico 2 - Número de palavras coletadas nas entrevistas.



Comunidades estabelecidas há longo tempo em regiões que não favorecem o contato dialetal, como no caso da região onde foram feitas as entrevistas, servidas aproximadamente até a década de 1980 por estradas muito precárias e praticamente isoladas durante a estação chuvosa, caracterizadas por redes sociais, de parentesco e de interesses econômicos semelhantes, favorecem a preservação de uma identidade regional, perceptível na manutenção de traços linguísticos próprios. Essas características linguísticas distintivas tornam mais fortes os laços de identidade e solidariedade dentro das comunidades, principalmente por não discriminarem seus membros.

Bortoni-Ricardo (2011) assinala a predisposição a resistência à mudança linguística e a consequente preservação de um falar que particularize comunidades em isolamento (geográfico, social ou ambos), uma característica prevalecte, de acordo com Milroy (1987) em determinadas áreas rurais.

A língua em sua forma oral apresenta, como força adaptativa e motivadora, o desafio perante as adversidades e os estímulos da vida diária, tendo como centro os fatores de intercâmbio socioculturais. Revela em suas marcas dialetais a fundamentação ideológica de uma comunidade de fala determinada, na qual,

segundo Labov (2008), os membros apresentam características distintivas de outras comunidades, em especial no campo da linguagem. A manifestação diferenciada dessas atitudes linguísticas pode provir da combinação de fatores geográficos, sociais, culturais e de sistemas de exploração econômica, em pesos diferentes conforme a caracterização histórica das comunidades.

A permanência dos itens lexicais coletados manifestou-se em proporções diferentes ao longo das entrevistas. Das 179 palavras encontradas, algumas foram citadas por todos os entrevistados e outras por poucos. Do total pesquisado, 21 não foram encontradas. A tabela 2 a seguir traz as palavras em ordem decrescente do número de vezes em que foram citadas.

Tabela 2 - Número de vezes em que as palavras pesquisadas foram encontradas

Nº de vezes	Palavras
30	cavadêra, paiol, angu, banguela, janta, taquara
29	apiá, boneca, estrepa, endêiz, garapa
28	capina, bichêra, balaio, roça, ariá, cosquenta, sapeca, picumã
27	despenca, cuia,
26	munjolo, imbigo, atenta, barriá, cutuca, folia, candiêro
25	taturana, pulêro, repasso, sombração, barbela, cuchilo
24	Capado
23	pampa, barriguêra
22	Ceva
21	tocaia, brócha, pinta, manta, correição,
20	minduim, bença, caganêra, puxado
19	cutelo, bandêra, baxêro, córgo
18	chama, gamelêra, imbira, madorna, parte, pernada, marinêro
17	coará, inhambu, catinga
16	Picada
15	ervado, tetéia, isca, pórva, bolia
14	piruá, quebra, coresma, binga, breganha, caiêra, imbruiado
13	coivara, cochinil, travage, artêro, espícúla, imbolado, piôio de cobra
12	sóca, carniço, incarangada, indireitá,
11	calombo, pareia, carestia
10	avôa, chumaço, urutu, cumbuca, congada, cotó, guspiau, sastifeito, variano
9	cincerro, sortêro, bate-bôca, truque, injuei, mascate
8	barbulêta, bacaiou, passarinhêro, capuêra, chiringa

7	coroá, velá, urupuca, macaia, cacunda, crédo, sungô
6	tala, acertá, panela, alembrá, chacoaiá, faiô, lambada
5	tipiti, buraquêra, estamo, jirau, pageá
4	madrinha, forno, arfenete, desbocada, sujigá
3	mutirão, chucro, amolação, arco da véia, arrancho, inzempro, petecada, impacadô, marelô
2	virge, aleluia, curau, muxibenta, causo, documento, desencabeçô, distratá, gumitô, povaréu
1	inferno, arapuá, orêia de onça, estalêro, in antes, bibóca, búzo, cafundó, feição, golosa, mundéu, pancada, patuá, tutaméia

É importante ressaltar que, das 179 palavras consideradas, em relação a dez perguntas, embora se tenha observado estritamente a condição de se aceitar somente palavras coletadas tal como se encontram na obra *O dialeto caipira*, ponderou-se que flexões (verbais, de gênero, número e grau) e derivações, bem como variações fonéticas da mesma palavra, não seriam consideradas impedimento à aceitação da resposta, o que se verifica na tabela 2 a seguir. Nestas dez perguntas, nenhuma das palavras foi citada tal como está na obra de Amadeu Amaral.

Tabela 3 – Palavras com flexões, derivações e variações fonéticas

Pergunta	Palavra coletada	Palavra em <i>O dialeto caipira</i>
7	cutelo	Cuitelo
47	indêiz, indrêz,	Endêiz
51	empacado, pacadô	impacadô
57	apariada, pariada	Pareia
98	molação	amolação
103	arfinete	arfenete
133	congado	congada
144	descabiciô, discabiciada	desencabeço
155	gumitano	Gumitô
196	sujigá	Sojigá

Em 46 perguntas, além de coletar a palavra tal qual é retratada na obra de Amaral, encontrou-se também variações de natureza fonética e variações por flexões (verbais, de gênero, número e grau). No quantitativo geral, estas variações também foram computadas.

A tabela 4 a seguir apresenta as variações encontradas, frente a palavra que se buscava coletar.

Tabela 4 – Palavras coletadas que apresentam variações fonéticas ou flexionais em relação às palavras registradas na obra O dialeto caipira

Pergunta	Palavra coletada	Palavra em o dialeto caipira
4	Corvaras	coivara
5	Coroação	coroá
8	mijolo, munjoli, munjol	munjolo
9	paió, paioli	paiol
16	Tucaia	tocaia
20	Coarano	coará
22	apiô, apeia, apiado	apiá
24	Barbolêta	barbulêta
27	boliadô, buliadô, bulia, boleia, buleia	boliá
31	cevêro, cevano, cevado	cevá
34	cochinili, cuchinil	cochinil
38	Chumacho	chumaço
45	carniço, canisto, canisho	caniço
53	acertado	acertá
59	piô de cobra	piôio de cobra
68	Fornin	fôrno
70	Marinhêro	marinheiro
74	quebrô, quebrada	quebra
76	Buneca	boneca
79	Gamelêra	gameleira
85	Traquara	taquara
88	Dispencá	despenca
102	Ariano	ariá
104	arranchada	arrancho
113	barriano, barriô,	barriá
114	bateno boca, bateu boca	bate-bôca
128	cutucão, cutucô, cutucada, cutucano, cutuquei	cutuca
130	chucaiô, chacoiano, chacoiaiô	chacoaiá
132	Carestia	carêstia
134	Corguim	córgo
139	cuchilano	cuchilo
148	ispiculante, ispicúla	espicúla
150	estrepei,estrepô, estrepada	estrepa
153	fulia, fulião, fuleiro	folia

156	gospe	guspiu
157	imbolô, imbola	imbolado
160	encarangada, carangada	encarangada
161	Endereitô	indireitá
163	injuô, injuá, injuado	injuei
165	iscano, iscô	isca
171	Modorna	madorna
174	page, pagιά	pageá
185	pinicadim, pinicão, pinicado, pinica	pinicá
186	Pintô	pinta
197	sunguei	sunga
200	Variá	variano

As 21 palavras que não foram encontradas na pesquisa encontram-se na tabela 5 abaixo, com as respostas mais frequentes para as perguntas

Tabela 5 - Palavras não encontradas

Pergunta	Palavras que não foram encontradas	Forma mais encontrada
1	Acócha	não sabe, arrocha
2	agregado	não sabe
23	Aragano	arisco
30	Ataiá	não sabe
48	Gaudério	azulego, zulego
49	Guampa	não sabe, chifrero
91	mamparra	manha
92	se abanque	entra prá dentro, entra
93	Acóca	passa a mão na cabeça, mimano
94	agardecê/gardecê	agradecê, agradece
97	aminhã/amenhã	amanhã
100	Apiô	dormiu
105	arremizada	nervosa
106	arrespondê	responde
110	azoretada	doido, perturbado
116	Béveva	pareba
117	Bestá	não sabe, falá abobrinha, menti
120	bossoroca	valeta, vala, valo
136	Criadêra	lubrina, lebrina, nebrina, neblina
140	Danado	não sabe
142	Dereito	certo, certa

Da tabela acima, algumas palavras embora mantenham o mesmo significado, apresentam-se em outros significantes nas mais variadas proporções, como a pergunta 23, com a denominação *arisco*, que aparece 8 vezes, de sentido semelhante a *aragano*.

Para a pergunta 48, em que se esperava a resposta *gaudério*, ocorreu *azulego*, *zulego* dezoito vezes. Interessante nesta pergunta é a situação que ela transparece: o pássaro a que ela se refere (*azulego* na região pesquisada e *gaudério* na obra de Amaral) é uma praga na cultura de arroz, arrancando as plantas assim que germinam, para comer o grão com as raízes ainda novas. Atualmente não se cultiva mais o arroz na região, cuja topografia torna difícil a mecanização, por ser uma cultura bastante penosa de se conduzir manualmente, além de que o grão hoje em dia é relativamente barato de se adquirir e abundante no comércio da região. Antigamente era outra situação, pois não havia disponibilidade deste cereal, de modo que quem quisesse tê-lo na cozinha precisava cultivá-lo. Com o desaparecimento da cultura, desapareceram os pilões para se beneficiar manualmente o cereal, os monjolos, as (poucas) máquinas de beneficiar arroz, uma série de etapas de produção e manejo da cultura. Os *azulegos* não desapareceram, mas os mais novos já apresentam dificuldades em nomeá-los como se percebe pela coleta da palavra na faixa A, em que surge 4 vezes; na faixa B, encontrada 5 vezes e na faixa C em que se faz presente 9 vezes.

A pergunta 49, na qual se pretendia encontrar *guampa*, trouxe a maioria das respostas como *não sabe* – 26 vezes – 10 vezes na faixa A, 10 vezes na faixa B e 6 vezes na faixa C. O item lexical buscado – *guampa* – significa o chifre que se pendura na lateral do carro de bois, cheio de azeite de mamona ou banha de porco para se lubrificar o eixo, evitando que o mesmo se incendeie, pelo fato de ser de madeira e girar dentro de outras estruturas de madeira (chumaços e cocões), quando o carro de bois está carregado e em movimento por longas trajetórias. Na região assume o nome de *chifrêro*, mas lembrado apenas por 3 informantes masculinos da faixa C. Uma informante feminina desta faixa o classificou como *buzina*, uma espécie de apito que se fazia também com o chifre dos

bois, mas nada relacionado à situação da pergunta. Além do declínio (ou o quase desaparecimento da cultura do carro de bois), novos sistemas de manejo da pecuária também favoreceram o esquecimento da palavra. Hoje na região os bovinos são descornados, quer dizer, retiram-se os chifres cirurgicamente ou pela queima com ferro em brasa quando ainda bezerros, para se evitar acidentes entre os animais ou com as pessoas que os manejam. O desaparecimento dos chifres acabou com a manufatura de objetos a partir deste material na região, assim como as palavras que os designavam.

Se observada mais de perto, cada palavra que aparece um menor número de vezes é mais presente na faixa C. Provavelmente traz uma carga semântica que a liga a situações não mais existentes ou em processo de desaparecimento. As palavras, como designativas da realidade, se perdem à medida que a realidade se modifica, ao ponto de se transformarem em arcaísmos e estacionarem à margem do repertório linguístico.

As palavras criadas ou incorporadas pelo homem constituem o léxico de uma língua e são utilizadas para a interação social. Pelo léxico tornam-se evidentes características particulares aos falantes, impressas na língua e condicionadas por fatores que possibilitam a variação linguística. Estes fatores, que denominamos *variáveis*, podem ser, de sexo, de nível de escolaridade, de faixa etária, de classe social, de lugar entre outros. Neste trabalho foram uniformizadas, grosso modo, as variáveis escolaridade, classe social e lugar, restando as variações relacionadas a sexo e faixa etária. Uma vez que foram selecionados para cada faixa cinco informantes masculinos e cinco femininos, é interessante notar-se a indicação de variação diagenérica e diagenérica, demonstradas nos gráficos a seguir, cujos totais refletem a soma de quantas vezes as palavras objeto da coleta e as variantes fonéticas, flexões e derivações já nomeadas anteriormente, foram encontradas.

No gráfico 3 abaixo demonstra-se a variação diagenérica na faixa A:

Gráfico 3 - Variação diagenérica na faixa A (18 a 33 anos).



Na faixa A, que agrupa os informantes mais jovens, a diferença entre o número de palavras coletadas entre os informantes masculino e feminino, apesar de evidente, não foi muito expressiva. Considerando 10 informantes e a entrevista com 200 perguntas, o total de respostas dentro desta faixa seria 2000. Deste total, encontraram-se com os informantes masculinos e femininos 595 citações dentre as procuradas, o que corresponde a 29,75% do total. Deste percentual, o número de palavras constatadas no segmento masculino corresponde a 15,8% - 316 palavras - e no segmento feminino corresponde a 13,95% - 279 palavras, uma diferença em termos percentuais a mais para os homens de 1,85%, o que em termos numéricos equivale a 37 palavras.

Também foram computadas as ausências, ou melhor, as perguntas que os entrevistados não souberam responder. Aqui supõem-se duas possibilidades para essa não-resposta às perguntas: ou os informantes realmente não sabem a resposta pelo fato de a palavra não fazer parte de seu repertório lexical ou a pergunta não foi formulada corretamente. Como a maioria das perguntas apresentou algum tipo de resposta, mesmo que não a resposta pretendida, a primeira possibilidade apresenta-se mais plausível. Na faixa A, encontrou-se para os informantes femininos

o número de 222 respostas registradas como “não sabe”. No caso dos informantes masculinos este número cai para 214.

Os dados numéricos da presença das palavras procuradas e da ausência de resposta nos mostram uma variação pequena entre os gêneros na faixa A, tanto em relação ao que o segmento mantém de repertório lexical em comparação à obra de Amaral, quanto ao que se perdeu ou é desconhecido. Apesar de os informantes desta faixa terem frequentado somente até a quarta série escolar (atual quinto ano), houve mais dificuldade em encontrá-los que os informantes das demais faixas. Como já se mencionou, era bastante comum encontrar prováveis informantes que no fim das contas possuíam escolaridade superior à quarta série ou residência urbana em algum momento da vida, inviabilizando sua participação na pesquisa. Percebe-se, assim, que dentro desta faixa etária, os entrevistados para a pesquisa constituem minoria e convivem com seus coetâneos mais escolarizados e/ou que residiram na zona urbana, apresentando provavelmente um vocabulário em que as marcas de gênero podem ter sido mais niveladas pelo aumento dos anos de instrução oficial ou pelo ambiente urbano.

Uma vez que, por opção metodológica da pesquisa, não foram entrevistadas pessoas fora dos critérios acordados, a possibilidade da influência no vocabulário pela convivência dentro da mesma faixa etária de pessoas mais escolarizadas ou que residiram na cidade por algum tempo, apesar de possível, não pode ser afirmada.

Na faixa B, cuja idade pode variar de 34 a 49 anos, também com 10 informantes divididos igualmente por gênero, encontraram-se dentro das 2000 respostas possíveis os números mostrados no gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 - Variação diagenérica na faixa B (34 a 49 anos)



O total, somadas as respostas dos homens e das mulheres, corresponde a 723, sendo 36,15% em termos percentuais, dentro das 2000 respostas possíveis do segmento. Nesta faixa pode-se perceber que os homens conservam mais do vocabulário recolhido por Amaral na década de 1910, pois enquanto com os informantes masculinos colheram-se 419 palavras – 20,95%, com as entrevistadas o número caiu para 304 – 15,2%, uma variação em porcentagem equivalente a 5,75% a mais para os informantes masculinos, representada por uma diferença de 115 palavras.

O número de ausência de respostas, registradas como “não sabe”, para os informantes masculinos ficou em 84 e para os informantes femininos em 174, uma diferença de 90 perguntas para as quais as mulheres deste segmento não tiveram respostas – reitera-se. Tal situação, em seu aspecto geral, não significa que as perguntas respondidas trouxeram a palavra que se procurava. Em muitos dos casos as respostas estão dentro do sentido esperado, mas seu significante é outro. Algumas vezes as respostas refletem um entendimento diferente da pergunta e outras tantas apresentam um não entendimento do que foi perguntado.

Algumas circunstâncias podem ajudar a compreender a diferença entre o repertório lexical masculino e o feminino, dentro

da faixa B. Em primeiro lugar, deve-se atentar para o fato que Amadeu Amaral coletou o vocabulário caracterizado como dialeto caipira por volta da década de 1910 e, naquela época, a mulher, salvo raras exceções, não possuía nenhum destaque na sociedade, relegada ao segundo ou ao terceiro plano. Para se ter uma noção do lugar ocupado pela mulher na sociedade, basta lembrar que a conquista do direito ao voto aconteceu em 24 de fevereiro de 1932, ainda com restrições¹⁹. Dentro do contexto da época, ainda mais em regiões rurais, é pouco provável que Amadeu Amaral tenha tido contato mais direto com o universo feminino de então. É perceptível em sua obra a presença de palavras que se referem a atividades, ocupações, materiais e utensílios mais relacionadas ao universo masculino.

Em segundo lugar, o fato de existir ainda no meio rural, principalmente em lugares mais isolados, uma divisão de trabalho bastante marcada pelos papéis de gênero, com algumas atribuições mais próprias aos homens e outras às mulheres. Somado a isso, a modernização dos meios de produção rareou ou mesmo extinguiu um sem número de atividades, processos produtivos, utensílios e materiais que, por força de imposições sócio culturais, já eram mais característicos do universo masculino, distanciando ainda mais as palavras que os nomeavam da realidade feminina. Essa modernização parece ter tido um forte impacto na faixa B, ficando os homens apenas com a lembrança das palavras referentes a tais situações e as mulheres, que conviviam com essas situações por via indireta através dos homens (pais, maridos, irmãos) e para as quais tais situações já não faziam parte de seu cotidiano, mais longe ainda ficaram desse léxico.

Na faixa C, composta com informantes de 50 anos ou mais, uma situação de mais equilíbrio entre homens e mulheres volta a surgir. Também é a faixa na qual se encontra o maior número de

19 O Código Eleitoral da época permitia apenas que mulheres com renda própria pudessem votar, sendo que as casadas ainda necessitavam da autorização do marido.

palavras referenciadas na obra de Amaral, fato que se prenunciava desde a realização do pré-teste para a validação das perguntas da entrevista. Supunha-se que nesta faixa havia a maior probabilidade de encontrar informantes que vivenciaram processos produtivos, atividades rotineiras, modos de organização social e outras situações arcaicas aos olhos da modernidade atual e que o vocabulário referente a essa realidade pretérita ainda pudesse ser encontrado. Vale incluir aqui uma lembrança sobre a distância cronológica da pesquisa de Amaral, realizada por volta da década de 1910, no interior de São Paulo, a uma distância geográfica de aproximadamente 672 quilômetros da área coberta pela atual pesquisa em Minas Gerais.

O gráfico 5, que ilustra o número de palavras elencadas por Amaral e presentes na fala dos entrevistados e das entrevistadas da faixa C é apresentado a seguir:

Gráfico 5 - Variação diagenérica na faixa C (a partir de 50 anos)



Os números que o gráfico traz mostram um acréscimo no número de palavras encontradas nesta faixa. Eles demonstram que tanto os homens quanto as mulheres deste segmento conservam mais do vocabulário coligido por Amaral, de forma individual ou somada, se comparados aos outros segmentos avaliados pela pesquisa. Em números totais, somadas as respostas dos homens e das mulheres

obteve-se como resultado 913 respostas, aí incluídas as palavras idênticas àquelas que Amaral coletou e as variações e derivações aceitas no trabalho. Este número equivale, no âmbito das 2000 respostas esperadas para o segmento, a 45,65%. Estratificando este percentual por gênero, temos para os homens 23,95%, correspondendo a 479 respostas e para as mulheres 21,7%, o que equivale a 434 palavras. A diferença percentual entre os gêneros é de 2,25% a mais para os homens, o que corresponde a 45 respostas.

As perguntas que deixaram de ser respondidas também caíram neste segmento, ficando os homens com 50 registros “não sabe”, enquanto as mulheres não souberam responder 86, dentre as 2000 possibilidades de respostas. Reafirma-se aqui que as respostas nem sempre trouxeram as palavras buscadas pelo trabalho, seja por outra compreensão das perguntas ou pelo fato de a palavra pretendida ser apresentada por uma denominação diferente.

Um fato digno de nota é que dos dez entrevistados da faixa C, apenas dois, um homem e uma mulher estavam abaixo de 60 anos. A idade mais avançada da maioria dos informantes deste segmento os distancia dos demais informantes dos outros segmentos em termos cronológicos, mas pode ser um diferencial para a preservação maior de itens lexicais reportados por Amaral. Os informantes da faixa C conviveram na sua infância e juventude com um mundo bastante diverso daquele em que conviveram os informantes dos outros segmentos entrevistados. Ainda que as transformações pelas quais o mundo tem passado nos últimos tempos tenham tido impactos significativos no seu modo de viver, suas memórias guardam realidades já esquecidas, agora acessíveis principalmente através do léxico.

Entende-se que o desenvolvimento do repertório lexical se processa desde a mais tenra infância e não se reduz apenas a uma organização quantitativa, mas aos processos e transformações que influem no plano das significações que são estendidas a tais palavras. Dessa forma não se resume a simplesmente aprender palavras, é um processo com um nível maior de complexidade. Adquire-se a habilidade de nomear e reconhecer objetos do mundo

a partir de uma relação de significação desses objetos, após ter se apossado deles dentro de um contexto determinado no qual estão inseridos. Uma vez que tais objetos, aqui podendo se entender objetos também como processos, sensações, atividades, sentimentos, enfim, um sem número de situações, mantêm um relacionamento estreito entre si, o léxico que os referencia não pode ser composto apenas por um rol de palavras, mas uma organização de sentidos. Pode-se ainda referir às palavras como paralelas ao conhecimento de mundo e com existência inscrita em determinado contexto ou sequência comunicativa, motivo pelo qual sua significação é incisivamente determinada pelo ambiente em que se encontra incluída. Esta categorização do mundo ao nosso redor, gravada no léxico, transporta em si, como componentes intrínsecos, atributos culturais e formas de organização social, que podem ser abstraídas por meio dele.

Para Sprenger-Charroles (1984), o entendimento do repertório lexical não deve ser compreendido como um arquivo de materiais para futuras atividades de compreensão e expressão. Deve ser entendido, por outro lado, como resultado de atividades, práticas e vivências experienciadas desde a infância, o que possibilita ao léxico riqueza, diversidade, precisão e estrutura. Ao mesmo tempo que o léxico se solidifica, também se torna flexível o suficiente ao ponto de expressar necessidades de diversos matizes. A autora afirma ser o léxico, do ponto de vista social, um agrupamento de estruturas que se apresentam teoricamente estabilizadas, mas que em certas situações se caracterizam, ao mesmo tempo, pela duração e evolução,

A variação diagenérica presente nos gráficos acima mostrou-se mais evidente na faixa etária intermediária, a faixa B, apesar de estar presente nas três faixas abordadas pela pesquisa. Resumindo em termos percentuais, a faixa A apresentou o índice de 1,85% a mais de palavras coincidentes à obra de Amaral coletados com os informantes masculinos; a faixa B, 5,75% a mais no segmento masculino e a faixa C, com 2,25% também de predominância masculina. Apesar de perceptível, a variação diagenérica no que

tange às palavras procuradas pela pesquisa pode ser considerada baixa, de uma forma geral. Não se afirma aqui que a variação de gênero não se fez presente, tanto que os percentuais masculinos foram todos superiores aos femininos, mas que em alguma outra pesquisa linguística, com outros objetivos e abordada por outras metodologias, seria possível esta variação se manifestar e ser registrada com outros percentuais.

Diversas pesquisas apontam a existência de diferenças no comportamento linguístico dos homens e das mulheres. Os estudos sociolinguísticos têm observado os fatores faixa etária e gênero, mas muitas perguntas estão ainda por serem respondidas. As diferenças no comportamento linguístico derivadas do gênero, segundo Chambers e Trudgill (1994), são perceptíveis desde a fala das crianças. Para Monteiro (2000, p. 76), esse dimorfismo na linguagem é, antes de tudo, “um fato de ordem sociocultural que se reflete na língua enquanto sistema semiótico entre outros.” Pesquisas sociolinguísticas que abordam a variável sexo em geral revelam que as mulheres têm preferência em utilizar as formas de mais prestígio social, enquanto os homens costumam se valer mais de formas não prestigiadas. De acordo com Paiva (2004, p. 36), há a tendência de as mulheres “liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens.” A afirmação da autora pode ser corroborada quando se atenta para a pergunta 174, cuja resposta esperada seria *pageá*, (cuidar de crianças e em alguns contextos cuidar ou acompanhar adultos) encontrada quatro vezes na faixa C, apenas entre os informantes masculinos e uma vez na faixa B, com uma informante feminina. O que chama a atenção é a roupagem mais moderna dada para a palavra, *babá*, empregada por oito informantes femininas.

Essa tendência se manifesta no estudo de Labov ([1972] 2008) a respeito da pronúncia do [r] pós-vocálico no inglês de Nova York, uma vez que a utilização da pronúncia retroflexa, forma mais prestigiada, embora inovadora, teve predominância entre as mulheres. Pelo inverso, se a forma variante é desprestigiada socialmente, são os homens que tomam a dianteira no processo de

mudança, e as mulheres se posicionam de forma mais conservadora. Dessa situação, segundo Paiva, “o que se pode generalizar, pelo momento, é a maior sensibilidade feminina ao prestígio social atribuído pela comunidade às variantes linguísticas.” (2004, p. 37). Essa percepção feminina do comportamento linguístico pode ter como causas a associação aos papéis femininos de uma maior rigidez formal e também pela posição da mulher na sociedade se apresentar menos sólida que a do homem. Por este fato, as mulheres quase que instintivamente procuram proteger a face e tendem a manifestar um comportamento linguístico que não prejudique sua inserção social.

Trudgill (1981) acredita na possibilidade de que os homens, de uma forma diversa das mulheres, conferem um prestígio encoberto às formas linguísticas. A integração de um indivíduo a um grupo acontece pelo compartilhamento das atitudes, valores e também da linguagem distintiva deste grupo. As pesquisas que se concentram na variação derivada do gênero advogam que a fala dos homens e das mulheres se diferencia de forma mais marcada no âmbito lexical e podem se aprofundar em função da classe social a que pertencem. A análise que inclui a diferenciação etária entre as mulheres apresenta uma propensão a afirmar que a faixa etária mais jovem é mais suscetível às inovações que as demais faixas.

Esta ideia é ampliada por Paiva (2004). Para esta autora,

...a aproximação do comportamento linguístico de falantes mais jovens pode ser um reflexo de que, nessa faixa etária, reconfigura-se a atuação do homem e da mulher na sociedade, com diluição das fronteiras entre papéis femininos e masculinos. (p. 41).

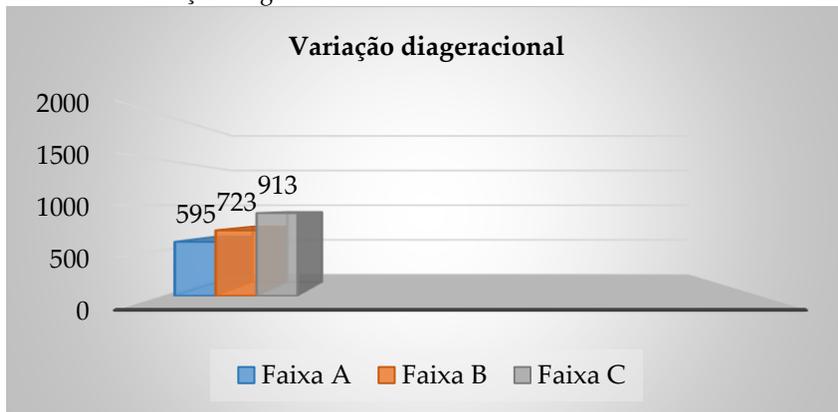
Para Monteiro (2000), a diferença entre homens e mulheres quanto ao comportamento linguístico é bem visível. O autor afirma que, além das diferenças relacionadas ao tom e ao ritmo da enunciação, homens e mulheres se diferenciam também na preferência por determinadas estruturas sintáticas, no emprego de vocábulos próprios e expressões de cortesia, além da supressão de outros por causa do sentido que podem carrear. Acrescenta ainda

o autor que a característica da língua como um acontecimento social acentua as diferenças linguísticas relacionadas ao gênero dos falantes, visto que é possível atribuir-se vários papéis sociais a um indivíduo, a resultar de sua posição na enunciação. Monteiro entende que há forças sociais atuando sobre os indivíduos, que trazem como resultados comportamentos linguísticos diferenciados e que essas forças recaem com maior peso sobre as mulheres, de quem se espera um comportamento socialmente mais correto. Por estas exigências, é mais usual no discurso feminino a presença da variedade padrão, de uma linguagem mais cuidada e de formas conservadoras. Já os homens, por sua vez, amparados (ou subjugados) em estamentos de masculinidade, apresentam mais comumente formas da variedade não-padrão da língua, visto ser esperado mais rudeza e menos elegância em sua linguagem.

Por isso, os homens e as mulheres falam como falam, porque sentem que um tipo particular de língua é mais adequado aos seus sexos e sabem que essa adequação é forçada por várias questões sociais. (MONTEIRO, 2000, p. 75-76).

A variação diageracional pode ser mais bem visualizada ao se confrontar em um mesmo gráfico o número de palavras encontradas em cada faixa etária, aí somados os segmentos masculino e feminino. Estes dados se apresentam no gráfico 6, abaixo.

Gráfico 6 - Variação diageracional.



Quanto à variação diageracional, encontrou-se entre as três faixas etárias um indicativo robusto de tal processo por meio do crescimento expressivo do número de palavras coletadas nas três faixas analisadas. Vale lembrar que cada faixa compunha-se de dez informantes e a entrevista aplicada possuía 200 perguntas, de modo que cada faixa atingia a soma de 2000 respostas. Os números do gráfico refletem a soma das respostas que coincidiam com as palavras da obra de Amaral. Dessa forma, há na faixa A 595 palavras; na faixa B, coletaram-se 723 e na faixa C, as entrevistas trouxeram 913 palavras. Transformando estes números em percentuais, tem-se na faixa A 29,75%, na faixa B 36,15% e na faixa C 45,65%. Por convenção da pesquisa, as faixas ficaram distribuídas em ordem crescente, por assim dizer; faixa A, os mais jovens, faixa B, intermediária e faixa C, os mais velhos. Tal fato pode provocar uma distorção da análise, se concentrada apenas visualmente no gráfico. Pelo gráfico há um crescimento do número de palavras à medida que se avança nas faixas etárias, o que é um fato real. Mas a realidade linguística por trás de tais números é entendida mais claramente ao inverso. Há uma perda lexical evidenciada quando se compara decrescentemente dos mais velhos para os mais jovens. A diferença em termos numéricos da faixa C para a faixa B é de 190 citações e da faixa C para a faixa A salta para 318 citações.

As marcas geracionais se mostram numericamente em diversos itens lexicais que aparecem com maior frequência na faixa C e não são encontrados na faixa A, como demonstra a tabela 6 abaixo. Vale dizer que na faixa A, a maioria das respostas registrada para estes itens é “não sabe”.

Tabela 6 - Marcas geracionais

Pergunta	Palavra	Faixa C	Faixa B	Faixa A
12	tipiti	4	1	-
13	velá	5	2	-
14	virge	1	1	-
18	sóca	7	5	-
21	aleluia	1	1	-
35	madrinha	3	1	-

38	chumaço	7	3	-
39	cincerro	6	3	-
45	caniço	8	4	-
67	curau	1	1	-
68	forno	4	-	-
82	macaia	6	1	-
103	arfenete	3	1	-
104	arranchô	3	-	-
122	buraquêra	2	3	-
126	caiêra	9	4	-
129	causo	1	1	-
159	truque	5	4	-
174	pageá	4	1	-
183	petecada	3	-	-
190	povaréu	2	-	-
196	sojigá	2	2	-

O desconhecimento de processos produtivos, materiais e utensílios comuns em outros tempos se mostra mais forte na faixa A,. A modernidade, entendida aqui como novas formas de produção, introdução de novos materiais e métodos, formas diferentes de comercialização, com adequações necessárias às exigências legais, adequações ao que pede o mercado, vem apagando da memória lexical dos componentes desta faixa itens relacionados a atividades, formas, processos e materiais “antigos”, agora substituídos, como revelam as respostas para o item *caiêra*, (pergunta 126), que significa “armazém de tijolos de barro cru para queimar”. Ocorre que na atualidade as construções na área rural são feitas com blocos de cimento, que não passam pelo processo de queima, sendo o uso de tijolos de barro praticamente nulo, a não ser como reaproveitamento de construções demolidas. A introdução deste novo material provocou o desaparecimento da manufatura de tijolos de barro na região, de forma que a faixa etária mais jovem desconhece este sistema produtivo, quantificável na faixa A com sete respostas “não sabe” e outras três respostas *forno*, que remete ao sentido. O item *caiêra* surge cinco vezes na faixa B – coletado apenas entre os informantes masculinos – e nove vezes na faixa C.

As transformações pelas quais o mundo tem passado nas últimas décadas tornou-se muito perceptível aos olhos do pesquisador quando da realização das entrevistas. Evidenciou-se uma penetração no meio rural de um modo de viver mais próximo do urbano, como, por exemplo, o uso de fogões a gás em todas as cozinhas nas quais o pesquisador teve acesso durante as entrevistas, ao lado dos tradicionais fogões à lenha. Antenas parabólicas e de televisão a cabo também eram facilmente encontradas. A universalização da educação, visível na rede de transporte dos estudantes das zonas rurais mais remotas dos municípios nos quais a pesquisa foi realizada, o atendimento pela rede de energia elétrica e cobertura por telefonia celular (e internet), a presença de equipamentos modernos na produção agropecuária, como silos metálicos para armazenamento de ração, ordenhadeiras mecânicas e tanques para resfriamento de leite demonstram a substituição de processos produtivos tradicionais. Todos esses indicativos da modernidade que estão disponíveis à população rural parecem ter sido vaticinados por Amaral, (1982, p. 5) quando disse:

De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. [...] Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contato permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialeto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.

As “vias de comunicação” a que Amaral se refere podem ser enquadradas no acesso físico que influi em sistemas de produção e no acesso a bens e serviços outrora indisponíveis, mas também podem ser vistas do ponto de vista tecnológico e cultural. A modernidade presente no meio rural tem um impacto acentuado na faixa etária mais jovem, bastante suscetível aos apelos tecnológicos. Este impacto se torna visível na linguagem, em especial dos mais jovens, quando, na procura pela palavra *cacunda* (pergunta 124), encontra-se a palavra *coluna*, bastante em voga

atualmente, proferida por seis informantes da faixa A, três informantes da faixa B e nenhum informante da faixa C. Em outras perguntas também foram encontradas palavras com uma acepção mais moderna, como *plantão* para *tocaia* (pergunta 16); *estressada*, *istressada* para *arremendada* (pergunta 105); *depressão*, *deprimido* para *azoretado* (pergunta 110); *bic* – marca de isqueiro a gás, para *binga* (pergunta 119) – antigo “isqueiro” no qual se acendia um chumaço de algodão previamente queimado com as fagulhas resultantes do atrito de uma pedrinha de quartzo com o recipiente metálico que continha o algodão.

Outro fato digno de menção é que, apesar de a maioria das respostas ser registradas como “não sabe”, alguns informantes trouxeram respostas com sentido aproximado ao que se esperava, mas as apresentaram com outro significante.

Em alguns itens se percebe um gradual processo de esquecimento, pois são encontrados com mais frequência na faixa C e vão decrescendo conforme se diminui a idade dos informantes, fato demonstrado na tabela 7, que traz os casos mais evidentes.

Tabela 7 - Palavras que vão se perdendo

Pergunta	Palavra	Faixa C	Faixa B	Faixa A
17	picada	8	6	2
19	bandêra	9	6	4
24	barbulêta	5	2	1
36	chama	8	8	2
58	passarinheiro	5	2	1
61	sortêro	6	1	1
73	piruá	8	5	1
78	cumbuca	6	2	2
79	gameleira	10	6	2
81	imbira	10	5	3
95	alembrá	4	1	1
119	binga	10	3	1
124	cacunda	7	6	2
130	chacoaiá	4	1	1
132	carêstia	7	3	1
133	congada	10	3	1
148	espicúla	7	3	3

160	encarangada	7	2	3
170	madorna	9	6	3
172	mascate	5	3	1
185	pinicá	5	3	1
200	variano	6	3	1

A busca de se caracterizar o léxico de informantes de faixa etária mais elevada, de uma forma geral revela a presença de formas antigas, porque a rememoração do passado faz parte da própria organização do discurso desses informantes e é percebida através de vários tipos de informação, principalmente pela comparação do passado e o presente a partir da utilização de itens lexicais designativos de realidades passadas. Por isso, em contraste, temos nas faixas etárias mais jovens a presença de variantes mais “modernas”, o que significa, nas palavras de Paiva e Duarte (2003, p. 14)):

O comportamento lingüístico de cada geração reflete um estágio da língua, com os grupos etários mais jovens introduzindo novas alternantes que, gradativamente, substituirão aquelas que caracterizam o desempenho lingüístico dos falantes de faixas etárias mais avançadas.

Segundo Preti (1991, p. 75), a maneira de falar das pessoas de faixa etária mais avançada exterioriza traços próprios que podem ser entrevistados no âmbito da prosódia, sintaxe e, de forma mais clara, nos aspectos discursivos e lexicais. No aspecto lexical é que se encontra com mais evidência as marcas geracionais quando o estudo se converge a analisar a fala das pessoas de mais idade. Ainda no entender de Preti, os idosos tendem a apresentar na linguagem o resultado de fatores naturais do envelhecimento, notados como por exemplo em uma maior morosidade em agir receptiva ou ativamente na comunicação, os possíveis problemas de audição e de esquecimento, além dos fatores ligados à própria posição das pessoas mais velhas na sociedade, como por exemplo um progressivo isolamento social. Este panorama um pouco sombrio não deve ser estendido à toda população de idosos, devido aos grandes avanços na área da saúde, da estética e mesmo os

novos rearranjos sociais, nos quais as pessoas mais velhas em boa parte das vezes ombreiam com os mais jovens em muitas áreas.

Nas áreas rurais, contudo, tais avanços ainda não são totalmente sentidos, trazendo aos mais velhos uma vulnerabilidade expressa em muitos atos de sua vida e, notadamente, no seu discurso. Percebe-se o uso de estratégias como repetições e correções da própria linguagem que os auxiliam a compensar as deficiências que o tempo acarreta e os possibilitam a levar avante o seu discurso, mantendo o fluir da conversa, embora se perceba nitidamente que a presença do passado perpassa com muita frequência em seu falar, materializando-se em um léxico que remete a outros tempos. As formas de tratamento, o uso de expressões engessadas como provérbios, frases feitas, formas de falar que incluem rimas e melodias como recursos mnemônicos são recorrentes em sua linguagem.

Não se deve considerar, entretanto, que o modo de falar das pessoas mais velhas tenha se tornado incompreensível para os mais jovens, até porque elaboram estratégias capazes de traduzir as palavras que podem causar estranheza para as faixas etárias mais jovens. Essas estratégias favorecem o entendimento entre as gerações, a ponto de tornar-se um distintivo bastante característico da linguagem desse grupo. Dessa forma, Preti complementa que, ao se utilizarem do tempo como fio condutor de suas narrativas, evidencia-se o quanto a vida desse segmento social ancora-se no passado. Ao procurarem em seu acervo de recordações as palavras específicas para expressar suas ideias, é como se os falantes mais velhos dessem um mergulho no passado durante a interação através da linguagem. Esse mergulho no tempo, expresso entre outras formas por meio de itens lexicais, caracteriza socialmente esta faixa etária. A tradição do cultivo da memória entre os mais velhos colabora para preservar um patrimônio coletivo que são suas lembranças, reavivadas no contato intergeracional, em que o léxico do passado contrasta com o presente, revelando um tempo em que a linguagem se revestia de diferentes roupagens.

4. CONCLUSÕES

Analisados os dados coletados sob a inferência das teorias abordadas pôde-se perceber que, embora submetido a condições desfavoráveis, o dialeto caipira na área trabalhada pela pesquisa ainda resiste. Certamente não com a vitalidade com que Amadeu Amaral o encontrou, aproximadamente um século atrás, mas ainda vive. Na esteira das mudanças sociais e econômicas pelas quais o mundo tem passado nesses aproximados cem anos, ainda encontra espaço para se manifestar. Alguns itens lexicais vêm se perdendo ao longo do tempo, representantes de realidades anacrônicas aos olhos da modernidade, timidamente recolhidos em algum recanto isolado e na memória dos mais antigos, esperando quiçá uma oportunidade de se mostrarem.

Muito provavelmente (e talvez com pouca demora) se incluirão no rol dos arcaísmos, curiosidades linguísticas quase anônimas em dicionários de cunho regional, uma vez que a realidade na qual floresceram já feneceu e o significado que carregaram já se transferiu a outras palavras ou não tem mais espaço para existir. Com estas palavras que se apagam vai-se também um mundo de cores, sons, formas, sentimentos, sabores, hábitos, atividades, enfim, um recorte da vida humana plasmado na linguagem.

Talvez soem agora com mais propriedade as palavras de Amaral:

Hoje, ele acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. (1982, p. 6)

Apesar do cenário pouco favorável, o dialeto caipira não se deu por vencido. Perdidos aqui e acolá alguns itens lexicais, outros parecem ter se estendido geográfica e socialmente muito além do que imaginava Amaral. A identidade caipira, reestilizada, está aí na música, acomodada em diversas gradações da música sertaneja, em eventos agropecuários, no culto às festas de peão, em estilos de

indumentária, em personagens cinematográficos e de novelas televisivas, embora caricaturais grande parte das vezes. Também a existência caipira é objeto do interesse de diversas ciências, como da Sociologia, das ciências que têm a linguagem como objeto de pesquisa, da Antropologia, da História, Literatura e Artes.

Dentro do recorte delimitado pela pesquisa, pode-se dizer que seus propósitos foram alcançados. Do corpus coletado, obtiveram-se 179 palavras das 200 que se procurava, um número substancialmente expressivo e que reporta afirmativamente a presença de componentes lexicais do dialeto caipira na região circunscrita pela pesquisa. Necessário reafirmar que as 179 palavras surgiram em proporções diferentes conforme a faixa etária e o gênero dos informantes e algumas encontradas em número bem maior que outras, conforme a tabela 1 já comentada.

As palavras de Amaral sobre a persistência ou não do dialeto caipira continuam atuais e, a verificar-se dos dados obtidos com a faixa etária mais jovem, que em algumas décadas será a guardiã deste tipo de linguagem, caminha inexoravelmente para o declínio. Mais difícil seria precisar a velocidade com que tal processo pode chegar a termo.

Percebeu-se também um enclave linguístico, uma vez que foram coletados itens lexicais característicos do dialeto caipira em uma área mapeada por Zágari (1998) como pertencente ao falar mineiro, fora da influência do falar paulista, se atentarmos para o mapa 2, apresentado nos anexos. Tal fato reforça a ideia de uma maior penetração desse modo característico de falar, indo além dos limites que supunha Amaral. Outro fato digno de nota é que um grande número de termos presentes na obra de Amaral se encontram presentes nos dicionários atuais classificados como brasileirismos, levando a supor que o dialeto caipira pode ocupar um espaço mais amplo no território nacional.

Considera-se neste trabalho que o léxico nos dá a possibilidade de observarmos a leitura que uma comunidade faz de seu entorno e ainda o que ela conserva de sua memória sócio-histórica e linguístico-cultural. Tal proposição nos mostra o quão necessário é

o aprofundamento de pesquisas de cunho sociodialetoal ou geosociolinguístico sobre o léxico, pois nos permitem a documentação e o registro da diversidade lexical e geolinguística do português falado no Brasil. Essas pesquisas demandam o auxílio de ciências como a Dialetologia e/ou a Sociolinguística dada a presença de fatores extralinguísticos implicados na variação.

A realização das entrevistas permitiu a construção de um *corpus* que suporta análises sob os mais variados enfoques, mas pela proposta da pesquisa, concentrou-se em identificar a presença no repertório lexical da região analisada de itens lexicais já constatados por Amaral em *O dialeto caipira*. O enfoque limitado pela pesquisa não invalida o *corpus* para outras análises, que aliás seriam muito bem vindas na composição de um panorama mais detalhado da manifestação da língua portuguesa na região.

A pesquisa norteou-se de maneira sólida em duas vertentes: o garimpo de itens lexicais sem se perder de vista o respeitoso contato humano que deve balizar o encontro do pesquisador e o colaborador da pesquisa. Por ter sido um trabalho que seguiu os rastros da Sociolinguística e da Dialetologia, estas duas possibilidades investigativas trouxeram uma feição muito própria à pesquisa. A primeira trouxe o importante contato face a face com os informantes em seu lócus, para ouvir, dentro de um questionário linguístico aparentemente inerte, rodeado pelo ambiente familiar ao entrevistado, suas histórias, seu entendimento e sua inserção cultural no mundo. A segunda possibilitou o registro dos variados usos linguísticos, singularizados muitas vezes por características arcaicas, ou inovadoras, ou por serem portadoras de indícios de mudanças em curso naquele determinado falar. Percorridas as distâncias, superadas as dificuldades de localização dos informantes que correspondessem aos parâmetros metodológicos do trabalho, obtida sua anuência em serem entrevistados e compartilhar de seu tempo, do sentido que dão ao mundo, estabelece-se uma relação de parceria para que se conheça melhor o português do Brasil.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os itens lexicais representativos de outras épocas e relativos a formas de organização da realidade social, produtiva e cultural de uma dada região foram a inspiração para a realização do trabalho aqui apresentado, surgido das indagações sobre as possíveis semelhanças entre a obra de Amadeu Amaral, *O dialeto caipira*, e o falar das comunidades rurais na região demarcada para a pesquisa. Da obra referida utilizou-se como referência comparativa as palavras coletadas na década de 1910, no interior de São Paulo, e as palavras coletadas nas entrevistas realizadas nos municípios de Silveirânia e Dores do Turvo, no ano de 2018, evidenciando a coincidência, em números variados, principalmente se considerada a faixa etária dos entrevistados, de itens lexicais presentes na obra e no repertório lexical da região estudada e o tempo decorrido entre aquela pesquisa e a que ora se apresenta.

Alguns itens lexicais se apresentaram apenas na memória dos informantes mais velhos, uma vez que a realidade na qual se ancoravam não mais existe, modificada devido às mudanças ocorridas com o passar do tempo. Por outro lado, percebeu-se entre os informantes mais jovens a tendência a assumirem uma posição linguística mais inovadora, com a introdução de termos que se poderia esperar mais comuns ao modo urbano de falar. Tal fato linguístico demonstra a importância da realização de pesquisas de cunho dialetal e sociolinguístico, que possibilitem o mapeamento geográfico e cronológico das variações encontradas na linguagem para se compor o fragmentado panorama assumido pela língua portuguesa no Brasil, embora unida e compreensível de norte a sul, mesmo se manifestando em toda a sua diversidade.

A historiografia linguística do Brasil demonstra o quanto de empenho foi despendido pelo colonizador português para sobrepor a sua língua materna em um espaço geográfico tão extenso. É inegável a relevância do fato de ser a língua portuguesa

a língua oficial do país, que, apesar da grande diversidade em que se manifesta, é inteligível do Oiapoque ao Chuí, feito obtido a poder de forças políticas/militares e culturais. A riqueza linguística de uma nação é uma de suas maiores fortunas, seu maior recurso deixado às futuras gerações, pois a língua comporta em seu conjunto de significações um sem número de características especiais e únicas àquele território geográfico onde está presente. Disso resulta que, com a perda linguística, perde-se o imensurável patrimônio contido em formas singulares de expressão, capitaneadoras de sentidos próprios em determinados espaços sociais e geográficos.

Daí se depreende que o conhecimento dos fenômenos linguísticos, quer considerados em âmbito geral ou circunscritos a regiões específicas, é uma importante condição para que se aprofunde a percepção da identidade de um povo, visto que a linguagem se constitui em um dos principais pilares culturais por meio do qual se preservam sua dignidade e orgulho. Então se compreende, a partir desse ponto de vista, a necessidade e a premência de estudos que ajudem a compor o mosaico de falares brasileiros, preenchido ainda por muitos espaços vazios, dada a imensidão territorial do País.

6. REFERÊNCIAS

- ALENCAR, M. S. M. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. **Revista de Letras**, v. 30, p 1-9, jan. 2010/ dez. 2011.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A.C. (orgs). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 21-47.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 4^a ed., São Paulo: Hucitec/Brasília: INL, 1982.
- ARAGÃO, M. S. S. Relações língua sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará. **Revista de Letras**, v.1, n. 32, p.96-102, jan./jun., 2013.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ações**. Tradução Danilo Marcondes de Sousa Filho. 1 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHITIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BARBOSA, M. A. O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DE ASSIS. 1., Assis, S.P. **Anais [...]**. Assis: UNESP, 1993. p.145-162.
- BELINE, R. A variação linguística. *In*: FIORIN, J. L. (org.). **Introdução à Linguística - Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: EDUFMS, 2001. p.13-21.

BORBA, F. S. **Pequeno vocabulário de lingüística moderna**. 2. ed. São Paulo : Nacional, 1976.

BORBA, F. S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 1998.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais**. São Paulo: Parábola, 2011.

BRANDÃO, S. F. **A geografia linguística no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

BRASIL. Lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, DF. Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12796.htm. Acesso em: 10 abr. 2019.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Trad. MARCIONILO, Marcos. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 8. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: vozes, 1978.

CÂMARA JR., J. M., **Dicionário de filologia e gramática**. São Paulo: Iozon + Editor, 1968.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, 11ª Edição. Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul, 2010.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, S.A.M. **A Dialectologia no Brasil**: perspectivas. D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999. p. 233-255.

CARNEIRO, M. J. **“Rural” como categoria de pensamento**. Ruris, volume 2, número 1, março de 2008. p. 9-38.

CARMO, L. A voz do caipira em Amadeu Amaral. *In: História social da língua nacional* /LIMA, I. S.; CARMO, L. (orgs). Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa , 2008. p. 375-390.

CESCHIN, O. H. L. A respeito de Amadeu Amaral e d’O dialeto caipira. **Revista Língua e Literatura**, n 25, p. 41-80,1999.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Lingüístico do Brasil**: questionários. 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**: estudos de teoria e metodologia lingüística. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1982, cap. 4, p. 79-116.

COSTA, C. S. S. M. **Pelas Falas do Canto**: uma Etnografia. 1989. Tese (Doutorado em Lingüística) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1989.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6 ed. Rio de Janeiro: Lexikon.

CUNHA, E. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *In: Educar*, Curitiba: Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, jul/dez. 2004.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Lingüística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FARACO, C. A. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERRAREZI JUNIOR, C. **A pesquisa em semântica de contextos e cenários: princípios e aspectos metodológicos**. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA DOS ANJOS, S. **Dois textos precursores dos estudos dialetais brasileiros: O dialeto caipira e O falar carioca**. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem), Universidade Federal Fluminense 2009.

GARCEZ, P. de M.; BULLA, G. da S.; LODER, L. L. Práticas de pesquisa microetnográfica: geração, segmentação e transcrição de dados audiovisuais como procedimentos analíticos plenos. *In: DELTA*, vol.30, n.2, p.257-288, 2014.

HEYE, J. **Sociolingüística. Manual de Lingüística**. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 1986.

HUDSON, R.A. **Sociolinguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

HYMES, D. On Communicative Competence. *In*: PRIDE, J. B. e HOLMES, J. **Sociolinguistics**. England: Penguin Books, 1972, p. 269-293.

ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. *In*: ALVES, I. M.; ISQUERDO, A. N. Orgs. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: EDUFM, 2007, p. 283-293.

ISQUERDO, A. N., Atlas regionais em andamento no Brasil: perspectivas metodológicas. *In*: AGULIERA, V. A. **Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. (org.). Londrina: Eduel, 2013, p. 333-356.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 23.ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

LABOV, W. Building on empirical foundations. *In*: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. **Perspectives on historical linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p.17-92.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. De Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPE BLANCH, M. La sociolingüística y la dialectología hispánica. *In*: ALVAR, M.; LOPE BLANCH, M. (orgs.). **En torno a la sociolingüística**. México: UNAM, 1978.

MICRORREGIÃO de Ubá, MG, Wikipedia, 2018, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_da_Zona_da

_Mata#/media/File:MinasGerais_Micro_Uba.svg, acesso em 08/08/2018.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel, 1987.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2004, p.9-14.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, C.D. Condições Histórico-Sociais da Literatura Rio-Grandense. *In*: **Província de São Pedro**. Porto Alegre: Editora Globo.v. 9, n.19, p. 7-18, dez. 1954.

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. *In*: MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. (orgs.). **Documentos 2**: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006, p. 15-26.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões,1953.

PAIVA, M. C., A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 33-42.

PAIVA, M.C.; DUARTE, M.E. (orgs.). **Mudança lingüística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

PRETI, D. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: EDUSO, 2003.

- RECTOR, M. **A linguagem da juventude**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- RIBEIRO, D. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- RIBEIRO, J. et al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro, MEC/Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.
- RIO-TORTO, G. Léxico, renovação e representações no Brasil e em Portugal, *In*: VALENTE, A. C. (org.). **Língua Portuguesa: a unidade, a variação e suas representações**. XI Fórum de Estudos Linguísticos UERJ, 24-26/10/2012. São Paulo, Parábola. 2012.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral** . 2.ed . São Paulo, Cultrix, 2006.
- SILVA NETO, S. **Guia para estudos dialectológicos**. Florianópolis: Faculdade Catarinense de Filosofia – Publicações do Centro de Estudos filológicos nº 4. 1955.
- SILVA, E. V. **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**. ABRAFIL, nº IX, 11/11/2011. Disponível em www.filologia.org.br/abf/rabf/9/049.pdf, acesso em 01/02/2019.b.
- SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística. Teoria y análisis**. Madri: Alhambra, 1988.
- SPRENGER-CHAROLLES, I. **Lexique, apprentissage, connainsances du monde**. Pratiques. Metz: 1984.
- TRASK, R. L., **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

TRUDGILL, P. **Sociolinguistics**: an introduction. Great Britain, London: Penguin Books, 1981.

TYLOR, E.B., Primitive Culture: Researches Into the Development of Mythology, Philosophy and Religion, Art and Custom (2 vol.),1871. Apud LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VENDRYES, J. **Le langage**: Introduction linguistique à l'histoire. Paris: La renaissance du Livre, 1921.

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. *In*: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolingüística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998. p. 31-77.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria de mudança linguística**. Trad. De Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

7. ANEXOS

7.1 Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto ***O dialeto caipira de Amadeu Amaral e suas reminiscências na linguagem de regiões rurais da zona da mata mineira***

Pesquisador Responsável: **Francisco de Assis Moreira**

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: **Universidade Federal Fluminense (Pós Graduação em Estudos de Linguagem)**

Telefones para contato do Pesquisador: **(32) 98408-3288**

E-mail: **francisco.moreira@ifsudestemg.edu.br**

Nome do voluntário: _____

O(A) Sr.(ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa "***O dialeto caipira de Amadeu Amaral e suas reminiscências na linguagem de regiões rurais da zona da mata mineira***", de responsabilidade do pesquisador **Francisco de Assis Moreira**.

Nesta pesquisa, procuraremos conhecer mais sobre a maneira de falar das pessoas que moram na zona rural de regiões da Zona da Mata mineira e assim conhecer melhor a realidade da língua falada no Brasil. Para esta pesquisa trabalharemos com um questionário que tem duzentas perguntas relacionadas a atividades rurais, animais, plantas, alimentos e assuntos diversos envolvendo o dia-a-dia rural. As respostas serão escritas à medida em que forem feitas as perguntas e a entrevista também será gravada. O tempo de duração previsto para a entrevista é de duas horas a duas horas e meia. Os benefícios que esperamos desta pesquisa são a valorização da linguagem em uso pelas pessoas entrevistadas e o resgate de palavras próprias da região pesquisada, bem como palavras relacionadas a atividades rurais que estão desaparecendo pouco a pouco. Sua participação é voluntária e se não quiser participar, não será prejudicado(a) e nem maltratado(a) pelo pesquisador. Sua identidade não será divulgada e não será identificado(a) em nenhuma publicação. As respostas da entrevista são confidenciais e se aparecerem na pesquisa, não serão identificados(as) quem as respondeu. Poderá também se retirar da pesquisa a qualquer momento que desejar, sem ter que apresentar nenhuma justificativa. Os riscos da pesquisa são considerados mínimos, principalmente ficar sem jeito por não saber a resposta a uma ou mais perguntas feitas e insegurança sobre o que a pesquisa quer realmente. Para isso informamos que não há resposta correta ou obrigação de responder a todas as perguntas e que o fato de não saber alguma resposta pode

significar que aquela palavra não está mais em uso e o que a pesquisa quer é conhecer mais sobre o modo de falar da região rural. A participação na pesquisa não tem nenhum custo e nem qualquer tipo de pagamento. Apesar disso, se houver qualquer dano comprovado por causa da pesquisa, é assegurado o direito à indenização. Para esclarecimento de quaisquer outras dúvidas, o Comitê de Ética em Pesquisa pode ajudar.

Os Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) são compostos por pessoas que trabalham para que todos os projetos de pesquisa envolvendo seres humanos sejam aprovados de acordo com as normas éticas elaboradas pelo Ministério da Saúde. A avaliação dos CEPs leva em consideração os benefícios e riscos, procurando minimizá-los e busca garantir que os participantes tenham acesso a todos os direitos assegurados pelas agências regulatórias. Assim, os CEPs procuram defender a dignidade e os interesses dos participantes, incentivando sua autonomia e participação voluntária. Procure saber se este projeto foi aprovado pelo CEP desta instituição. Em caso de dúvidas, ou querendo outras informações, entre em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense (CEP FM/UFF), por e.mail ou telefone, de segunda à sexta, das 08:00 às 17:00 horas:

E.mail: etica@vm.uff.br Tel/fax: (21) 26299189

Eu, _____,

declaro ter sido informado e concordo em ser participante do projeto de pesquisa acima.

Local e data

7.2 Entrevista

Perguntas relativas às atividades rurais

1- Se um arame de cerca está meio bambo e se dá uma torcida nele para que se estique, isto se chama ACOCHÁ – ACOCHAR o arame.

2- Como se chama a pessoa que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado? AGREGADO.

3- Ferramenta de ferro que se usa para abrir buracos no chão, principalmente para fincar estacas CAVADÊRA – CAVADEIRA.

4- Paus meio queimados que são amontoados depois que se passa fogo em uma determinada área COIVARA.

5- Como se chama a capina que se faz em volta do pé de café na época da colheita? COROÁ – COROAR.

6- Quando limpamos o mato de um cafezal ou milharal nós fizemos uma CAPINA.

7- Ferramenta em forma de uma foice, dentada ou não, que se usa para colher arroz. CUITÉLO – CUTELO. (Pode ser nome para beija-flor?)

8- Aparelho rústico de madeira, movido a água, que se usa para socar arroz, café ou milho. MUNJÓLO – MONJÓLO.

9- Lugar onde se guarda o milho. PAIÓ, PAIOL.

10- Lugar onde cai a água do moinho ou do monjolo, depois que ela sai do jato do moinho ou do cocho do monjolo. INFERNO.

11- Tipo de relho de cabo curto. TALA.

12- Cesto ou outro recipiente onde se espreme a mandioca ralada. TIPITI.

13- Como se chama o ato de colocar batatas doces no sol para melhorar o sabor? VELÁ – VELAR.

14- Poste de moenda. VIRGE – VIRGEM.

15- Como se chama a reunião de vizinhos para juntos terminarem algum trabalho agrícola, geralmente terminando com um jantar? MUTIRÃO, MUCHIRÃO.

16- Ficar escondido aguardando a passagem da caça é ficar de TOCAIA.

17- Quando se abre uma passagem com foice no meio do mato se fez uma PICADA.

18- Segunda produção de certas plantas, que depois de cortadas voltam a produzir, como a cana de açúcar e, em algumas situações, o arroz. SÓCA.

19- Os pequenos montes de milho que vai se deixando na carreira quando se faz a colheita nós chamamos de BANDÊRA – BANDEIRA.

20- Quando no processo de lavar a roupa se coloca as peças molhadas no sol para facilitar a limpeza, dizemos que a roupa está COARANDO.

Perguntas relativas a animais

21- Como se chama o bichinho de cupim que sai voando nas tardes de outubro/novembro, principalmente depois de uma chuva? ALELUIA.

22- Quando se desce do cavalo, égua, mula ou burro, dizemos que a pessoa APIÔ – APEOU.

23- Existe um nome para o cavalo espantadiço, difícil de pegar? ARAGANO.

24- Inseto bonito, de asas grandes e coloridas e que gosta de pousar nas flores. BARBULÊTA – BORBOLETA.

25- Manta que se põe embaixo do arreio tem o nome de BAXÊRO – BAIXEIRO.

26- Ferida em animais domésticos, especialmente bois, que se enche de larvas, é uma BICHÊRA – BICHEIRA.

27- Animal (cavalo, égua, mula ou burro) que empina e cai para trás é um animal que BOLIA – BOLEIA.

28- Como se chama aquela abelha preta, que enrola no cabelo e costuma roer os brotos e as flores das plantas? ARAPUÁ – IRAPUÁ.

29- Como se chama a armadilha, geralmente feita com pedaços de bambu rachado, que se arma no chão para pegar pássaros? URUPUCA – ARAPUCA.

30- Como se chama aqueles cortes que se faz nas mantas ou enxérgas por causa das pisaduras nos cavalos, éguas, mulas ou burros? ATAIÁ – ATALHAR.

31- Como se chama o lugar onde se coloca comida (grãos de milho, fubá, etc.) para se acostumar animais silvestres e posteriormente caçá-los? CÉVA.

32- O cavalo corre, o peixe nada e o pássaro AVUA – VOA.

33- A corda que tem o nome de um peixe se chama de corda de BACAIAU BACALHAU.

34- Como se chama aquela manta de couro macio, geralmente de carneiro, que se coloca sobre o arreio para ficar mais confortável? BADANA., COCHINIL.

35- Como se chama a égua ou mula que vai na frente da tropa com uma sineta para servir de guia aos outros animais? MADRINHA.

36- O pássaro que está dentro de uma gaiola e é usado para atrair outro de sua espécie para o alçapão tem o nome de CHAMA.

37- Animal (cavalo, égua, mula ou burro) não domado. CHUCRO.

38- Peça de madeira que se coloca entre os cocões do carro de bois. CHUMAÇO.

39- Pequeno sino que se coloca no pescoço de vacas leiteiras ou nas mulas madrinhas da tropa. CINCÊRRO.

40- Animal que tem o rabo cortado; que falta um pedaço de um membro. COTÓ.

41- A tira de couro que prende os canzis por baixo do pescoço dos bois de carro se chama BRÓCHA.

42- No lugar de uma ferroada de abelha ou marimbondo cresce um CALOMBO.

43- Como se chama a pessoa, geralmente um menino, que vai na frente dos bois para os conduzir? CANDIÊRO – CANDIEIRO.

44- Porco castrado para engorda se chama de CAPADO.

45- Parte que fecha a traseira do carro de bois, feita de taquara trançada, esteira. CANIÇO.

46- Espécie de formiga que anda em grande quantidade pelo chão, atacando tudo o que vê pela frente. CORREIÇÃO.

47- Como se chama o ovo que se coloca no ninho para induzir a galinha a botar seus ovos ali. ENDÊIZ – ENDEZ.

48- Nome de um pássaro preto que bota seus ovos nos ninhos de outros pássaros, especialmente tico-ticos. GAUDÉRIO.

49- Outro nome para chifre de boi; o chifre no qual os carreiros guardam a graxa ou o azeite nos carros de bois. GUAMPA.

50- Animal que adoce por ter comido alguma planta venenosa é um animal que está ERVADO.

51- Animal de sela que costuma empacar é um animal IMPACADÔ – EMPACADOR.

52- Ave pequena, sem cauda, que vive no chão e só voa em último caso INAMBÚ, INHAMBÚ, NAMBU.

53- Como se diz ensinar o animal de sela a obedecer à rédea? ACERTÁ – ACERTAR

54- Como se chamam as lagartas peludas e roliças que sapecam a pele se forem tocadas? MANDOROVÁ, TATURANA.

55- Equino que apresenta pelagem com grandes manchas de outra cor. PAMPA.

56- Buraco maior dentro do formigueiro de formigas cortadeiras onde ficam as formigas jovens. PANELA.

57- Uma junta de bois muito semelhantes um ao outro é uma junta PAREIA – PARELHA.

58- Cavalo espantadiço, que se assusta à toa, saltando de lado, é um cavalo PASSARINHÊRO – PASSARINHEIRO.

59- Bicho rasteiro, com muitos pés, que geralmente se enrola quando é tocado. PIÔIO DE COBRA – PIOLHO DE COBRA

60- Lugar onde sobem para dormir as galinhas PULÊRO – POLEIRO. (Pode ter outra significação?)

61- Gado sem cria, gado falhado é um gado SORTÊRO – SOLTEIRO.

62- Cada vez que um domador está montando em um cavalo ainda não domado completamente, ele está dando um REPASSO.

63- Carne esponjosa nas gengivas dos equinos. TRAVAGE – TRAVAGEM.

64- Cobra muito venenosa de rabo curto. URUTU.

65- Como se chama a tira larga de couro ou de tecido grosso que passa por baixo do animal (cavalo, égua, burro ou mula) para firmar o arreio? BARRIGUÊRA – BARRIGUEIRA.

Perguntas relativas a alimentos

66- Como se chama a comida feita com água e fubá cozidos? Pode também significar uma confusão, um negócio desordenado, uma teia de intriga e mexericos? ANGU.

67- Outro nome para mingau de milho verde. CURAU.

68- Espécie de tacho, de beiradas baixas, que serve para torrar farinha de milho ou mandioca. FÔRNO.

69- O caldo da cana de açúcar se conhece por GARAPA.

70- Como se chama o grão de arroz que ainda ficou com casca, mesmo depois de o arroz ter sido socado ou beneficiado? MARINHEIRO.

71- Nome do grão que depois de torrado e moído ou socado se faz o pé-de-moleque. MINDUIM – AMENDOIM.

72- Carne pelancuda, difícil de mastigar é uma carne MUXIBENTA.

73-Grão de milho de pipoca que não estourou. PIRUÁ.

74- Diminuir, usado em relação ao arroz ou café com casca e depois de limpos. “O arroz, depois de limpo, QUEBRA tanto por litro.

Perguntas relativas a vegetais

75- Aquele cesto de taquara, sem tampa, que se usa muito na roça para a colheita do milho se chama de BALAIO.

76- Espiga de milho nova, ainda em formação tem o nome de BONECA.

77- Período que vai da quarta-feira de cinzas até a Semana Santa. Nome de uma árvore de flores roxas que floresce nesse período. CORESMA – QUARESMA.

78- Cabaça seca e esvaziada, que serve para vários fins como carregar água, guardar grãos, etc. CUMBUCA.

79- Como se chama a árvore de cuja madeira se fabrica gamelas? GAMELEIRA.

80- Como se chama o coração que fica pendente do cacho da bananeira? IMBIGO – UMBIGO.

81- Fibras secas da bananeira que se usa para fazer cordas finas. IMBIRA – EMBIRA.

82- Tabaco ou fumo de qualidade ruim é MACAIA

83- Quando a mudinha de café está com as duas primeiras folhas diz-se que ela está na fase de ORÊIA DE ONÇA – ORELHA DE ONÇA.

84- Uma plantação de milho é uma ROÇA de milho.

85- Vegetal da mesma família do bambu e que se usa para fazer balaios, esteiras e cestos. TAQUARA.

86- Forma infantil de se referir a uma flor; coisa bonita. TETÉIA.

87- Mato que nasceu em lugar de outro derrubado e queimado. CAPUÊRA – CAPOEIRA.

88- Retirar as frutas do cacho, (bananas, por exemplo). Cair. DESPENCÁ – DESPENCAR.

89- Armação de madeira para as plantas que trepam, uma espécie de jirau. ESTALÊRO – ESTALEIRO.

90- Metade serrada do fruto do coité ou de uma cabaça. CUIA

Perguntas relativas a temas diversos

91- Ficar de fingimento para demorar a fazer uma coisa, vadiação, é ficar de MAMPARRA.

92- Existe outra forma para dizer entre e fique à vontade? Seria “Entre e se ABANQUE?”

93- Quando se diz que um pai ou uma mãe protege demais um filho, mima com excesso se diz. ACÓCA – ACOCAR.

94- Se alguém nos faz um favor ou presta uma ajuda, nós, por educação, devemos AGARDECÊ, GARDECÊ – AGRADECER.

95- O contrário de esquecer é ALEMBRÁ – LEMBRAR.

96- Quando uma pessoa leva um susto ou em um confronto, uma briga, ela empalidece, mudando de cor, nós dizemos que ela MARELÔ - AMARELOU

97- O dia depois de hoje é AMINHÃ, AMENHÃ – AMANHÃ.

98- Quando é uma coisa difícil, chata ou uma situação desagradável, que incomoda, pode-se dizer que é uma AMOLAÇÃO.

99- O contrário de depois é IM ANTES, ANTE – ANTES.

100- Quando se passa a noite na casa de alguém, dizemos que a pessoa APIÔ - APEOU na casa.

101- Qual o nome daquele grande arco colorido que aparece no céu geralmente depois de uma chuva? ARCO DA VÉIA – ARCO-ÍRIS.

102- Quando uma panela ou caçarola está preta de carvão por causa do fogão à lenha, o que devemos fazer para que ela fique limpa e brilhante? AREÁ – AREAR.

103- Antigamente era muito comum se usar na roupa um objeto metálico, pontiagudo, que se fechava em uma cabeça de maneira a não espetar a pessoa, principalmente se um botão se desprendesse. Como se chama este objeto? ARFENETE – ALFINETE.

104- Quando uma pessoa arma uma barraca ou um rancho em um lugar ou se hospeda na casa de alguém sem nenhuma cerimônia, nós dizemos que essa pessoa ARRANCHÔ - ARRANCHOU

105- Pessoa que se irrita fácil, difícil de lidar, é uma pessoa ARREMINADA.

106- Se alguém me faz uma pergunta eu tenho de ARRESPONDÊ – RESPONDER.

107- Menino esperto, que vive fazendo arte é um menino ARTÊRO – ARTEIRO.

108- Um fantasma, alma de outro mundo nós chamamos de SOMBRAÇÃO – ASSOMBRAÇÃO.

109- Geralmente se uma pessoa fica brincando com uma arma apontando para as pessoas nós dizemos: “Não faz isso que o diabo ATENTA – TENTA.”

110- Quando uma pessoa está um pouco atordoado, com as ideias confusas ele está AZORETADA.

111- Quando a pessoa está sem dentes, principalmente os da frente, nós dizemos que ela está BANGUELA.

112- Cordão com que se prende o chapéu sob o queixo, pele pendente ou dependurada embaixo do queixo ou bico de um animal. BARBELA.

113- Como se chama a ação de cobrir de barro as paredes de uma casa de taipa? BARRIÁ – BARREAR.

114- Discussão violenta, mas sem agressão física. BATE-BÔCA.

115- Quando se cumprimenta os mais velhos, os pais, tios, padrinhos, nós pedimos a BENÇA – BÊNÇÃO.

116- Pequenos machucados ou erupções na pele se chamam BERÉVA - PAREBA

117- Dizer coisas sem serventia, dizer bobagens, asneiras, é BESTÁ – BESTAR.

118- Lugar longe, difícil de ir, grota é chamado de BIBÓCA.

119- Isqueiro usado quase que exclusivamente para acender cigarro e que se acendia batendo uma pedra se chamava isqueiro de BINGA.

120- Fendas profundas, grandes buracos causados pelas enxurradas tem o nome de BOSSOROCA – VOSSOROCA.

121- Quando se troca objetos, animais ou outros tipos de produtos, se faz uma BREGANHA – BARGANHA.

122- Essa estrada tem muitos buracos. É uma BURAQUÊRA - BURAQUEIRA danada!

123- Como se chama o jogo de azar, em que no lugar de dados se usam grãos de milho? BÚZO – BÚZIO.

124- Outro nome para as costas. “Estou com uma dor nas costas, estou com uma dor na CACUNDA.

125- Lugar muito retirado e deserto é um CAFUNDÓ.

126- A armação de tijolos crus que se põe para queimar tem o nome de CAIÊRA – CAIEIRA.

127- Quando se tem o mau cheiro de gente, de animais, de roupa suja, tem-se uma CATINGA.

128- Tocar com o dedo ou o cotovelo, espetar levemente com qualquer objeto pontiagudo se chama CATUCÁ, CUTUCA – CUTUCAR.

129- Quando contamos um acontecimento, uma ocorrência, uma anedota, nós contamos um CAUSO – CASO.

130- Qual palavra serve para dizer revolver, sacudir, bater como chocalho? CHACOAIA – CHACOALHAR.

131- Objeto que se usa para aplicar injeção, no qual se prende a agulha –CHIRINGA – SERINGA.

132- Hoje os preços das coisas estão muito caros. Quando de uma forma geral tudo está caro, dizemos que está uma CARÊSTIA – CARESTIA.

133- Na festa de Nossa Senhora do Rosário, como se chama aquela dança que normalmente os negros dançam? CONGADA, CONGADO.

134- Qual é o nome de um pequeno curso de água, um riachinho de água corrente? CÓRGO – CÓRREGO.

135- A pessoa que sente muitas cócegas é uma pessoa COSQUENTA – COCEGUENTO.

136- Chuva mansa e prolongada, que rega o solo profundamente é uma chuva CRIADÊRA – CRIADEIRA.

137- Interjeição (exclamação) de espanto, de assombro. CRÉDO – CREDO.

138- Outro nome para diarreia. CAGANÊRA – CAGANEIRA.

139- Quando a cabeça começa a oscilar de sono, dormir um sono rápido, um descuido, nós dizemos que é um CUXILO – COCHILO.

140- Palavra com vários significados, zangado, furioso, duro malvado, teimoso. Usa-se para dar sentido de intensidade e é frequente seguido de um adjetivo como DANADO de bão, DANADO de brabo, DANADO de teimoso, etc.

141- A carteira de identidade, CPF, título de eleitor, certidão de nascimento, certidão de casamento são os DICUMENTO – DOCUMENTOS da pessoa.

142- Fulano só faz coisa errada, só faz coisa torta! Não faz nada DEREITO - DIREITO!

143- A pessoa que comumente usa uma linguagem baixa, indecente, é uma pessoa DESBOCADA.

144- Quando uma pessoa leva outra para o caminho errado, ou a própria pessoa começa a agir mal, dizemos que essa pessoa DESENCABEÇÔ – DESENCABEÇOU.

145- Ser mal educado com alguém, maltratar com palavras é DISTRATÁ – DESTRATAR.

146- Contrário de antes, por exemplo “Não vou chegar antes da missa, vou chegar DESPOIS – DEPOIS.

147- Depois do número quinze vem o DEZASSEIS – DEZESSEIS.

148- Pessoa que faz muitas perguntas, indiscreta, é uma pessoa ESPICÚLA – ESPECULADORA.

149- Como se chama o órgão que fica dentro da barriga e que quando acabamos de comer dizemos: “Estou com o ESTÂMEGO, ESTÂMAGO, ESTAMBO, ESTAMO – ESTÔMAGO cheio!”

150- Se ferir com um espinho ou lasca de madeira é se ESTREPÁ – ESTREPAR.

151- Pessoa que trabalha por exemplo na segunda e na terça, mas não vem trabalhar na quarta, dizemos que ela FAIÔ – FALHOU no serviço.

152- Traço fisionômico, fisionomia, formato do rosto é a FEIÇÃO da pessoa.

153- Nome do grupo de pessoas que percorre as casas dos povoados e do campo com a bandeira do Divino Espírito Santo, ao som de violas, pandeiros e cantigas. FOLIA.

154- Pessoa que come muito além do que necessário ou come toda hora é uma pessoa GOLOSA – GULOSA.

155- Quando se está mal do estômago e se devolve a comida pela boca dizemos que a pessoa GUMITÔ – VOMITOU.

156- Se a boca está cheia de saliva e a jogamos para fora, diz-se que a pessoa GUSPIU – CUSPIU.

157- Quando se enrolam fios, barbantes, cordas ,de forma desordenada, dizemos que estão IMBOLADOS – EMBOLADOS.

158- O objeto que está enrolado em panos ou em papel está IMBRUIADO – EMBRULHADO.

159- Jogo de baralho em que a carta de maior valor é o quatro de paus, o zape. TRUQUE

160- Quando uma pessoa fica encolhida de frio, entrevada, dizemos que ela está INCARANGADA – ENCARANGADA.

161- Tornar direito, destorcer, corrigir, emendar (no sentido de tomar um rumo certo na vida) INDEREITÁ – ENDIREITAR.

162- Enganar, atrair com enganos, iludir uma pessoa. INGAMBELÁ – ENGAMBELAR.

163- Aborrecer-se, sentir-se farto, como por exemplo: “Chupei tantas mangas que INJUEI – ENJOEI delas.

164- Quando alguém faz uma coisa boa, isso serve de INZEMPRO – EXEMPLO para que a gente faça também.

165- Colocar a isca no anzol é ISCÁ – ISCAR.

166- Se na parte da manhã é horário do almoço, na parte da tarde para a noite é o horário da JANTA – JANTAR.

167- Abertura retangular na parede, sem ser a porta é a JINELA – JANELA.

168- Estrado de varas ou tábuas sobre estacas e pode servir de cama ou para colocar objetos e utensílios. JIRAU.

169- Quando a pessoa leva uma varada ou um golpe de chicote ela levou uma LAMBADA.

170- Modorra, sonolência, passar por um sono leve, como em “Esta noite só passei por uma MADORNA – MODORRA.”

171- Quando uma pessoa leva prejuízo em um negócio ela levou uma MANTA.

- 172- Vendedor ambulante de quinquilharias é um MASCATE.
- 173- Armadilha para caça, construção que ameaça cair. MUNDÉU.
- 174- Carregar, tomar conta de uma criança é PAGEÁ – PAJEAR a criança.
- 175- Pessoa maluca, desequilibrada, indivíduo adoidado. PANCADA.
- 176- Estar de trato com alguém, como na frase “fulano parece que tem PARTE com o diabo”
- 177- Ficar atônito, pasmado, sem ação em momento que era necessária atividade, sem atitude, descuidar-se. PATETEÁ – APATETAR.
- 178- Bentinho, saquítel que se traz ao pescoço, contendo orações, objetos considerados mágicos. PATUÁ.
- 179- Discussão azeda rixa, negócio trabalhoso, cheio de incidentes e dificuldades. PENDENGA.
- 180- Expressa necessidade. “ Para andar por essas estradas à noite PERCISA - PRECISA ter coragem.”
- 181- Quando não se encontra uma coisa no lugar onde deveria estar é preciso PERCURÁ - PROCURAR em outro lugar.
- 182- Caminhada fatigante, andar longa distância. “ Daqui até a casa do Compadre Zé eu tenho que dar umas boas PERNADA.”
- 183- Quando uma pessoa, em especial as mulheres, está com enfeites demais, diz-se que a pessoa está muito PETECADA.
- 184- Fumaça do fogão à lenha que vai se acumulando no telhado da cozinha, formando pavios grossos e escuros, que às vezes se desprendem quando o tempo está mais úmido, sendo um indicativo de chuva próxima. PICUMÃ.
- 185- Beliscar de leve. PINICÁ – PINICAR.
- 186- Fazer diabruras, proezas. “Fulano PINTA o sete.”
- 187- Adquirir, comprar, ter algo. PISSUIR – POSSUIR.
- 188- Passar a noite, hospedar. POISÁ – POUCHAR.
- 189- Pó preto, que quando se coloca fogo, incendeia de forma explosiva. Usa-se, por exemplo, para carregar espingarda e em fogos de artifício. PÓRVA – PÓLVORA.

190- Grande quantidade de povo é um POVARÉU.

191- Quando não sei algo, eu tenho que fazer uma PREGUNTA – PERGUNTA. O contrário de resposta

192- Acréscimo feito a uma casa, geralmente do lado dos fundos. PUXADO.

193- Quando se está muito irritado, diz-se que a pessoa está com muita RÉIVA – RAIVA.

194- Queimar ligeiramente, chamoscar. “Para arrumar um capado, é preciso SAPECÁ – SAPECAR primeiro.”

195- Ficar feliz com o resultado de alguma coisa. Estar com a barriga cheia. “ Não quero comer mais nada. Estou SASTIFEITO - SATISFEITO”

196- Segurar alguém ou um animal com força, obrigar. SOJIGÁ – SUBJUGAR.

197- Puxar, suspender, levantar. A moça SUNGÔ - SUNGOU o vestido para atravessar o barro.

198- Soltar gases intestinais com estrondo. TRAQUEÁ – TRAQUEAR.

199- Quantia insignificante, pequeno valor. “ Não faça questão por essa TUTAMÉIA”

200- Quando a pessoa está com febre e fala palavras e frases desconexas ela está VARIANO – VARIANDO.

7.3 Mapas

Mapa 1 - Microrregião de Ubá, onde se localizam os municípios de Dolores do Turvo, Silveirânia e Mercês em cujas comunidades foram feitas as entrevistas.



Fonte: Wikipedia, 2018.

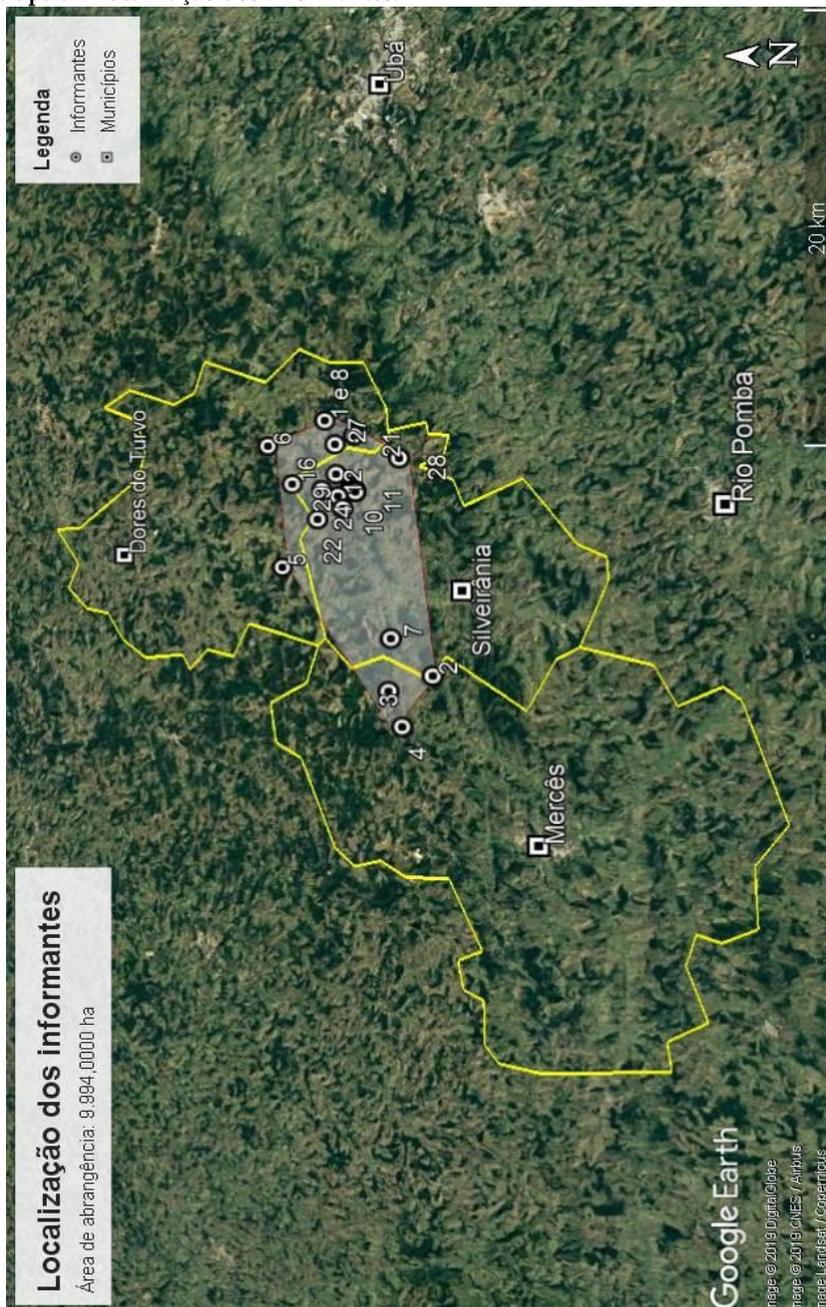
Mapa 2 - Divisão com base no Atlas Lingüístico de Minas Gerais, para que se compare a fronteira entre o sotaque paulista e a região onde foram feitas as entrevistas.

MAPA DOS SOTAQUES DE MINAS



Fonte: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. 1977.

Mapa 3 - Localização dos informantes.



7.4 Transcrição das entrevistas

Infor.	Perguntas							
	1	2	3	4	5	6	7	8
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	ACOCHA	AGREGADO	CAVADÊRA	COIVARA	COROÁ	CAPINA	CUTELO	MUNJOLO
1	não sabe	companheiro	cavadêra	não sabe	não sabe	limpeza	arado	pilão
2	rosca	não sabe	cavadêra	coivara	baciá	capina	réfi	munjolo
3	não sabe	Ajudante	cavadêra	não sabe	não sabe	capina	não sabe	mijolo
4	não sabe	não sabe	cavadêra	colvara	não sabe	capina	serra	munjolo
5	não sabe	não sabe	cavadêra	galho	croá	capina	rastelo	munjolo
6	pé de porco	não sabe	cavadêra	gaiada	varrida	capina	não sabe	não sabe
7	arrocho	Casêro	cavadêra	corvara	não sabe	capina	gancho	canao
8	não sabe	não sabe	cavadêra	não sabe	coroação	capina	cutelo	não sabe
9	rabo de porco	Braçal	cavadêra	coivara	coroa	capina	cutelo	munjolo
10	aperto	não sabe	cavadêra	graveto	coroação	limpeza	cutelo	minjólo
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	não sabe	não sabe	cavadêra	não sabe	não sabe	capina	cutelo	manjolo
12	não sabe	não sabe	cavadêra	tiço	croá	capina	cutelo	mijolo
13	não sabe	não sabe	cavadêra	não sabe	não sabe	capina	não sabe	munjoli
14	arrocha	não sabe	cavadêra	coivara	não sabe	capina	cutelo	munjol
15	estica	não sabe	cavadêra	quemada	embaciá	capina	cutelo	munjolo
16	não sabe	não sabe	cavadêra	lenha	bacia	capina	cutelo	minjolo

17	pé de cabrito	Voluntário	cavadêra	corvara	coroá	capina	cutelo	munjolo
18	pé de porco	ambulante	cavadêra	corvara	bacia	capina	cutelo	minjolo
19	torcê	Diarista	cavadêra	coivara	embaciá	capina	cutelo	munjolo
20	cabrito	trabaiadô ambulante	cavadêra	corvara	bacia	capina	cutelo	munjoli
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	arrocha	não sabe	cavadêra	fêxe	bacia	capina	ancinho	munjolo
22	arrocha	Diarista	cavadêra	coivara	embaciá	capina	cutelo	monjolo
23	arrocho	Diarista	cavadêra	tição	bacia	capina	cutelo	munjolo
24	arrocho	não sabe	cavadêra	lenha	coroá	capina	cutelo	munjolo
25	marrô	não sabe	cavadêra	tição	limpou	capina	não sabe	mijólo
26	arrocho	Colono	cavadeira	coivara	embacia	capina	gancho	minjólo
27	torcicolo	companhero	cavadêra	coivara	bacia	capina	cutelo	mijolo
28	travou	ambulante	cavadêra	coivara	bacia	capina	cutelo	minjolo
29	dá uma cabrita	bóia-fria	cavadêra	lenhera	bacia	capina	cutelo	munjolo
30	dar um "s"	bóia fria	cavadêra	quemada	embaciá	capina	cutelo	munjólo

Infor.	Perguntas							
	9	10	11	12	13	14	15	16
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	PAIOL	INFERNO	TALA	TIPITI	VELÁ	VIRGE	MUTIRÃO	TOCAIA
1	paiol	roda gigante	chicote	não sabe	secá	não sabe	reunião dos companheiro	tucaia
2	paiol	não sabe	surrão	prensa	não sabe	não sabe	não sabe	butuca
3	paiol	não sabe	chicote	prensa	não sabe	não sabe	grupo de ajudante	vigia
4	paoli	não sabe	chicote	prensa	murchá	esteio	não sabe	tucaia
5	paiol	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe	engenhoca	não sabe	observano
6	paiol	não sabe	rabo de tatu	não sabe	não sabe	não sabe	empreitada	tucaia
7	paíó	roleta	surrão	não sabe	secá	moenda	união	plantão
8	paiol	reservatório	tala	não sabe	secá	não sabe	associação	tucaia
9	paiol	não sabe	surrão	não sabe	não sabe	engenhoca	mutirão	tucaia
10	paíoli	reservatório	tala	não sabe	secá	não sabe	associação	tucaia
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	paiol	não sabe	chicote	não sabe	não sabe	engenhoca	palhada	butuca
12	paiol	rudia	tala	não sabe	não sabe	esteio	bandêra	tucaia
13	paiol	não sabe	não sabe	gamela	não sabe	engenho	reunião	tocalha
14	paiol	não sabe	chicote	gamela	velá	morão	cabada de roça	tucaia
15	paiol	caixa	não sabe	não sabe	secar	braço	reuni	tocalha
16	paíó	não sabe	chicote	pano	secá	esteio	festa	tucaia

17	paiol , tuia	tribunal do moinho	surrão	penera	velá	virge	cabada	tucaia
18	paiol	citia	tala	pano	inxugano	não sabe	cabada de roça	tocaia
19	paiol	não sabe	rabo de tatu	tipiti	secá	cavia	mutirão	tucaia
20	paiol	jato	rabo de tatu	piti	no sol	engenhoca	não sabe	tucaia
Faixa C– 50 anos ou mais								
21	paiol	não sabe	tala	pano	secano	não sabe	cabada	tucaia
22	paiol	não sabe	surrão	não sabe	não sabe	não sabe	bandêra	sentinela
23	paiol	rudimunho	rabo de tatu	tipiti	velá	não sabe	bandêra	tucaia
24	paíó	não sabe	chicote	espremedô	secá	não sabe	reunião	caçadô
25	paiol	não sabe	tala	tipiti	velá	rodano	cabada de roça	tucaia
26	paiol	esgoto	rei	gamela	velá	esteio	mutirão	tocaia
27	paíó	não sabe	chicote	maçarico	curti	manjarra	companherada	toca
28	paioli	não sabe	chicote	tipiti	velá	esteio	festa	tucaia
29	paiol	inferno	rabo de tatu	não sabe	velá	esteio	bandêra	tucaia
30	paiol	poço/rudízo	chicote	tipiti	enxuga	virge	rinião	vigiano

Infor.	Perguntas							
	17	18	19	20	21	22	23	24
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	PICADA	SÓCA	BANDÊRA	COARÁ	ALELUIA	APIÁ	ARAGANO	BARBULÊTA
1	trilho	não sabe	não sabe	molho	não sabe	apiá	espantado	borboleta
2	trilha	safrinha	bandêra	coará	cupim	apiô	bruto	borboleta
3	caminho	segunda colheita	monte de milho	corá	bicho de cupim	apiou	arisco	não sabe
4	trilha	não sabe	bandêra	coará	cupim	não sabe	brabo	borboleta
5	trilha	não sabe	monte	coará	miguilim	apiô	não sabe	borboleta
6	trilha	plantio	não sabe	não sabe	cupim	apeia	cavalo manhoso	grilo
7	picada	segunda	bandêra	varal	tanajura	apeia	arisco	abelha
8	acêro	segunda	não sabe	coarano	cupim	apiô	não sabe	barbolêta
9	picada	segunda	bandêra	de molho	miguilim	apiá	arisco	borboleta
10	triada	segunda	monte	secá	pinerinha	apiado	não sabe	bizôrrro
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	trilha	segunda colheita	intulho	coalhá	pinerinha	apiô	não sabe	borboleta
12	trilho	segunda	bandêra	coará	não sabe	apiá	não sabe	borboleta
13	trilha	segunda	não sabe	coará	miguilim	apiá	manhoso	borboleta
14	picada	safra	não sabe	coará	pinerinha	apiô	não sabe	borboleta
15	não sabe	brotagem	bandeira	coarano	tanajura	apiô	bravo	borboleta
16	picada	sóca	bandêra	estendê	não sabe	apiô	arisco	barbolêta
17	picada	sóca	bandêra	coará	pinerinha	apiô	só a tiro	borboleta

18	picada	sóca	bandêra	coará	miguilim	apeia	ruim pra pegá	borboleta
19	picada	sóca	bandêra	cará	aleluia	apiá	não sabe	barbolêta
20	picada	sóca	bandêra	coaiá	pinerinha	apiô	ordinário	borboleta
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	trilha	sóca	bandêra	coarando	não sabe	apiô	não sabe	borboleta
22	picada	temporão	bandêra	coarano	miguilim	apiô	arisco	borboleta
23	picada	safrinha	bandêra	coarano	aleluia, panerinho	apiô	bravo	borboleta
24	trilha	segunda	não sabe	coarando	tanajura	apiô	potrão	mangava
25	picada	sóca	bandêra	coarano	pinerinha	apiô	arisco	barbolêta
26	picada	sóca	bandêra	não sabe	cupim	apiô	arisco	mangava
27	picada	sóca	bandera	corano	tanajura	apiô	arisco	barbulêta
28	picada	sóca	bandêra	corano	tanajura	apiô	sombrado	barbuleta
29	picada	sóca	bandêra	coará	tanajura	apiô	ruim prá pegá	barbuleta
30	picada	sóca	bandêra	coará	pinerinha	apiô	brabo	barbulêta

Infor.	Perguntas							
	25	26	27	28	29	30	31	32
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	BAXÊRO	BICHÊRA	BOLIA	ARAPUÁ	URUPUCA	ATAIÁ	CEVA	AVÔA
1	sela	bichêra	apruma	cachorra	çalpão	não sabe	cocho	vua
2	baxêro	bichêra	não sabe	cachorra	arapuca	não sabe	ceva	voa
3	baxêro	larvado	prumô e caiu	cachorra	arapuca	não sabe	não sabe	voa
4	baxêro	bichêra	não sabe	cachorra	urupuca	furo	cevero	voa
5	não sabe	bichêra	espantado	cachorra	urupuca	não sabe	ceva	voa
6	baxêro	bichêra	bulia	cachorra	arapuca	não sabe	ceva	avôa
7	baxêro	bichêra	buleia	cachorra	arapuca	enxêrga	cevada	voa
8	não sabe	bichêra	não sabe	cachorra	não sabe	não sabe	cevadô	voa
9	baxêro	bichêra	buleia	cachorra	arapuca	não sabe	cevano	avôa
10	não sabe	bichêra	não sabe	cachorra	urupuca	não sabe	triada	avôa
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	cuchinil	bernêra	não sabe	não sabe	arapuca	não sabe	armadilha	voa
12	baxêro	bichêra	aprumadô	cachorra	arapuca	não sabe	cevá	avôa
13	não sabe	bichêra	manhoso	cachorra	arapuca	não sabe	tucalha	voa
14	não sabe	bichêra	não sabe	cachorra	arapuca	não sabe	trilha	voa
15	baxeiro	bicheira	boleia	preta	arapuca	buraco	cocho	voa
16	baxêro	bichêra	boleia	cachorra	arapuca	não sabe	carrêro	avôa
17	baxêro , enxêrga	bichêra	buleia	maria puá	urupuca	buraco na manta	céva	voa
18	enxêrga	bichêra	buleia	cachorra	arapuca	não sabe	céva	voa

19	baxêro	bichêra	buleia	cachorra	arupuca	buraco	céva	voa
20	não sabe	bichêra	buleia	cachorra	arupuca	não sabe	cevêro	voa
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	baxêro	bichêra	estira	cachorra	arupuca	buraco	cevá	voa
22	baxêro	bichêra	boleia	preta	urupuca	não sabe	cevano	voa
23	não sabe	bichêra	galopiadô	cachorra	arupuca	não sabe	cevêro	voa
24	baxêro	bichêra	buleadô	não sabe	urupuca	corde	cevano	avôa
25	baxêro	bichêra	estira	cachorra	arupuca	buraco	cevá	voa
26	baxêro	bichêra	dá cambalhota	cachorra	arupuca	não sabe	céva	voa
27	baxêro	bichêra	buliadô	cachorra	urupuca	proteção	céva	avôa
28	baxêro	bichêra	buleia	cachorra	arupuca	não sabe	céva	avôa
29	baxêro	bichêra	buleia	arupá	arupuca	buraco	cevano	avôa
30	baxêro	bichêra	boliadô	cachorra	arupuca	furá	cevá	avôa

Infor.	Perguntas							
	33	34	35	36	37	38	39	40
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	BACAI AU	COCHINIL BADANA	MADRINHA	CHAMA	CHUCRO	CHUMAÇO	CINCÊRRO	COTÓ
1	baçaiau	cachêro	não sabe	armadô	brabo	canga	não sabe	cotó
2	não sabe	cuchinil	guia	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe	suruco
3	não sabe	não sabe	não sabe	chamano	cavalo sem mansá	não sabe	não sabe	suruco
4	piterra	cochinil	guia	chama	brabo	não sabe	não sabe	suruco
5	bacalhau	não sabe	não sabe	não sabe	não foi domado	não sabe	não sabe	nabuco
6	não sabe	não sabe	não sabe	armadô	brabo	não sabe	não sabe	cotó, suruco
7	não sabe	cochinil	guiêra	chama	chucro	não sabe	não sabe	suruco
8	não sabe	não sabe	guia	armadô	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe
9	não sabe	cochinil	não sabe	armador	bravo	não sabe	não sabe	cotó, suruco
10	baçaiau	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe	cunha	não sabe	nabuco
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	bacalhau	cochinil	não sabe	chama	bravo	não sabe	não sabe	côto
12	bacalhau	tapete	não sabe	chama	não sabe	não sabe	cincêrro	nabuco
13	não sabe	lã	guia	isca	não sabe	não sabe	não sabe	suruco
14	bacalhau	tapete	não sabe	chama	bravo	não sabe	não sabe	cotó
15	bacalhau	baxêro	guia	não sabe	bravo	não sabe	não sabe	tosado

16	bacalhau	cochinili	guia	chama	bravo	não sabe	peitoral	catoco
17	bacalhau	cachonil	guia	chama	jove	chumacho	cincêro	cotó
18	bacalhau	macio	não sabe	chama	bravo	não sabe	não sabe	nabuco
19	bacalhau	pelego	madrinha	chama	chucro	chumacho	não sabe	não sabe
20	bacalhau	cuchunil	não sabe	chama	chucro	chumacho	cincêro	não sabe
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	bacalhau	pelego	não sabe	chama	bravo	não sabe	campainha	cotó
22	bacalhau	pelego	não sabe	chama	bravo	chumacho	campainha	cotó
23	bacaiiau	cochonil	não sabe	companhêro	burro	chumasco	cincêro	cotó
24	bacalhau	cuchinil	madrinha	prisonêro	bravo	êxo	cilino	nabuco
25	bacaiiau	cuchinil	não sabe	chama	brabo	canga	cincêro	cotó, nabuco
26	bacalhau	pelego	guia	chama	doido	chumacho	cincêro	nabuco
27	bacaiiau	cochinil	guia	chama	brabo	chumaço	cincêro	nabuco
28	bacaiiau	pelego	madrinha	chama	bravo	chumaço	campainha	cotó
29	bacaiiau	pelego	madrinha	chama	redomão	chumaço	cincêro	suruco
30	bacaiiau	cochinili	guia	chama	brabo	chumacho	cincêro	suruco

Infor.	Perguntas							
	41	42	43	44	45	46	47	48
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	BRÓCHA	CALOMBO	CANDIÊRO	CAPADO	CANIÇO	CORREIÇÃO	ENDÊIZ	GAUDÉRIO
1	não sabe	caroço	boiadêro	capado	tampa	correção	indrêz	não sabe
2	brócha	calombo , galo	candiêro	capado	não sabe	correção	indrêz	zulêgo
3	brócha	caroço	candiadô	capado	taba	correção	indêiz	azulão
4	não sabe	caroço	candiêro	capado	não sabe	correção	indrêiz	zulêgo
5	não sabe	calombo	candiano	capado	não sabe	correição	indêiz	não sabe
6	brócha	caroço	candiêro	capado	tampa	correição	não sabe	azulão
7	brócha	vergão	candiêro	capado	não sabe	serração	indêiz	não sabe
8	não sabe	vergão	guia	capão	não sabe	lava-pé	indêiz	não sabe
9	brócha	calombo	candiêro	capado	tampa	correição	indêiz	zulego
10	não sabe	incha	candiêro	não sabe	tampa	correição	indêiz	azulego
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	canzilo	vergão	boiadêro	castrô	taquara	cortadêra	indêiz	não sabe
12	brócha	calombo caroço	candía	capado	não sabe	correção	indez	azulego
13	não sabe	calombo	candiêro	capão	não sabe	correção	indêiz	anú
14	brócha	vergão	candiêro	castrado	não sabe	não sabe	indêiz	chupim
15	brócha	calombo	candieiro	castrado	não sabe	cabeçuda	indêiz	não sabe
16	brócha	caroço	candiêro	capado	tampa	correição	indêiz	colêro
17	brócha	abcesso	candiêro	capado	carniço	correição	indêiz	azulego
18	brócha	calombo	candiêro	capado	carniço	correição	indêiz	zulêgo
19	brócha	caroço	candiêro	capado	carniço	correição	indêiz	zulêgo

20	brócha	caroço	candiêro	capado	canisto	correição	indêiz	azulego
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	çôga	inchaço	candiêro	capão	caniso	correição	indêiz	azulêgo
22	brócha	calombo	candiêro	capado	caniço	correição	indêiz	azulego
23	barbela	calombo	candiêro	capado	não sabe	lava-pé	indêiz	zulego
24	brócha	caroço	candiêro	capado	caniço	correição	indêiz	tiziu
25	brócha	caroço	candiêro	capado	não sabe	lava-pé	indêiz	azulego
26	brócha	calombo	candiêro	capado	carniço	formiga	indez	azulego
27	brócha	calombo	candiêro	capado	canisto	correição	indêiz	zulêgo
28	brócha	vergaião	candiêro	capado	carniço	correição	indêiz	azulego
29	brócha	caroço	candiêro	capado	canisto	correição	indêiz	zulego
30	brócha	inchaço	candiêro	capado	carniço	cabeçuda	indêiz	azulego

Infor.	Perguntas							
	49	50	51	52	53	54	55	56
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	GUAMPA	ERVADO	IMPACADÔ	INHAMBU	ACERTÁ	TATURANA	PAMPA	PANELA
1	não sabe	envenenado	manhoso	não sabe	não sabe	taturana	pampa	não sabe
2	não sabe	adoeceu	empacadô	não sabe	domano	taturana	pampo	não sabe
3	não sabe	venenado	manhoso	coruja	não sabe	taturana	não sabe	ninhada
4	não sabe	venenado	brabo	não sabe	não sabe	não sabe	pampo	panela
5	não sabe	ervado	manhoso	juriti	domador	não sabe	não sabe	não sabe
6	não sabe	contaminado	manhoso	inhambu	acertá , doma	taturana	pampo	loca
7	não sabe	intoxicado	manhoso	anú	acertá	tartaruga	pampo	bomba
8	não sabe	ervado	manhoso	inhambu	domano	taturana	pampo	mestra
9	não sabe	ervado	pegadô de manha	inhambu	não sabe	taturana	pampa	não sabe
10	não sabe	envenenado	manhoso	inhambu	amansano	taturana	manchado	panela
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	não sabe	invenenado	pacadô	trucali	dominando	taturana	manchado	túnel
12	não sabe	ervado	manhoso	inhambu	não sabe	taturana	pintado	não sabe
13	não sabe	ervado	manhoso	saracura	trote	taturana	maiado	formiguêro
14	não sabe	ervado	Manha	inhambu	não sabe	taturana	manchado	não sabe
15	não sabe	envenenado	Manhoso	não sabe	educar	taturana	pampa	não sabe
16	não sabe	ervado	Manhoso	corujão	acertá	taturana	pampo	não sabe
17	não sabe	ervado	Manhoso	inhambu	certo de rédea	taturana	pampa	oca, fungo
18	não sabe	ervado	Manhoso	inhambu	acertá	taturana	pampa	não sabe
19	não sabe	ervado	Manhoso	inhambu	certo	taturana	pampa	ninho

20	não sabe	ervado	Manhoso	inhambu	domano	taturana	pampo	casulo
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	não sabe	ervado	Burro	inhambu	linhá	taturana	pampo	formiguêro
22	não sabe	intoxicado	manhoso	não sabe	domar	taturana	pampa	oca
23	não sabe	tuxicado	Pacadô	inhambu	não sabe	taturana	pampo	oca
24	buzina	venenado	manhoso	cadorna	psiu	taturana	pampo	bomba
25	não sabe	intuxicô	manhoso	não sabe	adomano	taturana	pampo	furmiguêro
26	corniço	ervado	manhoso	inhambu	acertar	saçurana	pampo	canal
27	cornicha	ervado	manhoso	inhambu	vacuá	taturana	pampo	panela
28	chifrêro	ervado	manhoso	inhambu	trenano	taturana	pampo	panela
29	chifrera	intoxicado	manhoso	inhambu	acertá	taturana	pampo	panela
30	chifrero	envenenado	manhoso	inhambu	acertadô	taturana	pampa	panela

Infor.	Perguntas							
	57	58	59	60	61	62	63	64
Faixa A – 18 a 33 anos								
	PAREIA	PASSARINHÊRO	PIÔIO DE COBRA	PULÊRO	SORTÊRO	REPASSO	TRAVAGE	URUTU
1	gêmeos	rapadô	piolho de cobra	pulêro	de corte	amansa	não sabe	sucuru
2	pariada	arisco	piô de cobra	pulêro	de corte	repasso	não sabe	urutu
3	parecido	arisco	centopeia	pulêro	de engorda	repassano	não sabe	coral
4	igual	não sabe	não sabe	pulêro	não sabe	passo	não sabe	jaracuçu
5	gêmeos	não sabe	piô de cobra	pulêro	não sabe	repasso	não sabe	cascaivel
6	gêmeo	assustadô	piô de cobra	pulêro	sortêro	repasso	dente de lobo	cascaivel
7	pariada	rapa	luís caxêro	puleiro	falhado	repasso	travage	jaracuçu
8	não sabe	bravo	centopeia	pulêro	não sabe	repasso	não sabe	não sabe
9	pariada	passarinho	piô de cobra	pulêro	não sabe	repasso	travage	urutu
10	gêmia	espantado	mandruvá	pulêro	não sabe	repasso	figuêra	cascaivel
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	igual	bravo	piolho de cobra	puleiro	não sabe	repasso	não sabe	cascaivel
12	igual	espantadô	piô de cobra	pulêro	não sabe	repasso	travage	cascaivel
13	não sabe	não sabe	piô de cobra	pulêro	de corte	não sabe	não sabe	cascaivel
14	igual	derrapada	piô de cobra	pulêro	soltêro	repasso	não sabe	não sabe
15	iguais	espantado	não sabe	puleiro	de corte	repasso	travage	não sabe
16	parecida	passarinhêro	piô de cobra	pulêro	sortêro	repasso	travage	urutu

17	apariado	sustroso	piô de cobra	pulêro	soltêro	repasso	travage	jararaca
18	apariada	assustado	piôio de cobra	pulêro	solteiro	repasso	travage	urutu , cascavel
19	apariada	não sabe	piolho de cobra	poleiro	soltêro	repasso	trava	jararaca
20	pariada	passarinho	não sabe	pulêro	sortêro	repasso	travage	cascavel
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	não sabe	não sabe	piô de cobra	pulêro	sortêro	repasso	não sabe	urutu
22	parelha	passarinhadô	piolho de cobra	pulêro	de corte	repasso	trava	urutu
23	não sabe	assustadô	fiote de cobra	pulêro	sortêro	amansada	sapim	urutu
24	mansa	néga	Lagarta	pulêro	recria	amansano	trava	urutu
25	igual	brabo	Largata	pulêro	sortêro	repasso	estria	urutu
26	aparelhada	arisco	Lacraia	puleiro	solteiro	repasso	travage	cascavel
27	apariada	passarinhado	Largata	pulêro	recria	repasso	travage	cascavel
28	pariada	passarinhadô	piô de cobra	pulêro	sortêro	repasso	travage	urutu
29	apariada	passarinho	não sabe	pulêro	sortêro	repasso	travage	cascavel
30	apariada	passarinhêro	piôio de cobra	pulêro	sortêro	repasso	travage	arutu

Infor.	Perguntas							
	65	66	67	68	69	70	71	72
Faixa A – 18 a 33 anos								
	BARRIGUÊRA	ANGU	CURAU	FÔRNO	GARAPA	MARINHEIRO	MINDUIM	MUXIBENTA
1	barriguêro	angu	não sabe	não sabe	garapa	não sabe	amendoim	dura
2	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	garapa	marinhêro	amendoim	parece chiclete
3	barriguêra	angu	pamonha	não sabe	garapa	arroz com casca	amendoim	com nervo
4	barriguêro	angu	não sabe	tacha	garapa	marinhêro	minduim	muxibenta
5	cia	angu	plural	não sabe	garapa	não sabe	minduim	pelanca
6	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe	minduim	dura
7	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	garapa	não sabe	amendoim	dura
8	cinta	angu	não sabe	cobre	garapa	não sabe	minduim	de tercêra
9	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	garapa	não sabe	minduim	puxento
10	não sabe	angu	pamonha	não sabe	garapa	marinhêro	minduim	não sabe
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	cintêro	angu	pamonha	frigideira	garapa	não sabe	minduim	dura
12	barriguêra	angu	não sabe	tacho de cobre	garapa	marinhêro	minduim	dura
13	cinta	angu	não sabe	não sabe	garapa	marinhêro	minduim	dura
14	não sabe	angu	doce	não sabe	garapa	maroto	minduim	borrachuda
15	barrigueira	angu	não sabe	não sabe	garapa	marinhêro	amendoim	dura
16	barriguêra	angu	não sabe	torrado	garapa	marinhêro	não sabe	dura
17	barriguêra	angu	papa	não sabe	garapa	maroto	mendoim	de segunda

18	barriguêra	angu	purau	tacha	garapa	não sabe	minduim	não sabe
19	barriguêra	angu	curau	tacha	garapa	marinhêro	amendoim	dura
20	barriguêra	angu	sopa dorada	não sabe	garapa	não sabe	minduim	borracha
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	garapa	maranhão, cabiçudo	minduim	de segunda
22	barriguêra	angu	não sabe	fornin	garapa	marinhêro	amendoim	não sabe
23	barriguêra	angu	curau	não sabe	garapa	marinhêro , cabiçudo	minduim	puxenta
24	barriguêra	angu	pamonha	não sabe	garapa	cabiçudo	minduim	dura
25	barriguêra	angu	pudim de mio verde	não sabe	garapa	marinhêro , cabeçudo	minduim	carne de sebo
26	lático	angu	plural	fôrno	garapa	marinhêro	amendoim	dura
27	barriguêra	angu	doce de mio verde	fôrno	garapa	cabiçudo	minduim	de segunda
28	barriguêra	angu	não sabe	não sabe	garapa	marinhêro	minduim	nervo
29	barriguêra	angu	doce de milho	não sabe	garapa	marinhêro	minduim	muxibenta
30	barriguêra	angu	não sabe	fôrno	garapa	marinhêro /cabeçudo	minduim	dura

Infor.	Perguntas							
	73	74	75	76	77	78	79	80
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	PIRUÁ	QUEBRA	BALAIO	BONECA	CORESMA	CUMBUCA	GAMELEIRA	IMBIGO
1	não sabe	diminuiu	não sabe	boneca	coresma	cabaço	não sabe	imbigo
2	pirruai	quebra	balaio	buneca	quaresma	cabaça	gamelêra	não sabe
3	pirruai	não sabe	balaio	bonecano	coresma	culha	não sabe	coração da bananeira
4	não sabe	não sabe	balai	buneca	quaresma	cumbuca	não sabe	imbigo
5	caruá	não sabe	balaio	não sabe	coresminha	cumbuca	gameleira	imbigo
6	não sabe	não sabe	balaio	boneca	coresma	coité	não sabe	imbigo
7	não sabe	quebra	balaio	buneca	quaresma	cuia	não sabe	imbigo
8	não sabe	quebrô	balai	buneca	quaresma	cuia	não sabe	imbigo
9	piruá	não sabe	balaio	buneca	coresma	cuia	não sabe	imbigo
10	não sabe	quebrada	balaio	boneca	coresma	cabaço	não sabe	imbigo
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	piruá	quebrada	balaio	buneca	coresma	cabaço	não sabe	imbigo
12	não sabe	diferença	balaio	buneca	coresma	cumbuca	não sabe	imbigo
13	piruá	quebrada	balaio	buneca	quaresma	cuia	gamelêra	imbigo
14	piruru	quebrada	balaio	buneca	coresma	cabaço, muringa	gamela	imbigo
15	piruá	diminói	balaio	boneca	quaresma	cabaço	gameleira	imbigo
16	não sabe	saiu a casca	balaio	boneca	coresma	cabaça	figuêra	imbigo

17	não sabe	quebra	balaio	buneca	quaresma	cacimba	gamelêra	umbigo
18	não sabe	quebra	balaio	boneca	quaresma	cumbuca	gamelêra	imbigo
19	piruá	quebra	balaio	buneca	quaresma	muringa	gamelêra	imbigo
20	piruá	diminuída	balaio	boneca	coresma	cuia	gamelêra	imbigo
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	piruá	não sabe	balaio	buneca	quaresma	cuia	gamelêra	imbigo
22	piruá	quebrou	balaio	boneca	quaresma	cumbuca	gamelêra	imbigo
23	piruá	quebrô	balaio	buneca	quaresma	cumbuca	gamelêra	imbigo
24	piruá	diminuiu	balaio	buneca	quaresma	cumbuca	gamelêra	imbigo
25	piruá	quebrô	balaio	boneca	coresma	cabaço	gamelêra	imbigo
26	marinheiro	metade	balaio	boneca	quaresma	cumbuca	gameleira	figa
27	piruá	quebrô	balaio	buneca	coresma	cumbuca	gamelêra, cedro	imbigo
28	piruá	quebrô	balaio	buneca	quaresma	cumbuca	gamelêra	imbigo
29	piruá	tá limpo	balaio	boneca	quaresma	purunga	gamelêra	imbigo
30	caruá	não sabe	balaiêra	boneca	coresma	cabaça	gamelêra	imbigo

Infor.	Perguntas							
	81	82	83	84	85	86	87	88
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	IMBIRA	MACAIA	ORÊIA DE ONÇA	ROÇA	TAQUARA	TETÉIA	CAPUÊRA	DESPENCÁ
1	não sabe	maçaroca	não sabe	não sabe	taquara	não sabe	naceu	despencá
2	não sabe	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	não sabe	despencá
3	imbira	merda	mudinha	roça	taquara	tetéia	capuêra	despencá
4	não sabe	não sabe	não sabe	roça	taquara	tetéia	não sabe	dispencô
5	imbira	não sabe	não sabe	roça	traquara	tetéia	guaxama	dispenca
6	não sabe	maçaroca	não sabe	roça	taquara	florzinha	não sabe	despencá
7	não sabe	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	reformou	dispencô
8	não sabe	não sabe	não sabe	roça	traquara	folha	sujêra	dispenca
9	não sabe	não sabe	orêia de onça	roça	taquara	tetéia	reflorestamento	dispencá
10	imbira	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	ristinga	dispencô
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	não sabe	não sabe	fôia nova	roça	taquara	tetéia	floresta	despencar
12	imbira	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	capuêra	dispencô
13	imbira	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	não sabe	dispencá
14	não sabe	não sabe	não sabe	roça	taquara	tetéia	não sabe	rancô
15	imbira	baxêro	cruzada	roça	taquara	tetéia	não sabe	dispenca
16	não sabe	não sabe	não sabe	roça	taquara	não sabe	chavascali	pegano
17	pitira	arapiraca	não sabe	roça	taquara	tetéia	capuêra	dispencá

18	imbira	baxêro	não sabe	roça	taquara	gracinha	brotação	despencá
19	capa	maçaroca	sombrinha	roça	taquara	tetéia	capuêra	despenca
20	imbira	macaia	não sabe	roça	taquara	não sabe	matagal	despencá
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	imbira	não sabe	não sabe	roça	taquara	tetéia	chavascal	despencá
22	imbira	macaia	não sabe	roça	taquara	tetéia	mata	despencá
23	imbira	maçaroca	broto	roça	taquara	tetéia	quemada	dispencô
24	imbira	tabaco	broto	roça	taquara	brinquedo	capuêra	dispencá
25	imbira	macaia	broto	roça	taquara	tetéia	brotação	despenca
26	imbira	fraco	hora de mudar	roça	taquara	inocente	capuêra	despencá
27	imbira	macaia	muda de café	roça	taquara	florinha	chavascal	dispencô
28	imbira	macaia	não sabe	roça	taquara	tetéia	capuêra	dispencô
29	imbira	macaia	não sabe	roça	taquara	linda	capoêra	dispencano
30	imbira	macaia	cruzadinha	planta	taquara	tetéia	brota	despencano

Infor.	Perguntas							
	89	90	91	92	93	94	95	96
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	ESTALÊRO	CUIA	MAMPARRA	SE ABANQUE	ACÓCA	AGARDECÊ GARDECÊ	ALEMBRÁ	MARELÔ
1	não sabe	cunha	falsidade	entra pra dentro	acoitano	agradecê	lembrar	assustô
2	jirau	cuia	fazeno corpo mole	chega aí	passa a mão na cabeça	agradecer	lembrar	está pálido
3	jirau	cuia	fingino	pode intrá	istragô o fio	agradecê	lembrar	assustada
4	jirau	cuia	bobera	entrá	não sabe	obrigado	lembrá	tá amarelo
5	não sabe	cuia	má vontade	não sabe	mima	obrigado	lembrá	ficô branco
6	estandarqui	cuia	imbruiano	pode chegá	não sabe	obrigado	lembrei	medroso
7	jirau	cuia	manha	entrá pra dentro	passá a mão na cabeça	falar muito obrigado	lembrar	levô um choque
8	istandáqui	cuia	espera	entra pra dentro	passa a mão na cabeça	obrigado	lembrá	ficô pálida
9	parrêra	cuia	priguiçoso	entra pra cá	mimano	deveno obrigação	alembro	pálido
10	jirau	tuia	falso	senta	bão	obrigação	lembrá	não sabe
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	não sabe	cuia	manha	chega pra cá	mimado	agradecê	alembra	pálida
12	parrêra	cumbuca	manha	não sabe	manhoso	obrigado	lembrá	dismaiô
13	parrêra	cuia	fingindo	entra, senta	passano a mão na cabeça	agradecer	lembrá	ficô pálido
14	parrêra	cuia	fingino	pode chegá	passa mão na cabeça	agradece	lembrar	desmaio
15	não sabe	cuia	espera	senta	não sabe	agradecê	não sabe	amarelo

16	istandáqui	cuia	preguiça	entra pra cá	não sabe	agradecê	lembra	com medo
17	istandáqui, parrêra	cuia	manha	chega pra cá	mima	agradecê	lembrar	medrontô
18	parrêra	cuia	manha	pedi licença	passá a mão na cabeça	agradecer	lembro	pálido
19	parrêra	cuia	cera	sinta-se em casa	acoitano	agradecê	lembrar	branca
20	parrêra	cuia	manha	chega pra cá	errado	agradecê	lembrá	com medo
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	parrêra	cuia	preguiça	a casa é sua	passa mão na cabeça	agradecê	lembrar	marelô
22	parrêra	cuia	manha	senta	passa a mão	agradecer	lembrar	pálido
23	parreira	cuia	manha	entra e senta	mimado	gradecê	alembrá	vermelhô
24	estalêro	cuia	manha	a casa é sua	mimado	obrigação	passa alerta	pálido
25	parrêra	cuia	malandrage	entra pra dentro	acoitano	agradecê	lembrá	ficô pálido
26	parrêra	cuia	manha	fique a vontade	mima	agradecer	alembrar	desmaiou
27	parrêra	cuia	manha	entra pra dentro	dengoso	gradecê	alembrei	levô um susto
28	parrêra	cuia	manha	chega pra cá	não sabe	agradecê	alembrá	ficô sem graça
29	parrêra	cuia	fazeno hora	sinta-se bem	protejeno	agradecê	lembrar	assustô
30	parrêra	cuia	moleza	entra pra dentro	amoroso	agradecê	não sabe	descorada

Infor.	Perguntas							
	97	98	99	100	101	102	103	104
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	AMINHÃ, AMENHÃ	AMOLAÇÃO	IN ANTES, ANTE	APIÔ	ARCO DA VÉIA	ARIÁ	ARFENETE	ARRRANCHÔ
1	amanhã	chatice	antes	foi passeá	arco-íris	ariá	alfinete	acampano
2	amanhã	chatice	antes	foi hospedada	arco-íris	ariá	alfinete	folgada
3	amanhã	ficô chato	antes	madrugô	arco-íris	ariá	alfinete	não sabe
4	amanhã	chatice	antes	durmiu	arco-íris	ariá	finete	não sabe
5	amanhã	não sabe	antes	não sabe	arco-íris	ariá	broche	barraquero
6	amanhã	tristeza	antes	ficou lá	arco-íris	ariá	alfinete	folgado
7	amanhã	droga	antes	passô a noite fora	arco-íris	ariá	estilete	folgado
8	amanhã	chato	antes	não sabe	arco íris	ariá	arfinete	acampô
9	amanhã	ladainha	antes	durmiu	arco-íris	ariano	alfinete	não sabe
10	manhã	molação	antes	dormiu	arco-íris	limpá	fecho	acampô
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	amanhã	runha	agora	durmiu fora	arco-íris	ariá	alfinete	acampá
12	amanhã	molação	antes	morreu	arco-íris	lavá	alfinete	não tem educação
13	amanhã	chatice	antes	não sabe	arco-íris	ariá	alfinete	folgada
14	manhã	tristeza	antes	visita	arco-íris	ariá	alfinete	acampá
15	amanhã	chatice	antes	não sabe	arco-íris	ariá	alfinete	hospedou

16	manhã	não sabe	in antes	passei a noite	arco da véia	ariá	arfinete	barraca
17	amanhã	tragédia	antes	acolher	arco-íris	ariá	alfinete	sem luxo
18	amanhã	chatice	antes	hospedou dormiu	arco-íris	ariá	alfinete	intruso
19	amanhã	chatice	antes	durmi	arco-íris	ariá	alfinete	acampá
20	amanhã	danação	antes	durmiu	arco-íris	ariá	alfinete	entrão
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	amanhã	não sabe	antes	deu pousada	arco-íris	ariá	alfinete	posô
22	amanhã	não sabe	agora	dormiu	arco da véia	ariá	alfinete	arranchô
23	manhã	chatiada	antes	passei a noite	arco iri	ariá	afinete	acampô
24	manhã	chato	antes	durmiu	arco-íris	ariá	arfinete	arranchô
25	manhã	não sabe	antes	dormiu	arco da véia	ariá	finete	arranchada
26	amanhã	tormenta	antes	passô as horas	arco-íris	areá	alfinete	hospedou
27	amanhã	nojenta	antes	durmiu	arco-íris	ariá	afinete	barraca
28	manhã	manha	antes	não sabe	arco-iri	ariá	arfinete	acampano
29	amanhã	molação	antes	pernoitou	arco-íris	ariá	arfinete	forgado
30	amanhã	incomodar	primeiro	não sabe	arco-iri	ariá	finete	hóspe

Infor.	Perguntas							
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	105	106	107	108	109	110	111	112
1	ARREMINADA	ARRESPONDÊ	ARTÊRO	SOMBRAÇÃO	ATENTA	AZORETADA	BANGUELA	BARBELA
2	ingnorante	respondê	artêro	assombração	atenta	meio loco	banguelo	barbela
3	nervosa	responder	levado	sombração	atenta	confuso	banguelo	barbela
4	nervosa	responder	baguncêro	sombração	atenta	depressão	banguelo	não sabe
5	arritado	respondê	artêro	sombração	atenta	doido	banguela	barbela
6	estressada	responde	saudável	espírito	atenta	não sabe	banguela	não sabe
7	estressante	respondê	baguncêro	sombração	atenta	doido	banguela	barbela
8	nervoso	respondê	artêro	sombração	atenta	doido	banguela	não sabe
9	nervoso	respondê	saudável	sombração	atenta	confuso	banguela	barbela
10	chata	respondê	artêro	não sabe	atenta	meio doido	banguela	barbela
	nervoso	responde	artêro	sombração	carrega	não sabe	banguelo	bigode
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	injuada	respondê	artioso	sombração	atenta	pertubado	banguela	barbela
12	istressada	respondê	artioso	sombração	atenta	istressada	banguelo	barbela
13	istressada	respondê	arteiro	sombração	atenta	isquecido	banguela	barbela
14	nervosa	respondê	baguncêro	sombração	atentado	deprimido	banguela	barbela
15	nervoso	respondê	sadio	alma penada	aparece	preocupado	banguela	barbela
16	ignorante	responde	artêro	sombração	atenta	estressado	banguela	barbela
17	ignorante	responder	artêro	sombração	atenta	pertubado	banguela	barbela
18	injuado	responder	artêro	sombração	pega	luado	banguelo	barbela

19	insuportável	respondê	levado	sombração	atenta	não sabe	banguela	barbela
20	ingnorante	respondê	sapeco	sombração	atenta	doido	banguela	barbela
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	ingnorante	responder	travesso	sombração	atenta	doida	banguela	barbela
22	nervoso	responder	artêro	sombração	atente	atordoadado	banguela	barbela
23	istressada	respondê	artêro	não sabe	atenta	pertubado	banguela	barbela
24	difícil	respondê	artêro	sombração	tenta	confundido	banguela	barbela
25	nervosa	respondê	levado	sombração	atenta	nervoso	banguelo	barbela
26	nervosa	responder	artêro	sombração	atenta	nervosa	banguela	cordão
27	nervosa	respondê	levado	sombração	atenta	nervoso	banguelo	barbela
28	estranho	respondê	levado	sombração	atenta	enraivadado	banguela	barbela
29	sistemático	respondê	artêro	sombração	atenta	confusão	banguelo	barbela
30	brutaião	respondê	artioso	sombração	atenta	pertubado	banguelo	barbela

Infor.	Perguntas							
	113	114	115	116	117	118	119	120
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	BARRIÁ	BATE-BOCA	BENÇA	BERÉVA	BESTÁ	BIBÓCA	BINGA	BOSSOROCA
1	emboçano	baten boca	bênção	ferida	não sabe	não sabe	bic	valeta
2	barriano	bate-bôca	bença	furungo	conversa fiada	fundão	não sabe	valeta
3	barriano	discurtino	bênção	broto	fofoca	fim do mundo	não sabe	valeta
4	não sabe	barraco	bença	pareba	não sabe	não sabe	não sabe	valeta
5	barriá	bate-boca	bença	pereba	falá abobrinha	grotão	não sabe	não sabe
6	barriano	falano demais	bença	broto	não sabe	inferno afora	não sabe	valeta
7	reboque	discurtino	bença	broto	mentira	fim do mundo	não sabe	desbarrancô
8	barriá	discussão	bença	não sabe	não sabe	deserto	não sabe	erosão
9	barriano	ranca rabo	bença	pareba	não sabe	cafundó	não sabe	orosão
10	barriá	não sabe	bença	ferida	palavrão	não sabe	binga	rêgo
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	barriá	briga	bença	pareba	palavrão	confunde	não sabe	valeta
12	barriá	não sabe	bênça	pareba	xingá	não sabe	vospik	buraco
13	barriô	bate-bôca	bênção	pareba	malcriação	distante	não sabe	valeta
14	barriou	bate-bôca	benção	pareba	jugano palavra fora	buraco	bate-bôca	vala
15	barriá	não sabe	bença	ferida	abobrinha	longe	não sabe	buracos

16	barriá	discutino	benção	pareba	não sabe	não sabe	fuzil	enxorrada
17	barrelá	confusão	bênção	pareba	mentira	distância	binga	erosão
18	barriô	confusão	bênção	pareba	bestêra	bibóca	binga , vospick	erosão
19	barriô	bateu boca	bênção	pareba	não sabe	fim do mundo	binga	erosão
20	barriá	desavença	benção	pareba	sem noção	nas grota	não sabe	valo
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	barriá	zuêra	bênção	pareba	tolice	buraco de tatu	binga	vassoroca
22	barriá	bate-bôca	bença	não sabe	falá pra boi dormi	encosta	binga	não sabe
23	barriô	furioso	bença	pereba	jogá conversa fora	distância	binga	valo
24	barriô	confusão	bença	pareba	mentira	grota	binga	valeta
25	barriá	desavença	bença	broto, furunco	gente boba	fundão	binga	enchente
26	barriá	ignorância	bença	ferida	palhaçada	mato	binga	cratera
27	barriô	discussão	bença	furúnco	candongá	êrmo	binga	não sabe
28	barriô	bate-papo	bença	pareba	bestêra	grota	binga	buquerão
29	barriá	bate-bôca	bença	pareba	desbocado	lugá suturno	binga	valeta
30	barriá	bate-bôca	bença	dodói	menti	difíci	binga	buraco de enxorrada

Infor.	Perguntas							
	121	122	123	124	125	126	127	128
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	BREGANHA	BURAQUÊRA	BÚZO	CACUNDA	CAFUNDÓ	CAIÊRA	CATINGA	CUTUCA
1	berganha	não sabe	não sabe	cadêra	grota	não sabe	fedô	encostô
2	berganha	estrada ruim	não sabe	cacunda	deserto	não sabe	murrinha	cutucão
3	troca	buracada	não sabe	coluna	não sabe	forno	catinga	cutucô
4	troca	não sabe	não sabe	coluna	não sabe	não sabe	carriça	cutucada
5	berganha	estrada ruim	não sabe	coluna	não sabe	não sabe	catinga	cutucano
6	berganha	estrada ruim	não sabe	coluna	não sabe	forno	carriça	cutucô
7	berganha	não sabe	não sabe	coluna	lugá fora de mão	forno	catinga	cutucô
8	berganha	não sabe	pé de galinha	coluna	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe
9	berganha	não sabe	não sabe	cacunda	não sabe	não sabe	catinga	cutucô
10	berganha	buracada	pé de galinha	escadêra	deserto	não sabe	catinga	tocada
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	berganha	buraqueira	não sabe	iscadêra	grota	olaria	carriça	cutucada
12	troca	buraquêra	não sabe	coluna	não sabe	forno	catinga	cutuca
13	berganha	buraquêra	não sabe	coluna	grota, buraco	não sabe	carriça	cutucada
14	berganha	buraquêra	caçarimba	cacunda	fim do mundo	cuaiêra	catinga	cutucou
15	berganha	estrada ruim	não sabe	cacunda	recantado	não sabe	morrinha	cutucar

16	breganha	costela	não sabe	coluna	não sabe	caiêra	catinga	cutuca
17	barganha	estrada runha	purrrinha	cacunda	êrmo	caiêra	catinga	cutucá
18	barganha	não sabe	pé de galinha	cacunda	cafundó do judas	caiêra	catinga	cutuca
19	berganha	costela	caçarimba	cacunda	deserto	caiêra	fedô, catinga	cutucano
20	breganha	estrada esburacada	pé de galinha	cacunda	sombrado	caiêra	carniça	cutuca
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	berganha	buraquêra	pé de galinha	cacunda	fim do mundo	não sabe	fedô	cutuca
22	berganha	buraquenta	não sabe	cacunda	não sabe	caiêra	fedorenta	cutuca
23	berganha	buraquêra	pé de pinto	iscadêra	longe	caiêra	catinga , fedô	cutuca
24	breganha	valeta	víspra	cacunda	ermo	caiêra	armísca	cutucano
25	berganha	estrada rúim	caçarimba	cacunda	fim do mundo	caiêra	catinga	cutucano
26	permuta	cancela	caçarimba	cacunda	fim de mundo	caiêra	catinga	aponta
27	berganha	estrada runha	purinha	iscadêra	êrmo	caiêra	sujêra	cutuca
28	berganha	estrada ruim	não sabe	iscadêra	lugá longe	caiêra	catinga	cutucada
29	breganha	mata-burro	buzo	cacunda	não sabe	caiêra	catinga	cutucão
30	breganha	buracada	pé de galinha	cacunda	ermo	caiêra	catinga	cutuquei

Infor.	Perguntas							
	129	130	131	132	133	134	135	136
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	CAUSO	CHACOAIÁ	CHIRINGA	CARÊSTIA	CONGADA	CÓRGO	COSQUENTA	CRIADÊRA
1	nutiça	chocalhando	siringa	absurdo	condado	correnteza	cosquenta	fina
2	caso	balança	siringa	absurdo	não sabe	rêgo	cosquenta	lubrina
3	nutiça	balançou	chiringa	bisurdo	capuêra	córgo	cosquenta	lubrina
4	caso	não sabe	chiringa	absurdo	não sabe	córgo	cocêra	nubrina
5	história	chacoalhou	siringa	caristia	não sabe	não sabe	cosquenta	não sabe
6	não sabe	chacoalhô	siringa	barbaridade	congado	não sabe	cosquenta	não sabe
7	papo	barulho	chiringa	infração	não sabe	córgo	cosquenta	encharcar
8	fato	não sabe	siringa	bisurdo	capuêra	rêgo	cosquenta	nebrina
9	caso	chucaiô	siringa	não sabe	não sabe	córgo	cosquenta	invernada
10	não sabe	balança	siringa	bisurdo	não sabe	não sabe	cosquenta	lubrina
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	mentira	balançô	siringa	careza	carneval	córrego	não sabe	lubrina
12	fofoca	matraca	aparelho	absurdo	não sabe	córgo	cosquenta	lubrina
13	istória	balançar	siringa	bisurdo	não sabe	córrego	cosquenta	chuva forte
14	fato	balançar	siringa	merda	não sabe	córgo	cosquenta	lebrina
15	caso	não sabe	chiringa	não sabe	congado	córgo	cosquenta	neblina
16	caso	sanfuniei	chiringa	caristia	não sabe	córgo	cosquenta	garoa
17	caso	balançano	siringa	caristia	congado	córgo	cosquenta	lubrina, invernagem

18	fato	chacoalhá	siringa	absurdo	congado	córrego	cosquenta	neblina, garoa
19	caso	chucalho	siringa	não sabe	não sabe	córgo	cosquenta	lubrina
20	causo	chacoiano	siringa	caristia	não sabe	córgo	cosquenta	chuva leve
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	lorota	sacudí	siringa	robaiêra	congado	córgo	cosquenta	lubrina
22	causo	sanfonão	siringa	carestia	congado	córrego	cosquenta	garoa
23	istória	agitô	siringa	caristia	congado	córgo	cosquenta	tempestade
24	estória	chucaiano	siringa	bisurdo	congado	córgo	cosquenta	inverno
25	caso	sacudi	siringa	carestia	congado	córgo	cosquenta	boa
26	fato	balançar	cheringa	caristia	congado	mina	cosquenta	invernada
27	nutiça	chacoiaô	siringa	caristia	congado	corguim	cosquenta	invernada
28	vantage	chucaiô	chiringa	absurdo	congado	córgo	cosquenta	garôa
29	não sabe	chacoaiô	siringa	caristia	congado	córgo	cosquenta	invernada
30	notiça	sacudio	chiringa	caristia	congado	córgo	cosquenta	passageira

Infor.	Perguntas							
	137	138	139	140	141	142	143	144
Faixa A – 18 a 33 anos								
	CRÉDO	CAGANÊRA	CUCHILO	DANADO	DICUMENTO	DEREITO	DESBOCADA	DESENCABEÇÔ
1	ui	caganêra	cuchilá	tudo	dicumento	certa	boca suja	não sabe
2	meu deus	dor de barriga	cuchilano	não sabe	documentos	certo	disbocado	tirô de cabeça
3	sustado	desandada	cuchilano	não sabe	documento	certo	indecente	levô pro caminho errado
4	credo	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	direito	sem ducação	não sabe
5	que susto	caganêra	cuchilano	não sabe	documentos	certo	bestêra	não sabe
6	mentira	caganêra	cuchilano	disgraçado	documento	que presta	disbocada	descabiciô
7	espanta	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	que presta	só fala bubiça	foi pro mau caminho
8	não sabe	dor de barriga	cuchilano	não sabe	documento	certo	pra frente	discabiciada
9	cruz credo	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	que presta	sem educação	não sabe
10	não sabe	não sabe	cuchilano	miór	documento	direito	sem vergonha	malandro
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	dá medo	caganeira	priguiça	muito	documento	preguiçoso	indecente	tirô o ôtro de cabeça
12	assusta	disando	cuchilano	ótimo	documento	certo	indecente	não sabe
13	espantada, curiosa	dor de barriga	cuchilo	não sabe	documento	direito	malcriada	mau caminho
14	cruiz crédo	piriri	cuchilano	bate-bôca	documento	atravessado	indecente	levano pro buraco

15	ai crédo	disintiria	vacilo	não sabe	documentos	certo	suja	maldosa
16	demoin	caganêra	cuchilano	brabo	documento	certo	linguaruda	camin errado
17	ô lôco	caganêra	soneca	não sabe	documento	que presta	fofoquêra	entortô a carrêra
18	crédo	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	certo	disbocado	pro mau caminho
19	assustei	piriri	cuchilo	não sabe	documento	perfeito	ignorante	não sabe
20	capeta	dor de barriga	sonolenta	delícia	documento	certo	bocuda	demoin puro
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	cismado	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	que serve	desbocado	estraviô
22	cruiz credo	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	certo	não sabe	não sabe
23	assustado	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	certo	linguarudo	mau caminho
24	num credito	caganêra	cuchilo	mais pôco	documento	direito	indecente	mau caminho
25	crédo	caganêra	cuchilano	não sabe	documento	certo	baxa	ruim, mau companhia
26	leva susto	caganêra	cuchilo	não sabe	documento	certo	indecente	rodeando
27	não sabe	caganêra	não sabe	não sabe	documento	certo	não sabe	não sabe
28	espanto	caganêra	cuchilo	fartura	documento	certo	não sabe	errado
29	não sabe	caganêra	cuchilano	não sabe	documentos	certo	depravada	não sabe
30	assusteio	caganêra	cuchilo	muinto	dicumento	certo	cuchichano	mardoso

Infor.	Perguntas							
	145	146	147	148	149	150	151	152
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	DISTRATÁ	DESPOIS	DEZASSEIS	ESPICÚLA	ESTAMO	ESTREPÁ	FAIÔ	FEIÇÃO
1	sem educação	depois	dizesseis	ispicúla	bucho	istrepô	preguiçosa	não sabe
2	maltratou	depois	dizesseis	sem noção	estômago	istrepou	faiô	identidade
3	sem ducação	depois	dizesseis	chato	bucho	istrepou	tratante	não sabe
4	distrata	depois	dizesseis	ispiculoso	estômago	istrepô	priguiçosa	não sabe
5	sem educação	depois	dizesseis	ispicúla	estômago	istrepô	não sabe	fisionomia
6	excluir	depois	dizesseis	fofoquêro	estâmogo	istrepa	irresponsável	não sabe
7	fez desfeita	depois	dizesseis	fofoquêra curiosa	bucho	istrepa	falhou	cara boa ou ruim
8	sem ducação	depois	dizesseis	curiosa	istamo	istrepá	não sabe	não sabe
9	ofendeu	depois	dizesseis	curiosa	bucho	istrepe	não sabe	cara
10	respondão	depois	dizesseis	não sabe	bucho	estrepada	faiô	visual
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	burro	depois	dizesseis	curioso	estômago	istrepá	priguiçoso	igual
12	não sabe	depois	dizesseis	curioso	estômago	istrepei	priguiçoso	não sabe
13	maltratô	depois	dizesseis	ispicúla	estômago	ispetada	me dexô na mão	aparência
14	grosseiro, estúpido	depois	dizesseis	chata	estômago	istrepô	deu cano	não sabe
15	sem educação	depois	dizesseis	curiosa	estômago	espinhar	preguiçoso	aparecido
16	sem educação	depois	dizesseis	ispiculante	estamo	estrepo	preguiçosa	não sabe

17	mal educado	depois	dizesseis	injuada	estômago	istrepada	priguiçoso	aparência
18	humilhou	depois	dizesseis	ispiculadô	estômago	istrepô	faiô	face
19	humilhô	depois	dizesseis	inxirido	estômago	istrepá	furão	aparência
20	mal educado	depois	dizesseis	perguntadô	bucho	istrepei	falhô	cara
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	falta de educação	depois	dizesseis	não sabe	estômago	istrepá	tratante	cara
22	não sabe	depois	dezesesseis	ispiculador	estômago	istrepá	faiô	não sabe
23	burro	depois	dizesseis	ispicúla	estômago	istrepô	priguiçoso	cara
24	sem ducação	depois	dizesseis	ispiculadô	estômago	istrepe	priguiçoso	formato
25	sem educação	depois	dizesseis	ispicúla	estamo	estrepei, espinhei	priguiçoso	feição
26	sem educação	depois	dezesesseis	não sabe	estômago	estrepei	faiô	beleza
27	não recebeu bem	depois	dizesseis	futriquêro	estômago	istrepada	mancô	simpatia
28	sem educação	depois	dizesseis	ispicúla	bucho	istrepe	não sabe	figura
29	distratô	depois	dizesseis	ispicula	estamo	istrepô	faiô	filosomia
30	bruto	depois	dizesseis	ispiculante	estamo	estrepei, espinhei	tratante	bonito

Infor.	Perguntas							
	153	154	155	156	157	158	159	160
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	FOLIA	GOLOSA	GUMITÔ	GUSPIU	IMBOLADO	IMBRUIADO	TRUQUE	ENCARANGADA
1	não sabe	guloso	gumitano	guspino	bagunçado	embrulhado	burro	incoído
2	fulia	gulosa	vumitano	cuspiu	imbolado	imbrulhado	não sabe	incarangado
3	não sabe	ingulosa	vomitou	cuspiu	bagunçado	imbrulhou	não sabe	sintino frio
4	não sabe	guloso	vumitô	cuspiu	revirado	embrulhado	não sabe	não sabe
5	folia	guloso, esganado	vumita	gospe	imbolado	imbruíá	não sabe	não sabe
6	folia	guloso	vumitô	guspiu	imbolado	imbruiado	não sabe	não sabe
7	comunidade	gulosa	vumita	cuspiu	enrolado	embrulho	não sabe	carangada
8	folia	gulosa	vumitano	guspiu	inrolado	imbrulhado	não sabe	congelada
9	fulia	golosa	vumitô	guspiu	embaraçado	imbruiado	truco	carangada
10	folia	guloso	vumitô	não sabe	inrolado	imbruiado	não sabe	congelada
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	fulieiro	gulosa	vumitô	guspiu	inrolado	imbrulhado	não sabe	trêmula
12	fulia	guloso	vumitô	guspiu	inrolado	imbrulhado	truque	duro
13	fuliêro	gulosa	vumitô	cuspiu	inrolado	imbrulhado	não sabe	incarangado
14	fulia	isganado	vumitô	guspiu	imbola	imbruiado	não sabe	duro
15	folia	ansioso	vumitô	cuspiu	imbolado	embrulhado	não sabe	não sabe
16	foliêro	esganada	vumitano	cuspiu	embaraçado	imbruiado	truco	incarangada
17	fulião	isganado	vumitô	guspiu	imbolado	imbruiado	truco	gelada
18	fuliêro	gulosa	vumitô	cuspiu	imbolado	imbruiado	truque	incolhido

19	fuliões	gulosa	vumitô	cuspiu	inrolado	imbrulhado	truque	dura
20	fulião	gulosa	vômito	gospe	imbolado	imbrulhado	truque	congelado
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	folião	isganada	vumitô	cuspiu	imbaraçado	inrolado	truco	incarangado
22	folia	gulosa	vomitou	cuspiu	imbolado	empacotado	truco	incarangada
23	fulia	guloso	vumitô	cuspiu	imbolado	imbrulhado	iscôpa, marimbo	não sabe
24	fulia	guloso	vumitô	cuspiu	imbaraçado	imbrulhado	truque	carangada
25	folieiro	guloso, esganado	vumitô	cuspiu	imbolado	imbruio	truque	carangada
26	folieiro	gulosa	fez vômito	cuspiu	imbolô	imbruiado	truco	tremendo
27	fulia	guloso	vumitô	cuspiu	inrolado	imbruiado	truque	incarangado
28	fulia	isganada	gumitano	cuspiu	imbaraçado	imbruio	truque	carangado
29	fulia	isganado	vumitô	cuspiu	imbaraçado	imbruiado	truque	incarangado
30	folia	guloso	vumitô	cuspiu	imbolá	imbruiado	não sabe	incoída

Infor.	Perguntas							
	161	162	163	164	16	166	167	168
Faixa A – 18 a 33 anos								
	INDEREITÁ	INGAMBELÁ	INJUEI	INZEMPRO	ISCÁ	JANTA	JINELA	JIRAU
1	panhô juízo	falsidade	injuei	não sabe	iscá	janta	janela	grade
2	indereitano	calotêro, covarde	istufado	exemplo	iscano	janta	janela	jirau
3	cunsertou	passano a perna	infasiado	exemplo	isca no anzol	janta	janela	jirau
4	não sabe	não sabe	injuei	exemplo	não sabe	janta	janela	não sabe
5	consertô	prometeno	empanzinada	exemplo	iscá	janta	janela	estandaqui
6	não sabe	mentino	injuô	exemplo	iscô	janta	janela	não sabe
7	enganano	conserto	empanzinei	exemplo	não sabe	janta	janela	estandaco
8	miorô	não sabe	panzinei	inzempro	iscá	janta	janela	não sabe
9	consertou	não sabe	injuá	exemplo	iscô	janta	janela	tarimba
10	direitô	fez de bobo	injuei	exemplo	colocá	janta	janela	jirau
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	indereitô	mau	infarado	exemplo	iscá	janta	janela	istandaqui
12	panhô juízo	inganano	injuei	exemplo	iscá	janta	janela	tarimba
13	indereitô	pessoa falsa	infarado	exemplo	não sabe	janta	janela	tarimba
14	indereitano	mentira	impanzinado, infasiado	exemplo	não sabe	janta	janela	istalêro
15	tomou rumo	traição	estou triste	exemplo	não sabe	janta	janela	tábua

16	endereitô	iludiu	istorá	não sabe	colocá no anzol	janta	janela	istandáqui
17	indireitô	mintiroso	injuado	exemplo	iscar	janta	janela	jirau
18	tomô um rumo	mentir	infasiado	exemplo	iscá	janta	janela	tarimba
19	indereitô	lorota	istufei	exemplo	iscá	janta	janela	tarimba
20	indereitô	desonesto	enfastiado	exemplo	não sabe	janta	janela	tarimba
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	indireitô	inganano	enfartei	exemplo	não sabe	janta	janela	tarimba
22	indireitô	não sabe	injuei	exemplo	iscá	janta	janela	tarimba
23	indereitá	enganá	ansiado	exemplo	não sabe	janta	janela	tarimba
24	indereitô	perdeno tempo	tô farto	exemplo	minhoca	janta	janela	tarimba
25	tomou rumo	iludiu	istorá	não sabe	colocá no anzol	janta	janela	tarimba
26	acertô	mentir	fastio	bem estar	iscá	janta	janela	parreira
27	cunsertô a vida	inganano	tô empanzinado	inzempro	iscá	janta	janela	estandaqui
28	está certo	fazeno de bobo	infartado	inzempro	iscá	janta	janela	jirau
29	direitô	enganando	ansiado	exemplo	figá	janta	janela	tarimba
30	miorou	mentiroso	injuei	favor	iscá	janta	janela	cavalete

Infor.	Perguntas							
	169	170	171	172	173	174	175	176
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	LAMBADA	MADORNA	MANTA	MASCATE	MUNDÉU	PAGEÁ	PANCADA	PARTE
1	coça	insônia	manta	vendedô	não sabe	cuida	doido	trato
2	lambada	madorna	prejuízo	viajante	não sabe	babá	lôca	parte
3	chicotada	cuchilo	facada	viajante	não sabe	babá	sem juízo	não sabe
4	cordada	cuchilado	manta	não sabe	não sabe	cuida	maluco	não sabe
5	chicotada	madorna	prejuízo	não sabe	não sabe	babá	tantã	parte
6	lambada reiada	não sabe	tombo, manta	mascate	esconderijo	ficar de babá	pertubado	parte
7	chicotada	disacordado	manta	não sabe	tapera	não sabe	doido	não sabe
8	côro	sono	ferrada	não sabe	arataca	babá	doida	parte
9	reiada	madorna	manta	não sabe	não sabe	não sabe	pertubado	não sabe
10	isfolada	cuchilo	manta	não sabe	não sabe	cuida	doido	não sabe
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	lambada	sonolência	manta	negociante	não sabe	babá	doida	parte
12	côro	não sabe	manta	não sabe	arataca	babá	doida	parte
13	chicotada	madorna	tombo	não sabe	não sabe	babá	lôco	parte
14	reiada	madorna	tombo	vendedô	toca	babá	lôco	trato
15	não sabe	não sabe	manta	mascate	não sabe	cuidar	doido	parte
16	lambada coça	madorna	manta	não sabe	trepeça	vigiano	doido	parte
17	reiada	modorna	manta	ambulante	iscora	oiá	doido	parte ruim
18	lapada	não sabe	manta	sacolêro	arapuca	pagiá	lôco	parte

19	chicotada	madorna	pregada	mascate	não sabe	babá	luado	parte
20	lapada	madorna	manta	mascate	arupuca	babá	doido	parte
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	reiada	madorna	rasteira	não sabe	arataca	oiano	maluco	não sabe
22	lambada	madorna	manta	mascate	urupuca	page	pancado	parte
23	lambada	madorna	manta	mascate	não sabe	oiano	pertubada	não sabe
24	reiada	modorna	manta	vendedô	jangada	babá	sem juízo	tentado
25	lambada	madorna	não sabe	mascate	não sabe	não sabe	desorientada	parte
26	ripada	madorna	manta	mascate	não sabe	não sabe	sem juízo	parte
27	surra	madorna	manta	não sabe	armadia	pageá	lôco da cabeça	tentação
28	reiada	leve	manta	ambulante	jirau	page	doido	parte
29	chicotada	madorna	manta	mascate	pirigo	page	aéreo	parte
30	doeu	madorna	manta	viajante	mundéu	pagiá	doidura	mardade

Infor.	Perguntas							
	177	178	179	180	181	182	183	184
Faixa A – 18 a 33 anos								
	PATETEÁ	PATUÁ	PENDENGA	PERCISA	PERCURÁ	PERNADA	PETECADA	PICUMÃ
1	boba	coração	briga	corajoso	precurá, caçá	caminhada	bonita	não sabe
2	pasmo	amuleto	confusão	precisa	procurar	pernada	exagerado	picumã
3	em choque	não sabe	não sabe	ter cuidado	procurar	caminhada	pareceno muito	não sabe
4	babacada	não sabe	bagunça	cuidado	procurá	caminhada	periquitada	pocumã
5	bobo	não sabe	não sabe	não sabe	procurá	pernada	não sabe	picumã
6	lesado	não sabe	bobiça	andá armado	procurá	pernada	enfeitada	picumã
7	sem ação	não sabe	tristeza	tê fé	procurar	caminhada	periquitada	picumã
8	não sabe	não sabe	não sabe	não sabe	procurar	pernada	arrumada	pocumã
9	abobado	não sabe	peleja	corajoso	procurá	pernada	não sabe	picumã
10	parado	não sabe	rixa	cuidado	procura	pernada	bonita	picumã
Faixa B – 34 a 49 anos								
11	abobado	simpatia	briga	sombrada	procurar	caminhada	infeitada	picumã
12	passada	não sabe	coisa	sombrado	procurar	viage	feia	picumã
13	abobado	simpatia	confusão, bagunça	não sabe	procurar	caminhada	empencada	picumã
14	assustado	simpatia	não sabe	tem que têr	procurar	pernada	periquitada	picumã
15	assustado	não sabe	não sabe	precisa	procurar	pernada	periquitada	picumã

16	pateta	não sabe	pindaíba	animado	procura	passada	mitidez	picumã
17	pasmado, sem rearção	não sabe	tragédia	corajoso	procurar	passada	piriquitada	picumã
18	não sabe	não sabe	merda	corajoso	procurar	pernada	empiriquitada	picumã
19	não sabe	escapulário	novela	aventurêro	procurar	pernada	não sabe	picumã
20	sem rumo	não sabe	discussão	corajoso	procurá	pernada	pererecada	picumã
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	gagá	agnos dei	não sabe	não sabe	caçar	pernada	empetecada	picumã
22	bobo	capuchinho	novela	preciso	procurá	pernada	empetecada	picumã
23	não sabe	patuá	compricação	corajoso	procurar	pernada	piriquitada	picumã
24	pasmo	defruço de peito	encrenca	pirigoso	procurá	caminhada	perequetada	picumã
25	não sabe	patuá	confusão	corajoso	procurá	pernada	enfeitada	picumã
26	sem rumo	imagem	desavença	não sabe	procurar	pernada	bonita	picumã
27	disisperada	cordão	sem saída	pirigoso	caçá	pernada	petecada	picumã
28	raivoso	não sabe	pirraça	procurano	procurá	caminhada	enfeitada	picumã
29	lerdo	não sabe	pidigão	corajoso	procurá	caminhada	exagêro	picumã
30	zozna	não sabe	disconcorda	não sabe	precurá, caçá	pernada	vaidoso	picumã

Infor.	Perguntas							
	185	186	187	188	189	190	191	192
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	PINICÁ	PINTA	PISSUIR	POISÁ	PÓRVA	POVARÉU	PREGUNTA	PUXADO
1	beliscadin	pinta	ter	hospedado	pólvora	povoado	pergunta	cômodo
2	não sabe	pintô	conquistou	posá	póiva	muncado de gente	pergunta	puxado
3	aperto	não sabe	ficano rico	não sabe	póiva	união	pergunta	puxado
4	não sabe	pinta	não sabe	pousada	póiva	mutirão	pesquisa	cômodo
5	não sabe	pintou	não sabe	não sabe	não sabe	multidão	pergunta	cômodo
6	pinicadim	pintô	não sabe	dormi	pórva	turma	pergunta	não sabe
7	chama atenção	o diabo	tem bens	hospedô	pórva	mutirão	perguntar	puxado
8	tocá	pinta	vender	não sabe	pólvora	povoado	teste	quarto
9	não sabe	pintô	panhei	posa	pórva	não sabe	pergunta	puxado
10	beliscadinha	pintô	não sabe	cordado	pórva	turma	pergunta	puxado
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	biliscão	artioso	bens	hospedar	pórva	povoado	pesquisa	aumento
12	biliscão	pinta	comprou	não sabe	pórva	povoado	não sabe	crescente
13	não sabe	pintô	não sabe	arranchá	pólvora	tumulto	pergunta	puxado
14	pinicão	pintô	negociar	posá	não sabe	montão	pergunta	puxado
15	não sabe	pinta	obter	dormir	pórva	não sabe	pergunta	puxado
16	com dó	pintô	ficano rico	passá a noite	prólva	mutirão	pergunta	puxado
17	pinicão	pintô	negociante	pousá	pórvora	mutidão	pergunta	puxado
18	não sabe	não sabe	não sabe	pousá	pólvora	tumulto	perguntar	puxado

19	pinicão	pintô	comprei	pousada	pólvora	gentiaria	pergunta	puxado
20	não sabe	vantajoso	não sabe	posá	pólvora	muita gente	pergunta	puxado
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	pinicão	pinta	possuir	posada	pórva	povoado	pergunta	puxado
22	não sabe	pinta	posse	pousa	pólvora	não sabe	pergunta	puxado
23	pinicão	pintô	ficá rico	posô	pórva	povaréu	pergunta	puxado
24	pinicado	bagunça	adquiri	comodá	pórva	multidão	pergunta	puxado
25	pinica	pintô	panhei	posá	pórva	multidão	pergunta	puxado
26	apertadinha	pintô	suceder	ficar	pólvora	povão	pergunta	aumento
27	pinicão	não sabe	adquiri	posô	pórva	povão	pergunta	puxado
28	não sabe	não sabe	adquiri	posô	pórva	povoado	pergunta	puxado
29	não sabe	pintô	não sabe	posada	pórva	mutirão	pergunta	acrécimo
30	biliscãozin	artioso	ganhei	passa noite	pórva	povaréu	pergunta	coberta

Infor.	Perguntas							
	193	194	195	196	197	198	199	200
	Faixa A – 18 a 33 anos							
	RÉIVA	SAPECÁ	SASTIFEITO	SOJIGÁ	SUNGÔ	TRAQUEÁ	TUTAMÉIA	VARIANO
1	nervosa	sapecá	cheio	não sabe	sungá	peido	miséria	doida
2	raiva	sapecá	sastifeito	segurar	não sabe	pum	merreca	invariano
3	nervoso	sapecou	sastifeito	prendeno	levantou	peidô	não sabe	delirano
4	raiva	não sabe	satisfeito	não sabe	regaça	peidá	não sabe	variano
5	nervoso	sapecá	sastifeito	segura	não sabe	pum	porcaria	delirano
6	raiva	sapecá	satisfeito	pertá	levantô	porqueza	não vale nada	delirano
7	raiva	sapecá	satisfeito	não sabe	levantô	pum	micaria	alterada
8	nervosia	sapecá	satisfeito	não sabe	levantô	peidá	micaria	delirano
9	raiva	sapecá	sastifeito	não sabe	levantou	peido	não sabe	delirano
10	raiva	sapecá	cheio	não sabe	levantá	peida	pouco	desalimado
	Faixa B – 34 a 49 anos							
11	raiva	sapecar	satisfeito	ispremê	regaçou	peido	não vale nada	doente
12	istresse	sapecá	cheio	segurá	sungá, regaça	pum	não sabe	variá
13	istresse	sapecá	sastifeito	forte	não sabe	pum	não sabe	delirando
14	istressado	sapecá	satisfeito	não sabe	levanta	peido	não sabe	delirano
15	raiva	sapecá	sastifeito	sujigá	levantou	peido	migalha	delirando
16	estressado	sapecá	satisfeito	não sabe	arregaça	peido	micaria	delirano
17	raiva	sapecá	satisfeito	sujigá	sungô	peidá	migaia	variano
18	nervoso	sapecá	não sabe	impiá	assunga	peidá	merreca	variano
19	nervoso	sapecá	satisfeito	não sabe	sungá	peido	micaria	delirano

20	raiva	sapecá	sastifeito	prendê	Puxo	falta de educação	coisa barata	delirando
Faixa C – 50 anos ou mais								
21	enfezado	sapecá	satisfeito	agarrá	sungá	peidá	merreca	variano
22	raiva	sapecá	satisfeito	não sabe	sungá	peido	micaria	delirano
23	nervoso	sapecá	satisfeito	bruto	regaçô	peidá	coisa à toa	delirano
24	nervosia	sapecá	satisfeito	sujigá	suspendeu	peidô	não vale nada	variano
25	raiva	sapecá	sastifeito	segurá	sunguei	peido	micaria	variano
26	nervoso	sapecá	satisfeito	sujigá	regaçô	peido	miséria	delirando
27	nervosia	sapecá	sastifeito	abordô	levantô	peido	tutaméia	vacilano
28	nervoso	sapecá	satisfeito	não sabe	suspendeu	peidô	quantia	variano
29	nervoso	sapecá	satisfeito	não sabe	não sabe	peido	porcaria	variano
30	nervoso	sapecá	sastifeito	segurar	arregaçá	peido	porcaria	variano

"O material que conseguimos reunir é pouco, e ainda não estará livre de incertezas e dúvidas; mas foi colhido da própria realidade viva do dialeto, e tão conscienciosamente como o mais que vai exposto nas outras partes deste trabalho."

Amadeu Amaral" (O dialeto caipira, pág.74)



ISBN. 978-65-5869-126-6

